

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

LISIANE MACHADO AGUIAR

**Processualidades da cartografia
nos usos teórico-metodológicos de pesquisas em comunicação social**

SÃO LEOPOLDO

2011

A282p

Aguiar, Lisiane Machado.

Processualidades da cartografia nos usos teórico-metodológicos de pesquisas em comunicação social / Lisiane Machado Aguiar. – 2011.

150 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2011.

“Orientadora: Dra. Nísia Martins do Rosário.”

1. Comunicação – Pesquisa. 2. Deleuze, Gilles, 1925-1995.
3. Guattari, Felix, 1930-. I. Título.

CDD 302.2

CDU 316.77

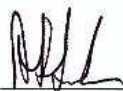
LISIANE MACHADO AGUIAR

**“PROCESSUALIDADES DA CARTOGRAFIA NOS USOS TEÓRICO-
METODOLÓGICOS DE PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO SOCIAL”**

Monografia (Dissertação)
apresentada à Universidade do
Vale do Rio dos Sinos como
requisito parcial para obtenção do
título de mestre em Ciências da
Comunicação.

Aprovado em 25 de março de 2011

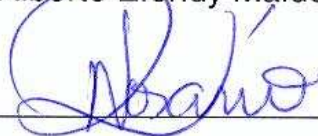
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva – UFRGS



Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado – UNISINOS



Profa. Dra Nisia Martins do Rosário – UNISINOS

*Para Nísia... amiga... mestra... oráculo...
que me incentivou desde os primeiros
passos na minha caminhada acadêmica...*

Agradeço...

*aos meus pais...
porto seguro... amor verdadeiro...*

*à Nísia...
pela inspiração... pela confiança...
pelo equilíbrio no descompasso...*

*ao Zabka...
pela travessia no enigma do amor...*

*ao grupo do Processocom...
por ensinar a cumplicidade...*

*aos mestres Efendy e Jiani...
pela acolhida intelectual... e... pela amizade...*

*ao mestre Alexandre...
por me fazer pensar o inimaginável...*

*aos colegas e amigos...
que me ajudaram neste projeto...
em especial aos parceiros paraenses
Alex... e... Lindomal...*

*ao CNPq... auxílio fundamental
para a realização desse mestrado...
dessa pesquisa... da transformação de uma vida...*

*ao grupo da Kabbalah...
pelo conforto espiritual-psicológico...*

*aos cavalos... paixão que me proporcionou os melhores lampejos...
durante os galopes... saltos... cavalgadas... enduros...*

*Eu não sou mais eu,
mas uma aptidão do pensamento
para se ver e se desenvolver através
de um plano que me atravessa em vários lugares...*

Gilles Deleuze e Félix Guattari em O que é filosofia, 1997, p. 86.

RESUMO

O conceito de cartografia, extraído do trabalho conjunto de Deleuze e Guattari, vem sendo utilizado por diversos campos do conhecimento, como um processo teórico-metodológico. Estudar os usos teórico-metodológicos da cartografia na comunicação significa trilhar percursos de pesquisa pouco realizados, que ainda estão se inventando, mas que necessitam de uma configuração própria, ou seja, descobrir a sua dimensão teórico-metodológica é um elemento crucial para se pensar a própria epistemologia da comunicação. Dessa forma, o objetivo central dessa pesquisa é *investigar como se configuram os usos teórico-metodológicos da cartografia de Deleuze e Guattari em suas processualidades nos trabalhos acadêmicos do campo da comunicação*. Para dar conta desse objetivo a pesquisa invoca a perspectiva epistêmica *transmetodológica*, que tem como premissa central, a confluência metodológica de diversas estratégias para trabalhar com as problemáticas comunicacionais. Logo, essa pesquisa não somente busca avançar sobre os usos da cartografia na área como, também, procura aprofundar sobre as dimensões teórico-metodológicas realizadas no campo da comunicação.

Palavras-chave: Cartografia. Deleuze e Guattari. Transmetodologia.

RESUMEN

El concepto de cartografía, extraído del trabajo conjunto de Deleuze y Guattari, se ha utilizado en diversos campos del conocimiento como un proceso teórico y metodológico. Analizar los usos teóricos y metodológicos de la cartografía en los estudios de comunicación implica un camino poco explorado, pero que necesita de su propia configuración, o sea descubrir su dimensión teórica y metodológica es fundamental para pensar la propia epistemología de la comunicación. Por lo tanto, el objetivo central de este trabajo es investigar el modo en que se configuran los usos teóricos y metodológicos de la cartografía de Deleuze y Guattari en sus processualidades en los trabajos académicos del campo de la comunicación. Para alcanzar este objetivo el diseño de la investigación tiene como base la perspectiva epistémica *transmetodológica*, cuya premisa fundamental es la confluencia de diversas estrategias metodológicas para abordar las problemáticas de la comunicación. Por lo tanto, esta investigación no sólo pretende avanzar el estudio de la cartografía en el campo, sino que también busca profundizar en las dimensiones de los enfoques teóricos y metodológicos adoptados en el ámbito de la comunicación.

Palabras clave: Cartografía. Deleuze y Guattari. Transmetodología.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vias do encontro com a cartografia.....	12
Figura 2: Trabalhos que usaram teórico-metodologicamente a cartografia de Deleuze e Guattari.....	14
Figura 3: Trabalhos selecionados para o <i>corpus</i>	15
Figura 4: Os princípios do rizoma.....	21
Figura 5: Dez premissas da perspectiva transmetodológica.....	27
Figura 6: As processualidades dos usos da cartografia.....	32
Figura 7: Diagrama do Trabalho A.....	36
Figura 8: Diagrama do Trabalho B.....	37
Figura 9: Diagrama do Trabalho C.....	38
Figura 10: Diagrama do Trabalho D.....	39
Figura 11: Diagrama do Trabalho E.....	40
Figura 12: Diagrama do Trabalho F.....	41
Figura 13: Diagrama do Trabalho G.....	42
Figura 14: Diagrama do Trabalho H.....	43
Figura 15: Guia de leitura das questões.....	44
Figura 16: Guia de leitura das respostas sobre a problemática.....	45
Figura 17: Guia de leitura das respostas sobre o objeto.....	57
Figura 18: Guia de leitura das respostas sobre a justificativa.....	61
Figura 19: Guia de leitura das respostas sobre a dimensão teórico-metodológica.....	66
Figura 20: Referências bibliográficas dos trabalhos sobre o <i>agenciamento</i>	70
Figura 21: Referências bibliográficas dos trabalhos sobre a <i>atualização</i>	71
Figura 23: Referências bibliográficas dos trabalhos sobre a relação <i>entre</i>	72
Figura 24: Guia dos conceitos e/ou metáforas criadas.....	73
Figura 25: Guia de leitura das respostas sobre as potencialidades e/ou limitações.....	75

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	11
2 PROCESSUALIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	19
2.1 Um primeiro percurso teórico-metodológico sobre a cartografia.....	20
2.2 A transmetodologia para uma leitura <i>crítica-heurística-interpretativa</i>	27
2.2.1 Diagrama dos trabalhos selecionados.....	35
2.2.1.1 Trabalho A - <i>As multiplicidades espaciais</i>	36
2.2.1.2 Trabalho B - <i>Graffitações televisivas</i>	37
2.2.1.3 Trabalho C - <i>Mídias, Subjetividade e Terceiro Setor</i>	38
2.2.1.4 Trabalho D - <i>Dez mandamentos de Jorge Furtado</i>	39
2.2.1.5 Trabalho E - <i>Mapas do encontro</i>	40
2.2.1.6 Trabalho F - <i>Escutas em musicoterapia</i>	41
2.2.1.7 Trabalho G - <i>A casa subjetiva</i>	42
2.2.1.8 Trabalho H - <i>Personagem-Rizoma</i>	43
3 A LEITURA CRÍTICA-HEURÍSTICA-INTERPRETATIVA.....	44
3.1 Que problema e/ou objetivo de pesquisa acionou o uso da cartografia?.....	45
3.2 Como a cartografia é usada na construção do objeto empírico da pesquisa?.....	58
3.3 Como explicam e/ou justificam o uso da cartografia na comunicação?.....	62
3.4 Como os conceitos de Deleuze e Guattari e/ou de outros autores que abordam o conceito de cartografia foram usados teoricamente?.....	66
3.5 Como a cartografia foi usada para o desenvolvimento da dimensão metodológica?.....	67
3.6 Que potencialidades e/ou limitações o uso da cartografia ofereceu para a comunicação?.....	76
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	
<i>O que está passando entre o conceito de cartografia, desenvolvido por Deleuze e Guattari, e seus usos teórico-metodológicos no campo da comunicação?.....</i>	<i>81</i>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86
APÊNDICE A - Programas de Pós-Graduação em Comunicação.....	92
APÊNDICE B - Esquema de leitura dos trabalhos.....	99
ANEXO A – Resumo dos trabalhos selecionados.....	143
ANEXO B – CD dos trabalhos.....	150

1 APRESENTAÇÃO

Apresentar um trabalho é uma tarefa difícil. Por onde entrar?

Pelas motivações da pesquisa? Pelos objetivos? Pelo problema? Pela construção do objeto? Depois de muitas tentativas... de testar todas essas possibilidades... um vislumbre: era necessário oferecer, primeiramente, ao leitor, um panorama das vias que direcionaram à temática desse estudo, melhor dizendo, apresentar uma composição das trilhas que foram constituindo essa *cartografia* que me inquieta. Assim, adentro no presente texto tentando oferecer ao leitor uma contextura diagramática – mais organizada do que se deu na prática, acredito – das tramas que foram moldando essa pesquisa. Tento explicitar de que maneira a cartografia de Deleuze e Guattari foi me afetando, me estimulando a compor um *corpus* e me incitando a investigá-la.

Nessa perspectiva, o presente capítulo não assume exatamente o formato mais ortodoxo de uma introdução. Contudo, a proposta é de expor os agenciamentos que foram se configurando no desenvolvimento da pesquisa e organizando o texto de forma que o leitor possa acompanhar algumas das processualidades da própria pesquisa e da pesquisadora. Tais processualidades, no exercício e na vivência da pesquisa, envolveram conexões constantes e inerentes entre aspectos teóricos, empíricos e metodológicos; da mesma forma, não puderam ser arranjados aqui nas mesmas temporalidades que ocorreram no desenvolvimento da investigação.

As inquietações referentes ao *uso teórico-metodológico da cartografia de Deleuze e Guattari* que motivaram essa pesquisa na área da comunicação são reflexos de diversas vias, as quais apresento, primeiramente, num diagrama para melhor visualização do leitor.

O que quero assinalar é que, em cada um desses envolvimentos acadêmicos, a cartografia mostrou-se um assunto de relevância na área de pesquisa na qual estive inserida, tanto teoricamente quanto empiricamente. Desse modo, o envolvimento com a cartografia não é resultado apenas de uma aproximação apriorística, mas de uma trajetória empírica no enfrentamento desse assunto e que, evidentemente, me afetou e me inquietou. As questões geradas sobre esse tema não se desenvolveram somente com o auxílio do material teórico, mas, inicialmente, na tentativa de usar, no Trabalho de Conclusão, o próprio processo

cartográfico como método, daí surgiram alguns desafios e questões que tensionaram¹ a própria teoria e metodologia adotada.



Figura 1: Vias do encontro com a cartografia.

A partir dessas diferentes vias, realizei uma *pesquisa exploratória* tendo como alvo outros trabalhos acadêmicos que utilizaram o método cartográfico. Selecionei alguns trabalhos desenvolvidos na linha de pesquisa Mídias e Processos Audiovisuais do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS (PPGCCOM). Percebi que se desenvolviam relativamente bem no âmbito teórico. Porém, constatei que no âmbito empírico, ou seja, no uso da cartografia como método ou como metodologia, havia dificuldade de transportar e/ou incorporar os conceitos e noções teóricas para construir o objeto empírico.

¹ Não no sentido de negar, recusar ou encontrar defeitos, mas articulando-os em convergência.

A princípio, pensei que isso se devia unicamente ao fato de que os próprios conceitos trabalhados pela cartografia a partir das concepções de Deleuze e Guattari, bem como todo referencial teórico que o constitui, por advir de outras áreas, não conseguiam atender as demandas dos objetos comunicacionais. Desse modo, tornava-se, evidente, para mim, naquele momento, a necessidade de estudar os usos teórico-metodológicos da cartografia voltados à área da comunicação. Nessa via, era preciso levar em conta que uma concepção de cartografia na comunicação só seria possível na conjugação de um olhar atento e detalhado sobre o material teórico e sobre o material empírico e, ainda, sobre uma proposta metodológica que inter-relacionasse construções conceituais ao entrelaçamento de lógicas diversas.

A primeira pesquisa exploratória diagnosticou a necessidade de um estudo em que vislumbrei o delineamento do meu objeto de investigação. Todavia, era preciso saber se haviam mais trabalhos de pesquisa que operavam com a cartografia na área da comunicação no Brasil, para, assim, ter certeza da relevância do estudo. Por outras palavras, busquei a configuração de um *corpus* possível para além de trabalhos realizados no PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos.

Dessa forma, passei a investigar no banco de teses *online* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no banco de dados *online* dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Para isso, foram considerados os trinta e sete programas filiados na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação/COMPÓS. A lista completa dos Programas de Pós-Graduação juntamente com os nomes dos trabalhos encontra-se no APÊNDICE A.

Tendo em vista as diversas abordagens para se pensar o conceito de cartografia - bem como suas contradições em relação a desenvolver-se como um método - as palavras-chaves que melhor contribuíram para a seleção dos trabalhos, no campo de busca “assunto” da Capes; da Biblioteca Digital (BDTD); e, nos trinta e sete Programas de Pós-graduação em comunicação foram: “*cartografia, Deleuze, Guattari*”.

No site da Capes foram localizados (até o dia dezesseis de janeiro de 2011) oitenta trabalhos que usaram *teórico-metodologicamente a cartografia de Deleuze e Guattari*, dos quais foram analisados os resumos buscando uma “primeira seleção”. Obtive com esse processo três teses (3 da PUCSP) e seis dissertações (2 da PUCSP, 2 da UNISINOS, 1 da UFRJ, 1 da UNESP) da área da comunicação.

Os outros trabalhos encontrados dividem-se nas seguintes áreas: trinta e cinco na psicologia; vinte e dois na educação; quatro nas artes; dois na sociologia; um na saúde

coletiva; um nas letras; um na literatura; um na arquitetura; um na música; um em políticas públicas, um na enfermagem em saúde pública; um nas artes cênicas. Esse segundo recorte não caracteriza o *corpus* final, mas funciona como uma pesquisa exploratória mais delineada a fim de conhecer os usos da cartografia em outros campos de conhecimento.

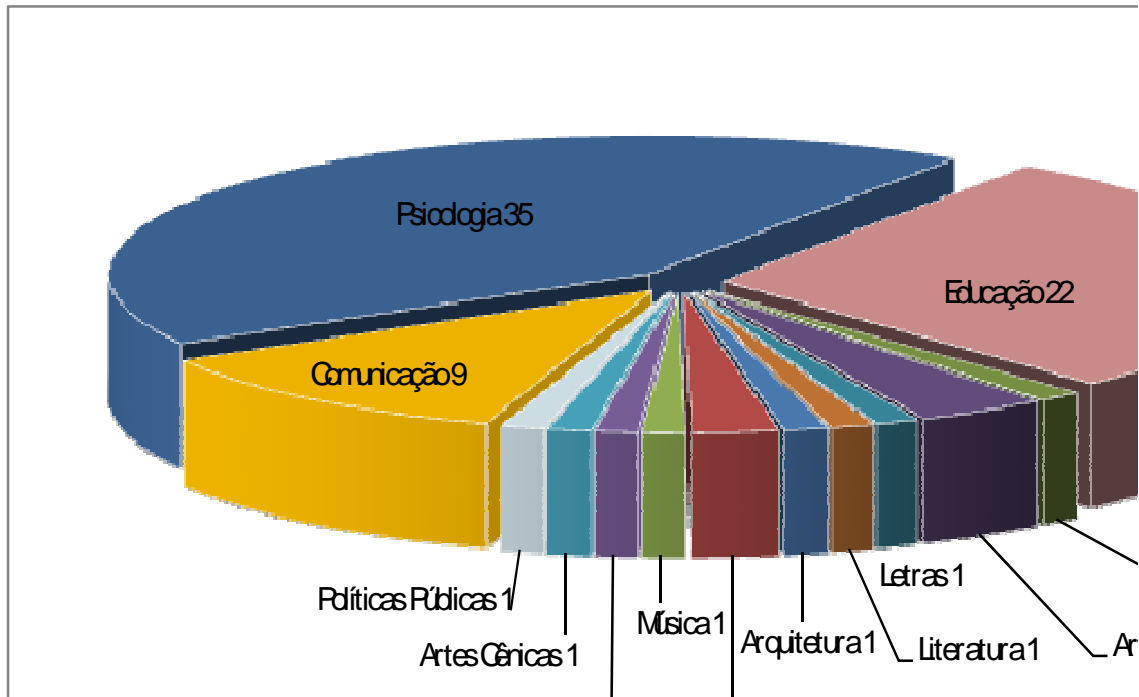


Figura 2: Trabalhos que usaram teóricamente a cartografia de Deleuze e Guattari.
Fonte: Banco de teses da Capes

Um terceiro movimento conduziu a procurar diretamente no banco de dados *online* dos trinta e sete Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Nessa pesquisa foram encontrados mais duas teses e uma dissertação da PUCSP e cinco dissertações da UNISINOS. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foram encontrados três trabalhos, mas que já faziam parte da seleção anterior.

Dessa forma, considerando todos os trabalhos encontrados na área da comunicação, o total foi de: cinco teses e três dissertações da PUCSP; sete dissertações da UNISINOS; uma dissertação da UFRJ; uma dissertação da UNESP.

A partir dessa primeira coleta usou-se como critérios de seleção: a proporcionalidade entre as instituições; o olhar mais abrangente para os usos da cartografia, não se limitando a apenas uma linha de pesquisa ou orientador; e ainda a diversidade de temáticas. Portanto, o *corpus* selecionado para essa pesquisa foi de:

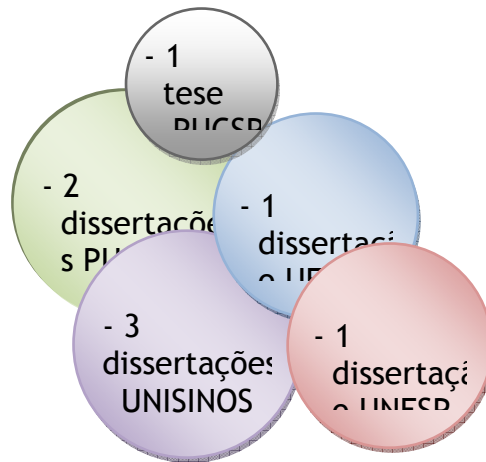


Figura 3: Trabalhos selecionados para o *corpus*.
OBS: Os resumos desses trabalhos foram colocados no ANEXO A.

As inquietações que foram se desenvolvendo ao longo das primeiras aproximações com o objeto - *usos teórico-metodológicos da cartografia de Deleuze e Guattari na comunicação* - permitiram observar que em cada trabalho selecionado a cartografia foi acionada para estudar diferentes objetos. Assim, para que a pesquisa pudesse manter uma visão processual do conjunto a ser analisado, busco refletir sobre as *processualidades* presentes nesses trabalhos quando, sem essa referência, se perceberia apenas elementos isolados.

Dessa forma, diferentemente da *produção processual de dados* que poderiam ser gerados ao observar essas dissertações, a *processualidade*, segundo Barros e Kastrup (2009, p. 74), “se prolonga no momento da análise do material, que se faz também no tempo, com o tempo, em sintonia com o coletivo”. Com isso, para a compreensão do processo como processualidade, devemos partir do reconhecimento de que o tempo todo estamos em processo, em obra. Permito-me pensar com Jesús Martín-Barbero (2004), para o qual é necessário passar *dos meios às mediações*, ou ainda, refletir com sua frase sintomática, na qual é necessário *perder o objeto para ganhar o processo*.

Portanto, pensando em assegurar a processualidade, bem como a sintonia entre a comunicação, a cartografia e ainda a diferentes objetos, a questão-problema orientadora da pesquisa ganhou a seguinte formulação²: ***O que está passando entre o conceito de cartografia, desenvolvido por Deleuze e Guattari, e seus usos teórico-metodológicos no campo da comunicação?***

² Segundo Bergson (2006) *formular* o problema é tão importante quanto *resolver* o problema, pois há problemas que já estão resolvidos, as soluções encontram-se apenas cobertas restando apenas ‘descobri-las’. Para o autor “formular o problema, porém, não é simplesmente descobrir, é inventar.” (2006, p. 20).

Essa construção desenvolvida a partir da perspectiva da *processualidade* busca explorar o emaranhado de linhas que compõem o conceito de cartografia na sua relação com a comunicação, ou seja, procura pensar esses temas não como dois pontos estanques, mas como uma linha que se move ‘entre’ esses assuntos. Não como uma simples relação, mas como um ‘entre-lugar’. Como definiram Deleuze e Guattari (1995a) uma lógica do ‘e’. Dessa forma, esse processo tem como princípio o próprio movimento, tecido como a conjunção ‘e... e... e...’.

“*Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra (...)”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995a, p. 37, grifo nosso). Nesse *entre* há uma acumulação amorfa de partes justapostas em infinita dobra. Não há fronteiras, mas dobras sobre dobras.

Desse modo, as primeiras *dobras* realizadas até o momento abriram passagem para avançar na problematização e delinear o objetivo central dessa pesquisa que é *investigar como se configuram os usos teórico-metodológicos da cartografia de Deleuze e Guattari em suas processualidades nos trabalhos acadêmicos do campo da comunicação*.

Para dar conta desse objetivo a pesquisa invoca a concepção epistêmica *Transmetodológica* (MALDONADO, 2008, 2006, 2003, 2002), que tem como premissa central, a confluência metodológica de diversas estratégias para trabalhar com as problemáticas comunicacionais, frente a seu caráter *transdisciplinar, multicontextual e multidimensional*. Permitindo, de acordo com Maldonado (2008), uma experimentação teórica e metodológica dos processos de pesquisa, observação, análise, crítica, articulando-os em convergência.

A perspectiva transmetodológica ajuda não somente a manter uma abordagem metodológica aberta para estudar a cartografia, mas, sobretudo pode auxiliar teoricamente a compreender a natureza híbrida da comunicação. Quando falo em um saber comunicacional é importante esclarecer que ainda estamos em uma fase de construção do campo das ciências em comunicação sendo de suma importância fazer reformulações teórico-metodológicas e realizar a *pesquisa da pesquisa*³ para fazer avançar os conhecimentos na área.

³ Segundo Maldonado a pesquisa da pesquisa “propõe-se numa perspectiva epistemológica histórica/genética/construtiva/política que problematiza os paradigmas e modelos teóricos, explicitando-os na sua configuração interna – sistemas de hipóteses, categorias, conceitos e noções - e vinculando-os às suas fontes de conhecimento precedentes e contemporâneas. Isso significa problematizações teóricas aprofundadas que estudem com respeito, sistematização e senso crítico os argumentos teóricos de cada modelo, realizando uma *desconstrução* minuciosa - que requer de *tempos lógico-reflexivos* adequados ao amadurecimento da pesquisa – e reformulando questões teóricas em inter-relação com outras vertentes conceituais importantes para a problematizações em comunicação.” (2003, p. 206, grifo do autor).

Assim sendo, esse trabalho, primeiramente, pode gerar importantes contribuições para a própria formação epistêmica da área da comunicação já que são poucas as pesquisas que se voltam para os estudos teórico-metodológicos. Em segundo lugar, tendo em vista que a própria Comunicação é um campo relativamente novo (WALLERSTEIN, *et al.*, 1996) em relação a outras áreas do conhecimento e que busca construir suas próprias especificidades, a pesquisa proposta busca sua relevância na perspectiva metodológica que procura contribuir para o desenvolvimento dos procedimentos investigativos da área. Dessa maneira, essa enriquecedora perspectiva tornou possível o presente estudo que foi condensado em três capítulos, com suas especificidades e respectivas subdivisões.

O segundo capítulo, intitulado *Processualidades teórico-metodológicas*, apresenta o percurso metodológico do trabalho constituído sobre uma perspectiva epistemológica transmetodológica. Esse capítulo vai apresentar processualidades teórico-metodológicas que compuseram a presente pesquisa – as quais, na verdade, foram muito mais inter-relacionais e caóticas do que estão apresentadas aqui, contudo sabe-se que é necessário um ordenamento dos processos de forma que eles sejam mais facilmente entendidos. Um primeiro movimento foi feito no sentido de ampliar a visão sobre o conceito de cartografia. Paralelamente, foram surgindo as inquietações sobre como desenvolver a pesquisa empírica. Em seguida, vieram dúvidas sobre os conceitos de método e metodologia para, então, acionar a necessidade de elaborar uma proposta de procedimento metodológico apropriada e ajustada aos objetivos e problemáticas da pesquisa. Tais movimentos ocorreram numa trama entre o teórico e o empírico, entre resoluções, inferências, descaminhos e retomadas.

Uma das maiores preocupações na realização desta pesquisa era pensar uma construção metodológica que permitisse um exame aprofundado e uma leitura crítica dos trabalhos que usaram a cartografia de Deleuze e Guattari. Contudo, essa leitura crítica não significa encontrar os equívocos, mas ser *heurística-interpretativa*⁴ ao investigar como se configuram esses diferentes usos dentro de uma competência comunicacional. Para perceber tais indícios num conjunto de trabalhos com objetos tão variados era necessário submetê-los a um mesmo modo de esquadrihamento. Porém, é importante destacar que não se trata de eliminar a diversidade, mas de conectar as multiplicidades e conseguir articular esses usos num mesmo âmbito de questionamento e debate. O objetivo operativo é investigar o que a

⁴ Inspirado pelo *Seminário Transmetodologia em Ciências da Comunicação*, ministrado pelo Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado. Uma postura *heurística-interpretativa* combina *práxis* teórica e empírica no processo das descobertas, produções e formulações do conhecimento, a interpretação situa-se longe de ser apriorística, pois ao articular mutuamente a relação teoria/prática a inferência não é apenas especulativa, mas heurística permitindo trabalhar com as dissertações e teses de forma renovadora.

cartografia faz – as suas configurações metodológicas sobre: *os problemas e objetivos de pesquisa; a construção do objeto empírico; o desenvolvimento da dimensão teórica e metodológica; o reconhecimento das potencialidades e/ou limitações desse uso da cartografia na comunicação*. Esses são alguns pontos que, através da abordagem transmetodológica, ajudaram na definição de parâmetros para observar os trabalhos selecionados.

No terceiro capítulo, nomeado *A leitura crítica-heurística-interpretativa*, buscou-se conectar os dados de todos os trabalhos e as informações relativas às questões metodológicas, procurando um aprofundamento teórico e empírico acerca do que foi encontrado. Nessa etapa, apresentou-se com mais ênfase a necessidade da *crítica-heurística-interpretativa*, tendo em vista obter subsídios para responder à questão problema que conduziu a presente pesquisa, ou seja, *o que está passando entre o conceito de cartografia, desenvolvido por Deleuze e Guattari, e seus usos teórico-metodológicos no campo da comunicação*.

2 PROCESSUALIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Foi um trajeto bastante extenso para chegar a uma proposta metodológica que investigasse as processualidades dos usos teórico-metodológicos da cartografia de Deleuze e Guattari nas pesquisas em comunicação no Brasil. Primeiramente, surgiram as inquietações e as dificuldades relativas a como desenvolver e escolher os procedimentos metodológicos para uma investigação sobre os usos de método/metodologia, sobretudo tendo em vista que são escassas as pesquisas nessa linha. Foi preciso considerar, também, as especificidades próprias da cartografia, sua ligação com o rizoma⁵, as correntes teóricas que a engendram, os posicionamentos de Deleuze e Guattari.

Defrontando-se com essas dificuldades foi possível vislumbrar potencialidades na *transmetodologia* (MALDONADO, 2008, 2006, 2003, 2002), como agenciadora de caminhos pertinentes ao estudo de teses e dissertações da área de comunicação que utilizavam a cartografia. Guiada pela concepção transmetodológica foi possível conceber uma abordagem metodológica, com vistas a uma postura *multilética*⁶ para acolher e inter-relacionar saberes heterogêneos, impulsionando um saber propriamente comunicacional, sobretudo considerando que a cartografia tem uma origem etimológica na geografia e é apropriada e transformada na filosofia, na psicologia, na educação, entre outros.

Dessa maneira, a proposta metodológica foi sendo desenvolvida e reformulada à medida que avançavam os estudos teóricos, a pesquisa exploratória e a pesquisa empírica. Contudo, para auxiliar o leitor nessa trama, que foi articulada em conjunto e repleta de idas e vindas, busca-se apresentar, primeiramente, na forma de eixos centrais um guia dos principais movimentos desse capítulo:

- *Um primeiro percurso teórico-metodológico sobre a cartografia*, tendo em vista o objeto dessa pesquisa - *usos teórico-metodológicos da cartografia de Deleuze e Guattari na comunicação*. Tal caminho foi construído a partir da fundamentação teórica e do trabalho da investigação empírica. Percebeu-se, nesse processo, que o conceito de cartografia de Deleuze e Guattari aparece na obra *Mil Platôs* (1995a) como o quinto princípio do rizoma. Todavia, encontramos uma atualização desse conceito como método de pesquisa a partir do referencial

⁵ O rizoma na obra de Deleuze e Guattari (1995a) serve como uma metáfora para que o pensamento não seja paralisado por um modelo hierarquizado como a de uma árvore (raiz/caule/folhas), mas múltiplo como o de um rizoma que faz o pensamento proliferar.

⁶ Na concepção de Maldonado “refere-se à compreensão dos processos, fenômenos e práxis de inter-relacionamentos dialéticos múltiplos, que expressam a densidade e riqueza do *concreto em movimento*.” (2008, p. 36).

teórico vindo, principalmente, das áreas da psicologia e da educação. Dessa forma, o objetivo operativo foi desenvolver um primeiro percurso teórico-metodológico sobre a cartografia.

- *O segundo percurso foi o da transmetodologia para uma leitura crítica-heurística-interpretativa* para pensar a construção metodológica para um exame aprofundado e uma leitura crítica dos trabalhos que usaram a cartografia teórico-metodologicamente era necessário submetê-los a um mesmo modo de esquadramento. O objetivo operativo, como já foi dito, é investigar o que a cartografia faz – as suas configurações metodológicas sobre: *os problemas e objetivos de pesquisa; a construção do objeto empírico; a dimensão teórica e metodológica; o reconhecimento das potencialidades e/ou limitações desse uso da cartografia na comunicação*. Essas são algumas questões que através da abordagem transmetodológica ajudaram na definição de parâmetros para observar os trabalhos selecionados. Esses parâmetros serão retomados, após trazer o percurso teórico-metodológico sobre a cartografia.

2.1 Um primeiro percurso teórico-metodológico sobre a cartografia

Nesse primeiro momento não se procura trazer uma definição categórica do que seja a cartografia, mas contextualizá-la, permitindo, ao leitor, conhecer as trilhas que inspiraram esse estudo.

De início é relevante dizer que a cartografia, como é entendida aqui, ultrapassa o sentido etimológico de ‘carta escrita’⁷, tampouco fica restrita ao campo das ciências geográficas. É uma cartografia que vem sendo usada no processo teórico-metodológico de pesquisas acadêmicas como uma via alternativa para diferentes perspectivas de estudo.

A especificidade desse uso acadêmico é a de invocá-la a partir das concepções de Gilles Deleuze e Félix Guattari para utilizá-la como um método e/ou procedimento de pesquisa, tendo em vista que empregar “o método da cartografia de Deleuze e Guattari” é uma proposta que vem se constituindo no Brasil em diversas áreas do saber⁸ a partir, principalmente, do que os autores escreveram no livro *Mil Platôs* (1995a).

Nesse livro, a cartografia aparece como um dos princípios do rizoma. Os autores, para compor o conceito de rizoma, enumeram seis características aproximativas que são chamadas

⁷ Do Latim *charta* - Grego *chartes*, carta + *graph* de *graphein*, escrever.

⁸ Mais intensamente na Psicologia e na Educação.

de princípios. Desse modo, tal conceito é constantemente ativado em muitos trabalhos para ajudar a pensar as mais diversas questões⁹ científicas. É comum, ao falar sobre o rizoma, citar seus princípios. Assim, se o leitor é familiarizado com eles, é desnecessário ler o trecho a seguir. Contudo, optamos por falar novamente deles, pois o conceito de cartografia aparece pela primeira vez no quinto princípio e quem não os domina necessita dessa abordagem para melhor compreender esse conceito.

Para expor os princípios propostos por Deleuze e Guattari entendo como adequado apresentar um diagrama em *aliança*¹⁰ a partir da interpretação de suas abordagens. É relevante observar que essa noção de rizoma, que considera seus princípios, está bastante ligada ao próprio conceito de cartografia, sobretudo por que os princípios do rizoma parecem ser, também, os princípios da cartografia.

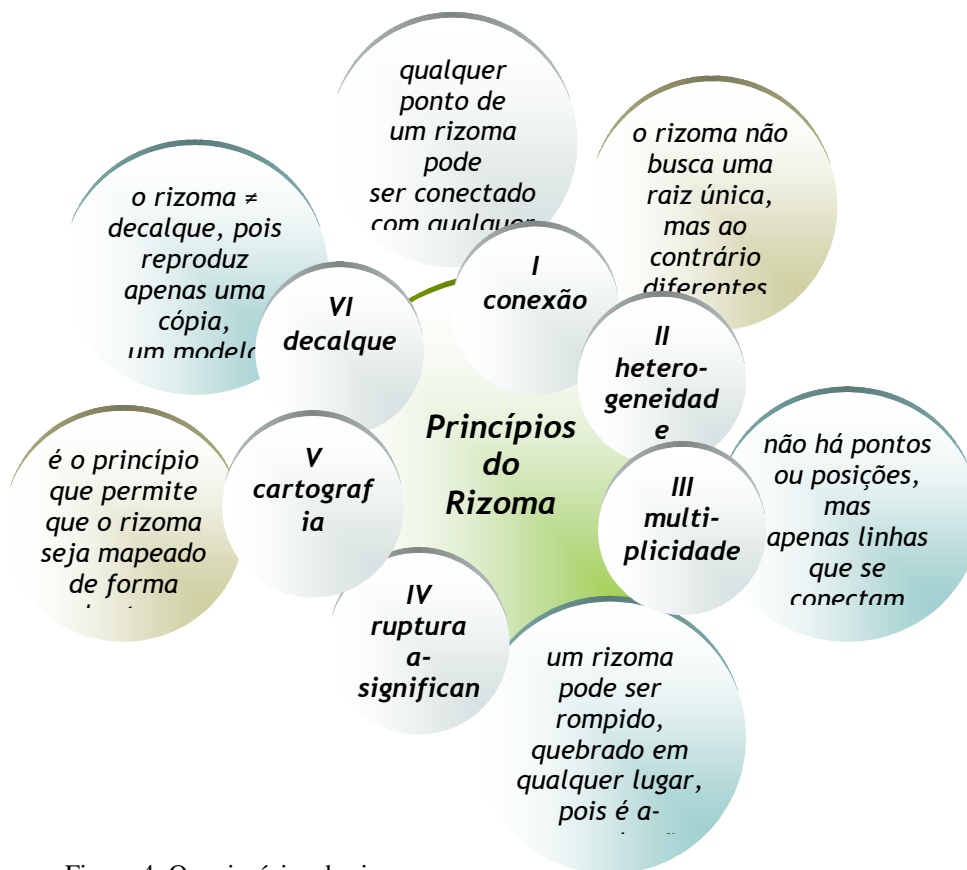


Figura 4: Os princípios do rizoma.

⁹ No campo da comunicação, por exemplo, ele é muito usado para refletir sobre as redes. O conceito de rede é parecido com o de rizoma, pois a rede é formada de linhas e não de formas espaciais. Pouco importa o tamanho dessas linhas, pois tanto as diminuindo como as aumentando não deixam de ser uma rede, o que importa são as suas conexões e não os seus limites. Por isso, de acordo com Kastrup, “a rede deve ser entendida com base numa lógica das conexões, e não numa lógica das superfícies”, isso quer dizer que não há um contorno definido e uma superfície determinada, o que existe é um “todo aberto, sempre capaz de crescer, através de seus nós, por todos os lados e em todas as direções”. (KASTRUP In FONSECA e KIRST et. al, 2003, p. 53).

¹⁰ De acordo com Deleuze e Guattari “o rizoma é aliança, unicamente aliança” (1995a, p. 37), pois ele não começa nem conclui nada, ele se encontra sempre entre as coisas, no meio delas.

O primeiro e o segundo princípios de *conexão* e *heterogeneidade* informam que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado com qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995a, p. 15). O rizoma é livre, ou seja, conecta-se por contato e desenvolve-se por qualquer direção infinitamente. Não busca uma raiz única, mas, ao contrário, diferentes naturezas, efetuando o descentramento.

O terceiro princípio, da *multiplicidade*, é a teoria/ciência do ser, a ontologia mais importante, pois é através dela que Deleuze e Guattari conseguem expressar a relevância das variedades, das pluralidades, das singularidades, das minorias, das superioridades, enfim, das múltiplas linhas que compõem um objeto científico. Afirmam que “(...) uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mudem de natureza (...)” (Ibid., p. 16). Isso ocorre porque não há pontos ou posições como se encontra em uma estrutura, mas apenas linhas que se conectam heterogeneamente.

O quarto princípio, da *ruptura a-significante*, explica que as linhas são permanentemente móveis de tal modo que “um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (Ibid., p. 18). O rizoma “é um sistema a-centrado não hierárquico e não significativo” (Ibid., p. 33). Assim, pode haver sempre um devir linha que unida a outra faz a reposição contínua e incessante.

O quinto e o sexto princípio da *cartografia* e da *decalcomania* alertam que o rizoma só funciona como um mapa, quando se entende que o “mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói” (Ibid., p. 22). Ao contrário, o decalque reproduz apenas uma cópia, um modelo estrutural.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (...). Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas (...). (Ibid., p. 22)

A proposta de Deleuze e Guattari é que *Mil Platôs* fosse pensado como um rizoma, um livro diferente que não busca a natureza do livro clássico, imitando a árvore, e na qual o pensamento é realizado na unidade e no aprofundamento de uma reflexão teórica. *Mil Platôs* foi construído para ser um livro que possibilitasse a multiplicidade e a criação de conceitos.

Desse modo, a cartografia deixa de ser apenas uma arte ou ciência de compor cartas geográficas, e passa a ser vista, também, pelo prisma do que se convencionou chamar de

filosofia da diferença. Deleuze e Guattari buscam, em diferentes territórios, as especificidades necessárias para compor uma área, que é dinâmica, sempre movente. Mas, a que isso leva? Leva a perceber que, para adentrar na filosofia desses autores, é preciso se desvencilhar do que é fixo, do que busca uma verdade absoluta, uma unidade. Segundo Deleuze, sua união com Guattari resultou na tentativa de construir uma filosofia: “Uma filosofia é o que tentamos fazer, Félix Guattari e eu, em *O anti-Édipo* e em *Mille Plateaux*, sobretudo em *Mille Plateaux* que é um livro volumoso e propõe muitos conceitos” (DELEUZE, 1992, p. 170). A filosofia passa a ser, para eles, criação de conceitos¹¹.

De acordo com Deleuze a invenção de tantos conceitos se deve ao fato de cada um ter um passado e um trabalho anterior: Guattari em “psiquiatria, em política, em filosofia, já rico em conceitos, e eu com *Diferença e repetição e Lógica do sentido*. Mas não colaboramos como duas pessoas. Éramos sobretudo como dois riachos, que se juntam para fazer “um” terceiro, que teria sido nós”. (Ibid., p. 170-171). Como esses riachos se cruzaram?

É importante, observar, ainda, que em maio de 68, em uma Europa que ansiava por mudanças após ter passado por inúmeras barbáries, vários pensadores, muitos vezes referidos como “pós-modernos”, “pós-estruturalistas”¹² começam a buscar novas formas de pensar a filosofia por uma via que a religasse com a vida¹³ cotidiana. Deleuze e Guattari adotaram a ética como a estética da existência, na qual a existência pode ser vista por um prisma político, não como uma política de acumulação de forças para fazer governo, mas ver o poder político como desejo de legitimar a vida. Um percurso primeiro para isso seria assumir a imanência e não uma essência, ou seja, buscar a diferença não como uma coisa positiva ou negativa, mas uma diferença sem modelos, em processo, em movimento.

Quando escrevem *Mil Platôs*¹⁴, Deleuze e Guattari contam - no prefácio para a edição Italiana - que dão um passo a frente em terras desconhecidas que em *O anti-Édipo*¹⁵ haviam

¹¹ Apenas para citar alguns que desenvolveram em *Mil Platôs*: máquinas-desejantes, corpo-sem-órgãos, linhas de fuga, territorialização, desterritorialização, rizoma, ritornelo, cartografia, hecidades, platôs.

¹² Coloco entre aspas os conceitos de “pós-modernos”, “pós-estruturalistas”, pois essa denominação coloca os autores em uma categoria linear, assim como faz a historiografia que para contar o passado delimita o tempo, sem colocá-los no plano do acontecimento, do devir, da imanência do vivido. Nessa mesma época, outros autores como Foucault, Derrida, Barthes, citando apenas os mais familiares, sem esgotar todos que contribuíram para um projeto construtivista, também renunciaram novas ideias de pensamento para esse novo século.

¹³ Para Deleuze a “vida está em toda parte, em todos os momentos que tal ou qual sujeito vivo atravessa e que tais objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos”. (DELEUZE, 2010, s/ p.).

¹⁴ Unidos escreveram também quatro livros, o primeiro, em 1972, intitulado *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*; em 1975, *Kafka: por uma literatura menor*; em 1976 iniciaram *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (no Brasil dividido em cinco volumes); por último, em 1980, *O que é filosofia?* É importante observar que *Mil platôs* é a continuação e o fim de *Capitalismo e Esquizofrenia*, cujo primeiro tomo é *O anti-Édipo*.

sido vistas apenas de longe e, por isso, indicam muitas direções de pensamento. Contudo, os autores apontam três temas centrais. O primeiro tema informa que a sociedade pode ser pensada como uma *multiplicidade*, que ao fugir de um modelo estrutural buscam suas *linhas de fuga* sem rumo e direção formando um caos, mas que somente nessa contradição é que podemos encontrar o inusitado. A *linha de fuga* é uma *desterritorialização*, ou seja, possibilidade de romper com um sistema já estabelecido. Assim, é uma questão de produção, e não de representação. O segundo tema central aponta que, mesmo que essa *multiplicidade* seja formada por uma *minoría*, elas igualmente são portadoras de devires, que ao atualizar-se desestruturam o que estava estagnado, dando uma nova perspectiva à história. O terceiro, finalmente, aponta que os fluxos independentes são *máquina de guerra* que criam novos *espaços-tempo* em uma sociedade, como, por exemplo, os movimentos revolucionários e os movimentos artísticos. Vale lembrar que Deleuze e Guattari criam redes de conceitos e é isso que torna sua teoria conhecida como uma *filosofia da multiplicidade*.

Nessa breve contextualização busquei oferecer uma exploração inicial de algumas questões tratadas por Deleuze e Guattari que ajudam a compreender a que espaço-tempo o conceito de cartografia está conectado. Vimos que a cartografia foi ativada por Deleuze e Guattari como um dos princípios do rizoma. Porém, como afirmei no início desse texto, ela vem se atualizando como um método e/ou procedimento de pesquisa no Brasil. Assim, a seguir busco desenvolver algumas conexões que ajudam a melhor compreender esse movimento de transição.

No agenciamento França-Brasil-princípio-método se conectam Guattari-Rolnik. A brasileira Suely Rolnik, em 1982, acompanha a vinda de Guattari ao Brasil. Juntos escrevem: *Micropolítica. Cartografias do desejo* (1986). Em 1987 Rolnik defende sua tese em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: *Cartografia Sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial*. Em 1989 sua tese ganha uma versão livro chamada: *Cartografia Sentimental. Transformações Contemporâneas do Desejo*.

¹⁵ Para Foucault (1991) a obra *O anti-Édipo* “é um livro ético, o primeiro livro de ética que foi escrito na França desde há muito tempo (é talvez a razão pela qual o seu sucesso não se limitou a um ‘leitorado’ particular: ser anti-Édipo tornou-se um estilo de vida, um modo de pensamento e de vida)”. (Ibid., p. 83). De acordo com Foucault a obra *O anti-Édipo* trata da ética, que introduz à vida não fascista. Segundo Foucault a melhor maneira de lê-lo é abordando-o como uma arte, na qual, através de conceitos abstratos, é possível encontrar respostas a questões concretas. O livro é, também, um guia político para a vida cotidiana contra as formas autoritárias estabelecidas. Assim, é necessário que haja *máquinas desejantes*, ou seja, que o desejo passe a ser inventivo, produtivo e revolucionário, mas para que ele possa ser tudo isso em uma máquina social, formada por instituições, é necessário que se engendrem novos modos de subjetivação para que haja um processo produtivo desse desejo de liberdade.

Rolnik passa a trabalhar a cartografia como um método. Para ela “a cartografia é um método com dupla função: detectar a paisagem, seus acidentes, suas mutações e, ao mesmo tempo, criar vias de passagem através deles.” (ROLNIK, 1987, p. 6). Ela complementa que diferentemente do “mapa [que] só cobre o visível a cartografia acompanha a transformação da paisagem. É para isto aliás que ela serve. Senão não serve” (Ibid., p. 6-7).

Em 1994 Virgínia Kastrup ingressa no doutorado em Psicologia Clínica na PUCSP sob a orientação de Suely Rolnik. A partir desse encontro Virgínia Kastrup começa a trabalhar com a cartografia buscando pistas sobre esse *método*. Sim, para ela a “cartografia é um método proposto por G. Deleuze e F. Guattari e que vem sendo utilizado em pesquisas de campo voltadas para o estudo da subjetividade”. (KASTRUP, 2007, p. 15).

Cito Rolnik e Kastrup como uma das maiores expoentes que pensam a cartografia como método, mas é importante conectar a esse pensamento mais uma pesquisadora que segue por essa mesma linha. É Tania Mara Galli Fonseca professora dos Programas de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional e Informática Educativa da UFRGS. Fonseca, em conjunto com outros pesquisadores da área da educação e psicologia, vem desenvolvendo modos de trabalhar com a cartografia como uma prática de investigação. A professora é coordenadora da *Coleção Cartografias*¹⁶, que foi inspirada no livro *Cartografias e Devires. A Construção do Presente* (2003). Organizado por Fonseca e Kirst o livro é composto por vinte e oito artigos que problematizam a cartografia como um modo de produção de conhecimento.

Em setembro de 2009, quando já pesquisava sobre a cartografia, me deparei com um surpreendente lançamento: *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia o livro toma forma a partir de oito artigos desenvolvidos por pesquisadores da área da psicologia. Cada artigo desenvolve uma pista para a prática do método da cartografia. Nesse livro, Kastrup volta a repetir e amplia: “a cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto” (KASTRUP, 2009, p. 32).

É importante esclarecer que, do mesmo modo que há quem defenda a cartografia como um método, há quem defenda que ela é um procedimento metodológico. É o caso, por exemplo, de Roberto Machado. O autor que fez seu Pós-doutorado na Universidade de Paris VIII, com Gilles Deleuze, em 1985-86, assegurou que “Deleuze jamais criaria um método

¹⁶ Todos os livros que, até o momento, compõem a *Coleção Cartografias* podem ser encontrados no site da UFRGS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/colecao.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2010. Ou no site da Editora Sulina. Disponível em: <http://www.editorasulina.com.br/colecoes_det_2.php?colecao=4>. Acesso em: 28 nov. 2010.

com regras ou fórmulas para ser seguido”. A afirmação foi feita no dia 09 de junho de 2010, na Unisinos, quando ministrou uma palestra intitulada: *A geografia deleuziana do pensamento*. Nessa palestra perguntei-lhe sobre sua posição em relação à cartografia e ele foi claro ao afirmar que a cartografia seria um procedimento.

Essas diferentes posições indicam, também, perspectivas diversas na compreensão do próprio conceito de método¹⁷. Dessa forma, os autores que defendem que a *cartografia é um método* explicam que ela não segue o ponto de vista tradicional do método, que se propõe a seguir um percurso previamente determinado por regras ou protocolos na procura de uma verdade absoluta, mas busca traçar um percurso enquanto o percorre. Todavia, eles alertam que não seguir regras pré-estabelecidas não significa abrir mão do rigor, o que ocorre é uma ressignificação. “A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção”. (PASSOS *et al*, 2009, p. 11). A cartografia passa ser um caminho que deve ser experimentado e percorrido para então estabelecer suas metas.

Toda essa exposição não serve exclusivamente para contextualizar que a cartografia de Deleuze e Guattari deixou de ser pensada apenas como um dos princípios do rizoma - dentro da *filosofia da multiplicidade* - para atualizar-se também como um método. Serve, igualmente, para esclarecer que aceitá-la como um método depende da posição que é tomada sobre sua própria definição. E, ainda, faz repensar a noção de método, pois essas abordagens desestabilizam o conceito positivista de método. Dessa forma, o crescente *uso teórico-metodológico da cartografia de Deleuze e Guattari* no campo da comunicação suscita que seu uso possa apontar questões metodológicas importantes. Assim, a presente pesquisa não somente busca avançar sobre os estudos da cartografia na área como também procura aprofundar a respeito das dimensões metodológicas realizadas no campo da comunicação.

Mas como articular essas dimensões? Percebo na concepção transmitológica uma possibilidade de renovação da prática investigativa, pois consegue conjugar as problematizações teóricas com as metodológicas e com as dimensões empíricas do objeto.

¹⁷ De acordo com Passos *et al*. (2009) o sentido tradicional de método está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos* = caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas (*metás*) traçadas de partida. “Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*”. (PASSOS *et al*, 2009, p. 10). “Não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça no percurso suas metas” (PASSOS e BARROS, 2009, p. 17).

2.2 A transmetodologia para uma leitura *crítica-heurística-interpretativa*

Para explicar como a transmetodologia me auxiliou a pensar a leitura *crítica-heurística-interpretativa* dos trabalhos selecionados é necessário oferecer ao leitor, antes, alguns movimentos para ajudar a melhor compreendê-la. Para isso, serão apresentadas, primeiramente, as dez premissas que compõe a transmetodologia com uma ideia chave para depois articulá-las em conjunto. Entretanto, elas não serão retomadas de forma a repetir o que já foi desenvolvido por Maldonado, a tentativa buscada aqui é de fazer avançar esse conhecimento utilizando conceitos e propondo conexões entre elas para depois poder articular com as dimensões empíricas da presente pesquisa. Nessa lógica multidimensional Maldonado (2008) desenvolve as premissas que ajudam a melhor compreender a proposta transmetodológica.

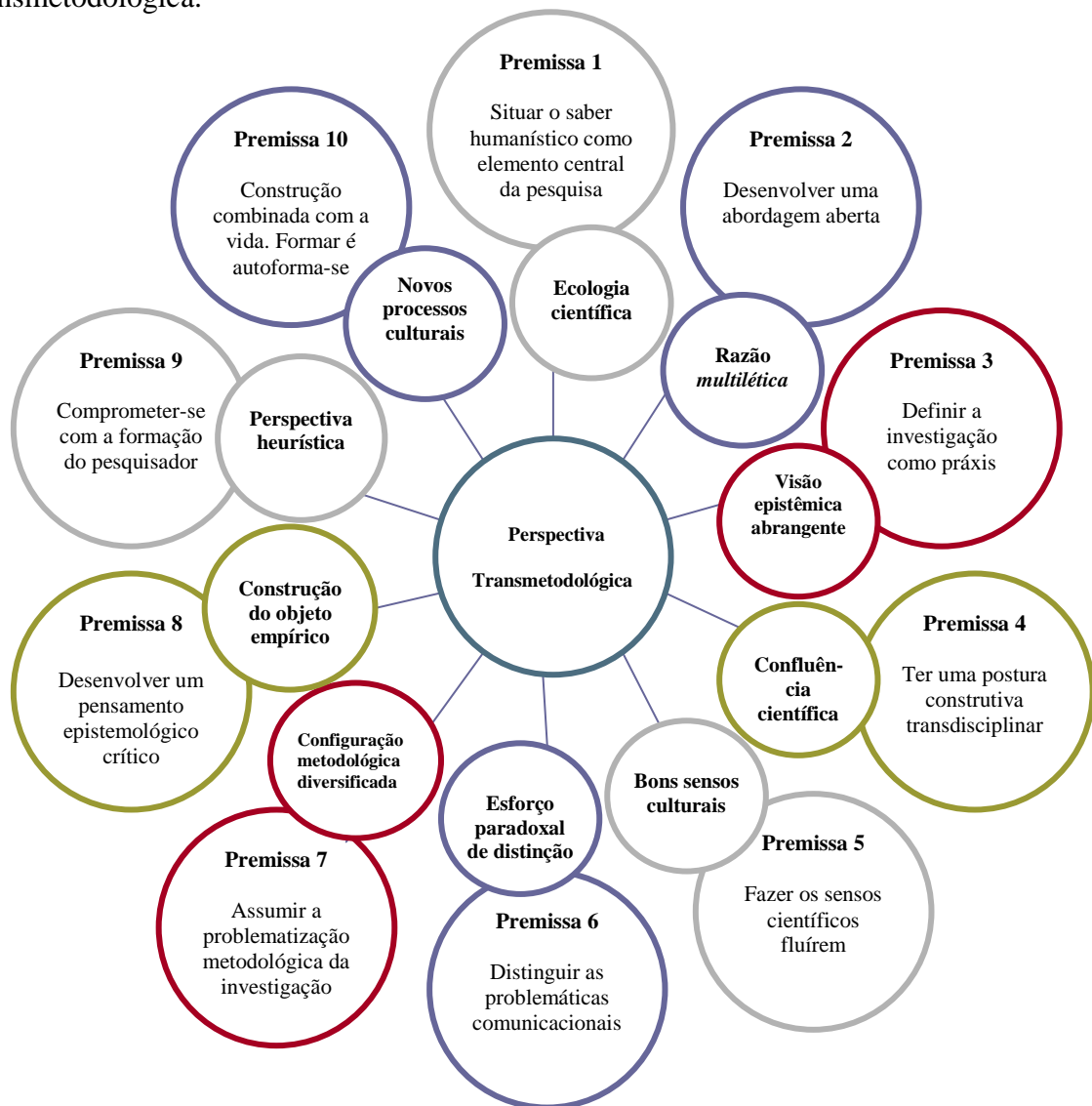


Figura 5: Dez premissas da perspectiva transmetodológica

Como em um rito de passagem, o pesquisador guiado pela perspectiva transmetodológica precisa desmistificar alguns paradigmas. O primeiro deles é livra-se de uma lógica hegemônica que visa apenas o lucro, o capital para desenvolver uma *ecologia científica*, ou seja, *é situar o saber humanístico como elemento central da pesquisa*. Para Boaventura de Souza Santos (2006) é possível promover o diálogo entre o saber científico e o saber humanístico. Dessa forma, uma ecologia científica significa “não apenas compreender o mundo ou explicá-lo, mas também transformá-lo” (2006, p.138). É fazer o conhecimento científico se confrontar com outros conhecimentos reconhecendo a diversidade. Nessa ecologia o pesquisador pode ampliar sua visão de mundo. No caso da presente investigação, por exemplo, ao estudar as mais diversas relações entre os trabalhos que usaram a cartografia, é possível perceber as diversidades de uso teórico e metodológico, bem como confrontar conhecimentos científicos gerando novos conhecimentos acerca da dimensão metodológica no campo da comunicação.

É importante reconhecer que “não há conhecimentos puros, nem conhecimentos completos; há constelações de conhecimentos” (SANTOS B., 2006, p. 154), pode-se afirmar que a diversidade epistêmica é infinita. Desse modo, para realiza uma pesquisa que busca as processualidades teórico-metodológicas de outros trabalhos é necessário ter uma *abordagem aberta* para a pluralidade. A razão deixa de ser instrumental e passa a ser *multilética*, como defende Maldonado (2008) na segunda premissa, ou seja, de diálogo múltiplo.

Nessa perspectiva de diálogo múltiplo, pensar a comunicação não significa pensar que “tudo é comunicação” ou que ela seja ciência de tudo, pois essa postura tira a comunicação do quadro de referência científica para virar parte unicamente de um valor social. O maior problema não parece ser o pluralismo teórico, mas o uso repetitivo de fórmulas e de conceitos simplesmente trazidos de outras áreas do conhecimento sem reflexão ou problematização. (MALDONADO, 2006). É importante esclarecer que essa pluralidade não é um obstáculo, pelo contrário, trouxe importantes contribuições na flexibilidade de novas conjunções como, por exemplo, a união da etnografia para os estudos das redes sociais, resultando no que conhecemos na comunicação como “netnografia”. Por outro lado, como aponta Maldonado (2003), esses usos indiscriminados “tem confundido o fazer comunicacional como um derivado dos fazeres da área de origem: são ilustrativos os casos da lingüística aplicada; sociologia da cultura; psicologia comportamental, de grupos; etnografia de audiências (...)” (MALDONADO, 2003, p. 220). Assim, é importante receber as contribuições das pluralidades de saberes na elaboração de um pensamento comunicacional, mas sempre observando as especificidades do campo.

O pesquisador, então, dotado de uma *visão epistêmica abrangente* - terceira premissa - passa a realizar *a investigação como uma práxis* de saberes heterogêneos (MALDONADO, 2008, 2006). Nessa *práxis* há um cruzamento de conhecimentos e, portanto, constante criação e renovação. Assim, “o conhecimento é interconhecimento, é reconhecimento, é autoconhecimento” (SANTOS B., 2006, p. 157). O desafio é romper com um saber centralizador, não apenas na teoria, mas como uma prática constante do processo de pesquisar. Na presente investigação foi necessário buscar e cruzar saberes diferenciados, conhecimentos de base que não aparecem diretamente aqui nesse relatório escrito, ou seja, foram justamente essas heterogeneidades, esses diversos percursos que me formam como pesquisadora e permitem o desenvolvimento de outros conhecimentos.

Nessa perspectiva, ao alimentar-se das teorias das mais diversas disciplinas é necessário *ter uma postura construtiva transdisciplinar*, ou seja, as *confluências científicas* devem servir para aprimorar ainda mais as formulações teórico-metodológicas fornecendo outras lógicas e estratégias metodológicas. Todavia, nessa quarta premissa, é importante evitar pensar o “transdisciplinar” como a superação dos conhecimentos desenvolvidos dentro dos enquadramentos disciplinares, pois esses são de certa forma uma necessidade organizativa das ciências. “O transdisciplinar tem como uma de suas condições epistêmicas a realização do disciplinar. É necessário estabelecer relações, intercâmbios, convergências, atravessamentos, reformulações *teórico/metodológicas* (...)” (MALDONADO, 2008, p. 37, grifo do autor). Essa investigação se nutre dessa premissa para buscar trabalhar de forma rigorosa com teorias que os trabalhos selecionados usavam para pensar a cartografia a partir de outros campos de conhecimento de forma a não negar o que é desenvolvido na perspectiva de outras áreas, mas buscar, nas confluências científicas, avançar sobre o entendimento de como o conhecimento cartográfico vem sendo refletido na comunicação.

Igualmente, é possível alimentar as práticas investigativas e *fazer os sentidos científicos fluírem* – quinta premissa – explorando em outros âmbitos o conhecimento como, por exemplo, nos *bons sentidos culturais* (MALDONADO, 2008; SANTOS B., 2006). No campo da comunicação temos possibilidades infinitas de alimentar nossas pesquisas com dados socioculturais. No caso da presente pesquisa, os trabalhos selecionados são uma produção não só acadêmico-científica, mas também cultural e, por isso, uma fonte de conhecimento tanto conceitual como sociocultural. Dessa forma, é possível pensar a comunicação em termos *metateóricos e metametodológicos*. Mas, o que significa isso? Significa “refletir, avaliar, reformular, desconstruir, argumentar criticamente, desenhar estratégias para a resolução de

problemáticas fortes, tanto na dimensão conceptual quanto na sua relevância sociocultural, é um desafio da conjuntura contemporânea”. (MALDONADO, 2003, p. 211).

Para saber filtrar e/ou organizar tanta informação é necessário um *esforço paradoxal de distinção das problemáticas comunicacionais* - sexta premissa - para isso é importante ter noção sobre as especificidades do campo da comunicação em termos sociohistóricos, ou seja, o caráter *multi, pluri, trans, interdisciplinar* está presente desde a formação do campo da comunicação (WALLERSTEIN, *et al.*, 1996), primeiramente, quando dentro das ciências sociais lançou mão de sua existência autônoma como disciplina, depois vivenciando uma transformação das práticas culturais *comunicacionais* contemporâneas. Essa mudança cultural na sociedade - como apontam Maldonado (2008, 2006) e Martín-Barbero (2006) - ocorre quando a mediação tecnológica comunicacional deixa de ser apenas *instrumental* para converter-se em *experimental*, ou seja, a tecnologia introduz mais do que novos aparelhos, ela produz um “novo modo de relação entre os processos simbólicos” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54). Nesse sentido, a dimensão simbólica vai sendo constantemente reconfigurada e, cada vez mais, vai instalando modos de vida ‘*multimídia*’, que, igualmente, demandam métodos de configuração *múltipla*. Essa característica permite perceber que cada problemática de investigação requer um processo repleto de especificidades, no qual as complexidades do objeto de estudo solicitam construções metodológicas próprias. Reconhecer essas especificidades em cada trabalho selecionado como *corpus* para essa pesquisa permite ver que problemáticas e como elas estão sendo acionadas para *o fazer científico do campo*.

Nessa via, Bourdieu *et al.* (2003) analisa que a construção metodológica não deve ser rígida, mas sim rigorosa. Desse modo, o fazer científico se conquista, se comprova, se constrói com rigor e rejeita o empirismo metodológico que reduz o ato científico a uma comprovação. Por isso, Bourdieu *et al.* (2003) defende a necessidade de perguntar: *o que é fazer ciência?*

Preguntarse qué es hacer ciencia o, más precisamente, tratar de saber qué hace el científico, sepa éste o no lo que hace, no es sólo interrogarse sobre la eficacia y el rigor formal de las teorías y de los métodos, **es examinar a las teorías y los métodos en su aplicación para determinar o qué hacen con los objetos y qué objetos hacen**” (BOURDIEU *et al.*, 2003, p. 25, grifo nosso).

Dessa forma, cada problema/objeto constitui especificidades que só poderão ser contempladas se houver abertura para uma *configuração metodológica diversificada*. Essa sétima premissa alerta para dois movimentos nessa pesquisa. Uma que é observar que outros procedimentos teórico-metodológicos são usados nos trabalhos selecionados. A outra é pensar os diferentes processos da presente pesquisa e para isso é imprescindível - a conjugação da

oitava premissa - um *pensamento epistemológico crítico* para poder refletir sobre a *construção do objeto empírico*. (MALDONADO, 2008, 2006; BACHELARD, 1981).

O objeto empírico, portanto, não está dado ele é resultado da inter-relação de teorias e concepções metodológicas. Essa elaboração exige do pesquisador uma *perspectiva heurística* - nona premissa - que é situar-se “longe das correntes especulativas, abstratas e formais, propondo uma *multilética* que combina *práxis* teórica e empírica no processo heurístico das descobertas, fabricações e formulações de conhecimento”. (MALDONADO, 2008, p. 40). Para isso, há um comprometimento com a própria formação do sujeito/pesquisador que deve desenvolver uma pesquisa não somente para a academia, mas para a vida, ou seja, ele forma-se e autoforma-se também com os *novos processos culturais* é “situar-se nos processos transcendentais das mudanças civilizadoras” (Ibid., p. 41) – décima premissa. Desse modo, é necessário explorar e experimentar novas formas de realizar pesquisa. “Isso só será possível se a cultura acadêmica for deixando de privilegiar lógicas burocrático/administrativas e situar a pesquisa como núcleo central da vida acadêmica”. (Ibid., p. 42). No caso da presente pesquisa essas últimas duas premissas ajudam a refletir sobre a necessidade de uma postura *crítica-heurística-interpretativa* combinando a teoria transmetodológica para pensar a teoria encontrada nos trabalhos, a interpretação situa-se longe de ser apriorística, pois, ao articular mutuamente a relação teoria/prática, a inferência não é apenas especulativa, mas heurística, permitindo trabalhar com as dissertações e teses de forma renovadora.

O movimento feito até aqui busca apresentar como a base teórica transmetodológica ajudou a pensar os procedimentos metodológicos para o estudo dos usos da cartografia na comunicação. As premissas defendidas por Maldonado colaboraram para refletir sobre a construção dos eixos metodológicos de toda a investigação, contudo ficam mais enfatizadas na proposta de análise dos trabalhos selecionados, apresentada no diagrama abaixo. Assim, para a proposta metodológica de análise das teses e dissertações foram construídos seis linhas de questionamento, que se desdobram nos objetivos específicos, conforme pode ser visualizado no diagrama abaixo:



Figura 6: As processualidades dos usos da cartografia

À luz da perspectiva transmetodológica pensar a ‘problemática’ em uma investigação, segundo Maldonado (2002) é ultrapassar a construção de um ‘problema de pesquisa’, buscando o aprofundamento, fundamentalmente, de três dimensões: da *contextualização* do problema/objeto situando-os nos seus múltiplos contextos (desenvolvido no capítulo anterior); da *pesquisa empírica* como recurso metodológico (abordagem desse e do próximo capítulo); e, da *práxis teórica* como meio de trabalhar com os conceitos de forma crítica e renovadora (terceiro e quarto capítulos). Dessa forma, quando pergunto sobre: “*Que problema e/ou objetivo de pesquisa acionou o uso da cartografia?*” não busco catalogar respostas a essa questão, mas permitir direcionar o olhar para essa contextura que o ‘problema de pesquisa’ oferece na construção de um trabalho acadêmico.

Para isso é imprescindível um pensamento epistemológico crítico visando construir o objeto empírico (MALDONADO, 2008, 2006; BACHELARD, 1981), que não está dado, mas

é resultado da inter-relação de teorias e concepções metodológicas. Logo, quando pergunto: **“Como a cartografia é usada na construção do objeto empírico da pesquisa?”** procuro observar como a cartografia é usada na dimensão teórica e metodológica para pensar o objeto

empírico. De acordo com Maldonado “o objeto empírico é um constructo científico, um

resultado, não um *a priori*; precisa da *mediação do pensamento*, da inserção dele na lógica interna, na estrutura, na dinâmica, no conteúdo profundo e no movimento integral da sua processabilidade”. (2008, p. 39, grifo do autor).

A área da comunicação tem um caráter *multi, pluri, trans, interdisciplinar* desde sua formação. Essa posição - de acordo com a perspectiva transmetodológica - não foi um obstáculo, pois promoveu importantes contribuições na flexibilidade de novas conjunturas. É, dessa maneira, relevante uma abordagem aberta para a pluralidade, porém teorias, conceitos, métodos não podem ser simplesmente trazidos de outras áreas do conhecimento sem reflexão e problematização próprias da área em questão. Desse modo, quando pergunto sobre: **“Como explicam e/ou justificam o uso da cartografia na comunicação?”** busco explorar as motivações de uso da cartografia na comunicação.

Na relação que se estabelece entre usar a cartografia para construir o ‘problema’ e o ‘objeto’, se configura o aprofundamento da dimensão teórica. Considerando que uma pesquisa não é composta de apenas uma teoria, mas de confluências gnosiológicas é necessário um esforço paradoxal de discernimento da teoria que foi desenvolvida sobre a cartografia. Assim, quando pergunto: **“Como os conceitos de Deleuze e Guattari e/ou de outros autores que abordam o conceito de cartografia foram usados teoricamente?”** busco uma linha de horizonte para focalizar sobre a dimensão teórica que é acionada para pensar sobre a cartografia.

Cada ‘problema/objeto’ possui especificidades que exigem configurações múltiplas. A dimensão teórica ultrapassa seu uso apenas na construção do problema ou do objeto empírico ela está presente em toda a pesquisa. De acordo com a perspectiva transmetodológica o saber teórico também se expressa fortemente na fase da *descrição do empírico* (MALDONADO, 2008). Conseqüentemente, quando pergunto: **“Como a cartografia foi usada para o desenvolvimento da dimensão metodológica?”** busco o desenvolvimento da *práxis teórica* para construir e refletir sobre a dimensão metodológica.

A dimensão teórica e metodológica em uma pesquisa são sempre reconfiguradas de acordo com cada problema/objeto, ou seja, através das concepções teóricas, das estratégias metodológicas, das interpretações, das operacionalizações e das formulações que são renovadas em cada investigação. Nessa multidimensionalidade, o autor que usou teórico-metodologicamente a cartografia pode apontar se seu uso ofereceu realizações férteis para a comunicação. Todavia, há de se considerar que seu uso pode não contemplar esses aspectos do processo investigativo e que cada autor aponte algum tipo de limitação. Logo, chego a mais um questão: ***“Que potencialidades e/ou limitações o uso da cartografia ofereceu para a comunicação?”***

Essas seis questões encaminharam metodologicamente o processo de investigação dos usos da cartografia de Deleuze e Guattari na área da comunicação, no Brasil. Para o exame foram selecionados oito trabalhos, conforme foi explicitado na seleção do corpus, no primeiro capítulo. As perguntas que se pode ver no esquema diagramático foram se configurando a partir da questão problema e se reconfigurando à medida que se avançava nos estudos teóricos e no desenvolvimento da pesquisa empírica. Nessa via, o processo metodológico foi se aperfeiçoando, conduzindo às interpretações dos trabalhos selecionados e apontando para as etapas relevantes de uma pesquisa. Nesse trabalho complexo de desenvolvimento da pesquisa metodológica, que envolveu propostas, ajustes, revisões, releituras, entre outros caminhos, foram realizados dois movimentos principais que serão explicados a seguir.

- **Primeiro movimento: Diagrama dos trabalhos**

Primeiramente, cada trabalho foi estudado separadamente e em profundidade, incitando a leitura e várias releituras que permitissem identificar os pontos de intensidade das pesquisas em relação às questões metodológicas (os trabalhos na íntegra estão em CD no ANEXO B). Nesse processo, que partiu do desenho de estratégias para a resolução da problemática, foram sendo extraídos os trechos que se julgou fazer referência e encaminhar respostas referentes a cada questão. Obteve-se, assim, um apanhado bastante amplo dos posicionamentos de investigação das dissertações e tese selecionadas. Nessa etapa foram preservadas as citações diretas para, num primeiro momento, manter os termos originais do texto colocados no APÊNDICE B. Contudo, buscando uma forma de permitir ao leitor um possível acompanhamento de cada trabalho sem, no entanto, ser demasiado longo e cansativo, realizou-se um diagrama que contemplasse um conjunto de argumentos relativos às linhas de investigação da metodologia. Esse movimento será mostrado ainda neste capítulo.

- **Segundo movimento: A leitura crítica-heurística-interpretativa**

O segundo movimento foi o de conectar os dados de todos os trabalhos e as informações relativas às questões metodológicas, buscando um aprofundamento teórico e empírico acerca do que foi encontrado, bem como o desenvolvimento de um pensamento epistemológico crítico que se esforce para vislumbrar as problemáticas comunicacionais. É nesse movimento que se acredita estar preparado para trazer respostas à questão problema e a ensaiar respostas para o conceito de cartografia na comunicação.

2.2.1 Diagrama dos Trabalhos: primeiro movimento

De forma a permitir ao leitor conhecer os trabalhos e conseguir mostrar como foram distinguidos os elementos de maior relevância para contemplar cada questão, buscou-se, na apresentação de diagramas, uma organização mais articulada, sucinta e concentrada dos dados coletados e, ao mesmo tempo, capaz de sustentar e dar direção às reflexões. A elaboração dos diagramas não foi tarefa fácil, exigiu poder de síntese e a retomada dos textos por diversas vezes, tendo em vista, principalmente, a tentativa de dar visibilidade e coerência às complexas propostas dos trabalhos em análise. Contudo, outro formato que fosse mais descritivo ou que primasse pelas citações diretas trazidas dos relatórios de pesquisa seriam extremamente cansativos. Assim, pode-se dizer que já ocorre uma primeira interpretação nessa etapa, mesmo que ainda se pretenda uma proximidade com as palavras do autor. Realizando esse primeiro movimento fica mais fácil compreender o segundo e o terceiro, ou seja, investigando primeiramente “o que o texto diz” para poder relacionar com “o que o texto faz”.

Montar um diagrama para apresentar ao leitor permite maximizar a compreensão do texto. Embora um texto busque certa linearidade, isso não corresponde necessariamente à ordem de composição, tampouco ao ordenamento das linhas de questionamento da proposta metodológica. O diagrama foi formado a partir de várias leituras que procuraram compreender e organizar de forma esquemática o “o que o texto diz”. O primeiro esquema – que depois originou o diagrama – se encontra no APÊNDICE B e foi montado com citações diretas. Sobre elas foi usado o destaque do negrito para marcar aquilo que foi identificado como de maior intensidade e relevância para ser articulado às questões. Para o diagrama foram extraídos desse esquema aquilo que permitisse uma maior compreensão dos trabalhos.

2.2.1.1 Trabalho A – *As multiplicidades espaciais*



Figura 7: Diagrama do Trabalho A

2.2.1.2 Trabalho B - *Graffitações televisivas*



Figura 8: Diagrama do Trabalho B

2.2.1.3 Trabalho C - Mídias, Subjetividade e Terceiro Setor

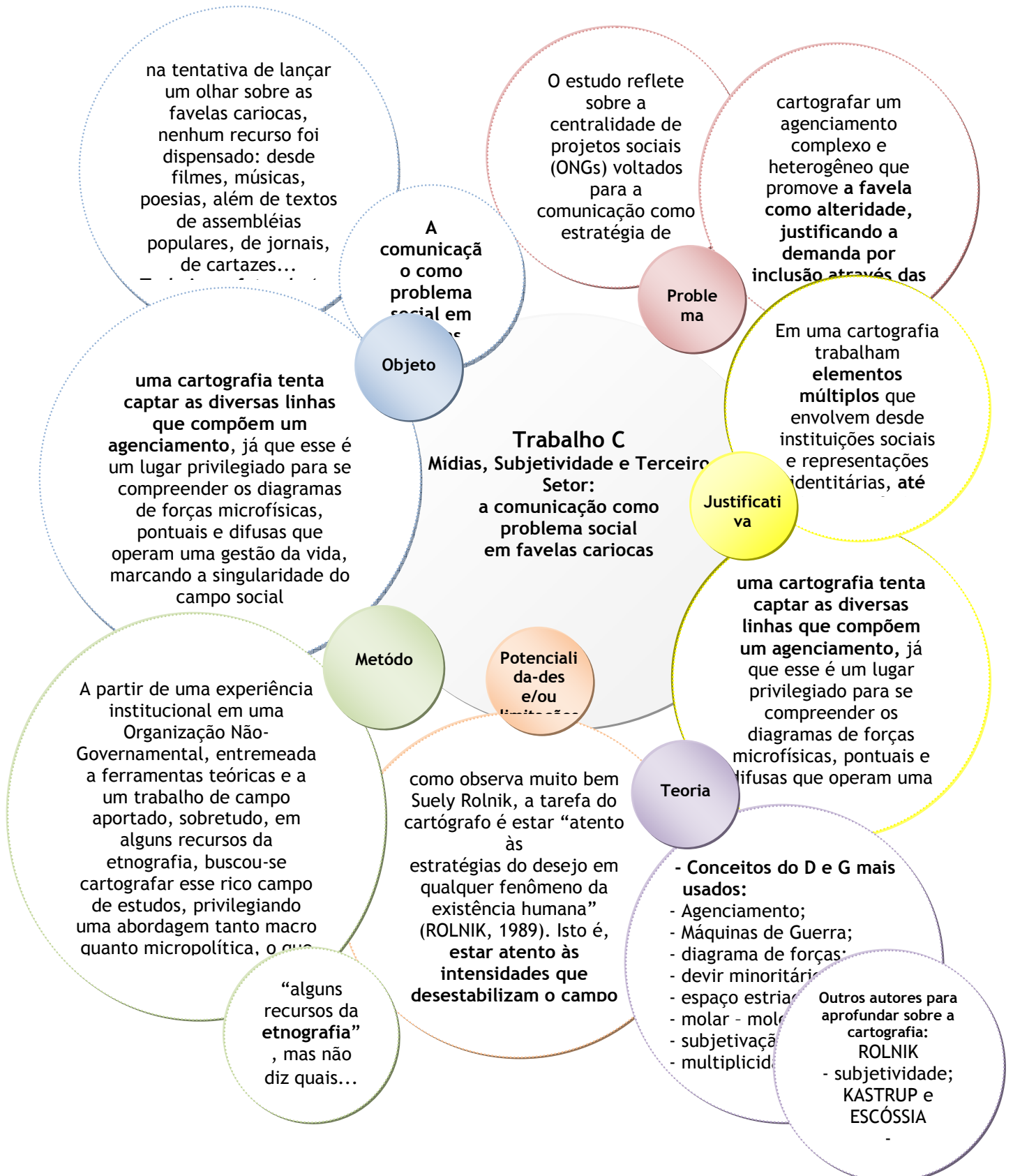


Figura 9: Diagrama do Trabalho C

2.2.1.4 Trabalho D - Dez mandamentos de Jorge Furtado

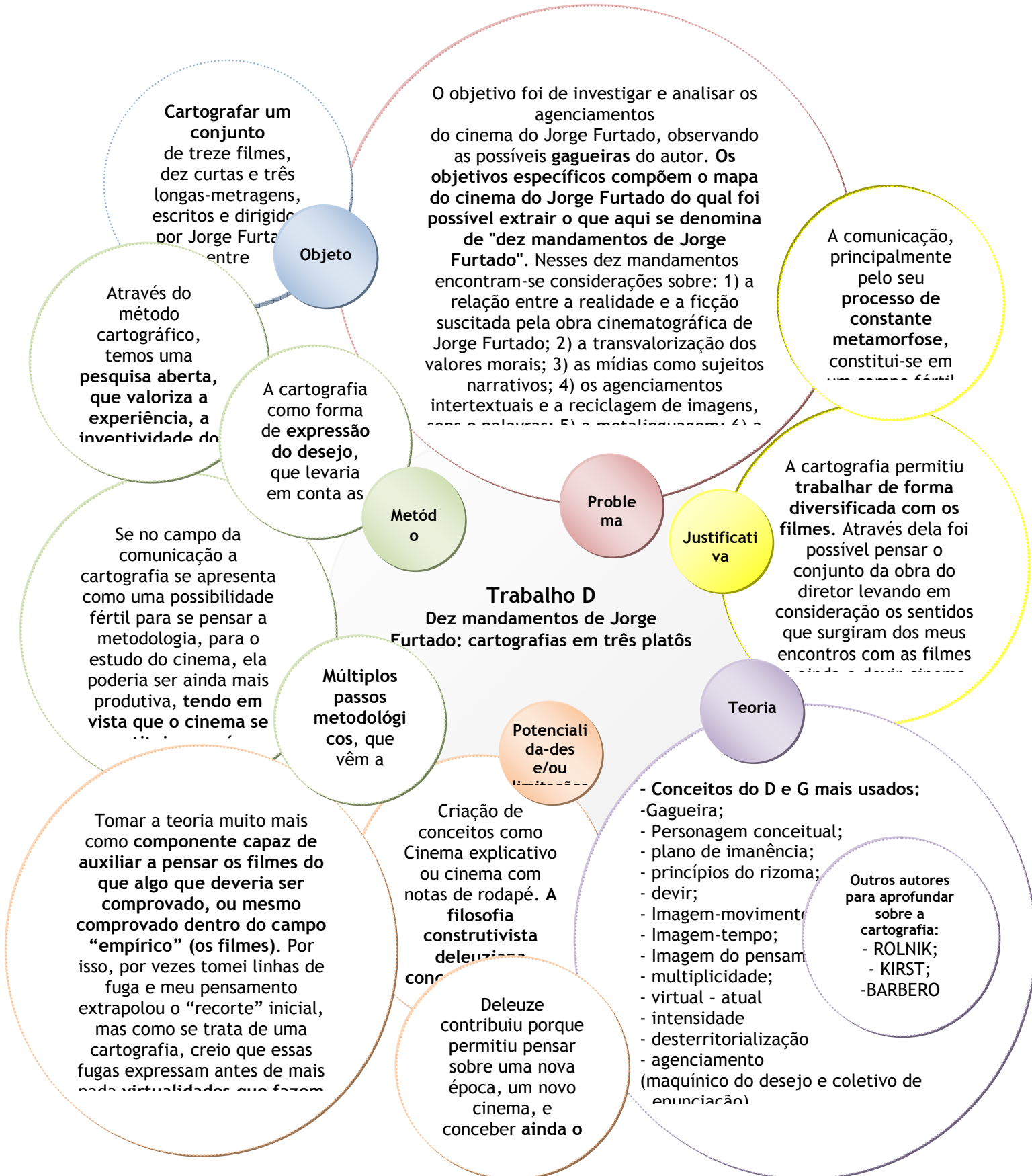


Figura 10: Diagrama do Trabalho D

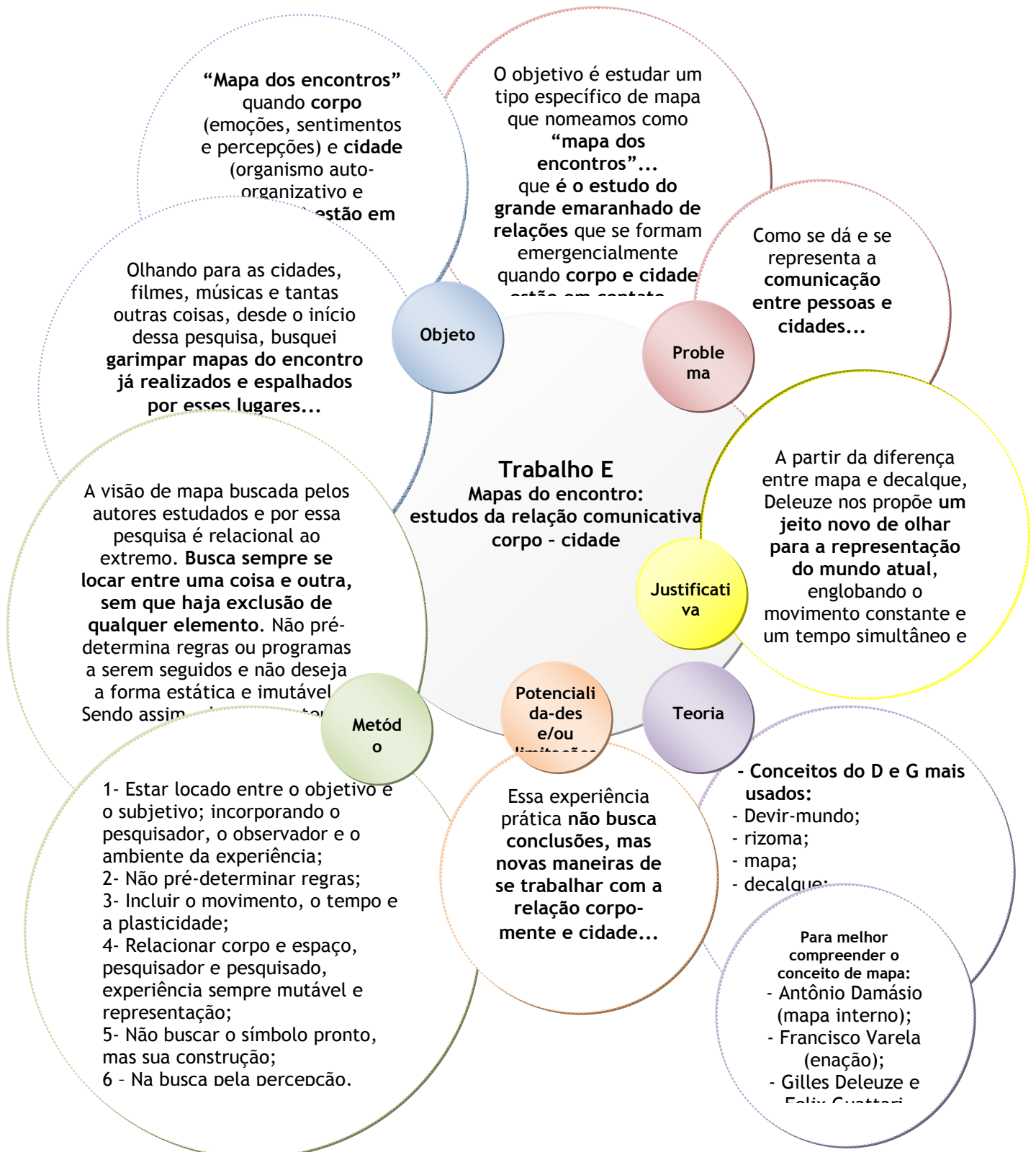
2.2.1.5 Trabalho E - *Mapas do encontro*

Figura 11: Diagrama do Trabalho E

2.2.1.6 Trabalho F - Escutas em musicoterapia

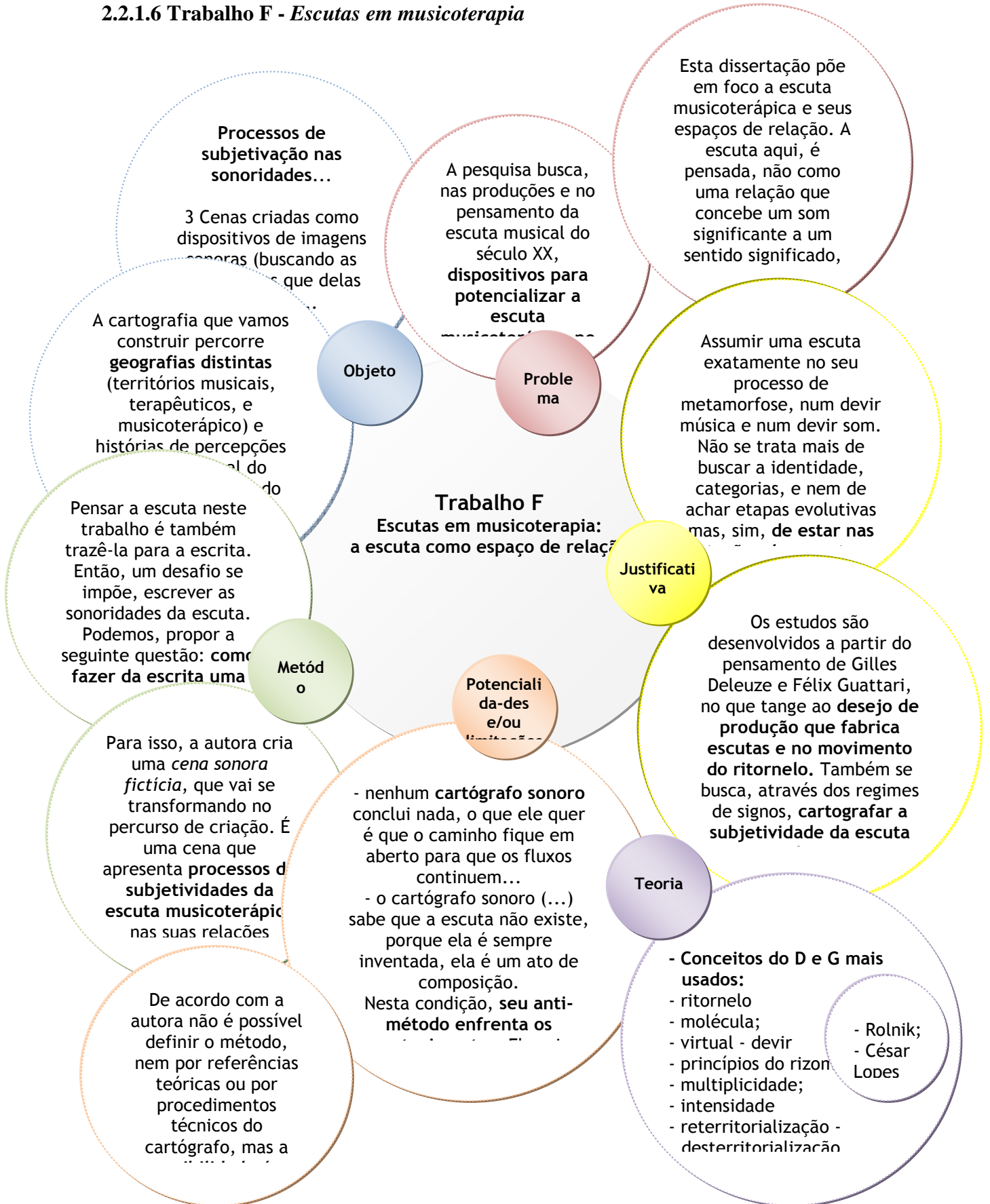


Figura 12: Diagrama do Trabalho F

2.2.1.7 Trabalho G - A casa subjetiva

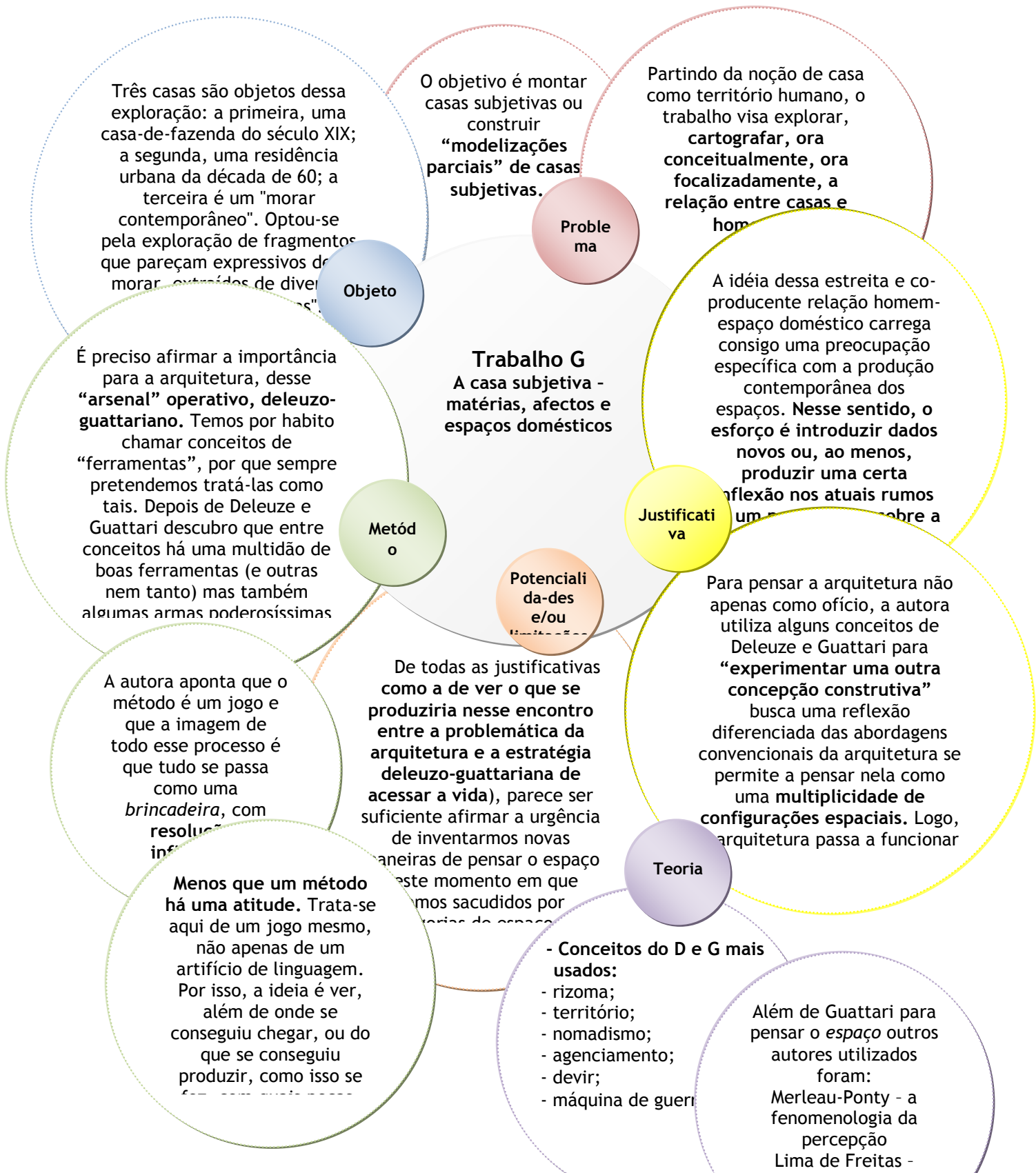


Figura 13 – Diagrama do Trabalho G

2.2.1.8 Trabalho H - *Personagem-Rizoma*

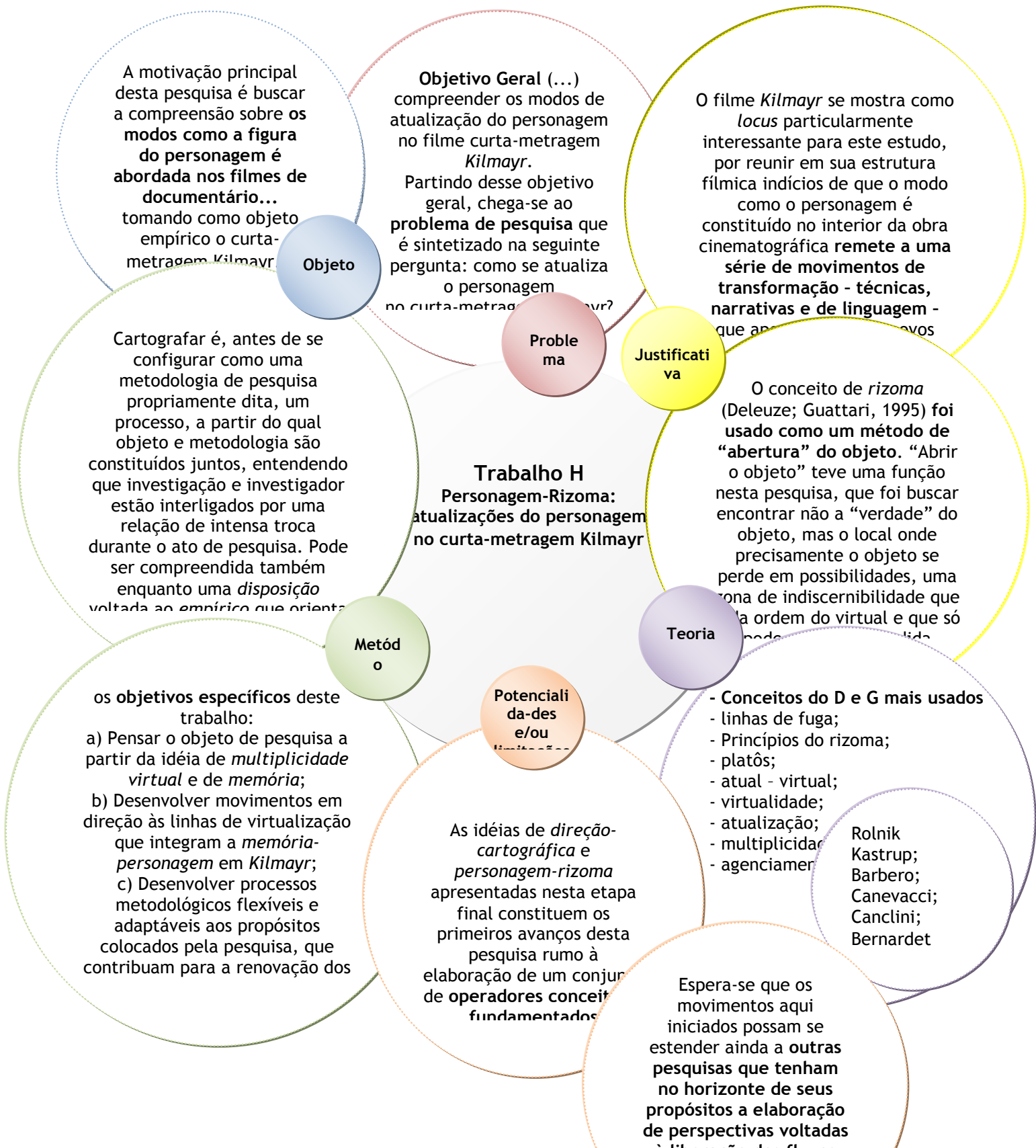


Figura 14: Diagrama do Trabalho H

3 A leitura crítica-heurística-interpretativa

Esse capítulo traz os entrelaçamentos horizontais dos dados coletados nas pesquisas analisadas. Foram cruzadas as informações colhidas de cada trabalho em relação às questões que constituem a proposta metodológica. Nesse movimento, mostraram-se relevantes os atravessamentos de saberes e de sub-áreas dentro da comunicação. Tal processo permitiu que se compreendessem as escolhas, as problemáticas, os pontos teóricos que convergiram, que divergiram, que adotaram caminhos únicos.

É importante, primeiramente, esclarecer que cada questão que compôs as linhas de questionamento da metodologia empírica necessita de uma abordagem específica. Assim, em cada subitem que corresponde a uma pergunta há uma explicação de como será realizado o percurso que melhor se adapta a cada etapa. Em segundo lugar, é preciso alertar ao leitor que os diagramas não são iguais aos do segundo capítulo. Eles servem para orientá-lo de duas formas: uma é trazendo dentro deles um resumo muito próximo do que os autores construíram nos textos originais, favorecendo a percepção do que o texto quer dizer; outra é marcar o texto como forma de evidenciar as intensidades entre o que passa de semelhante em cada trabalho.

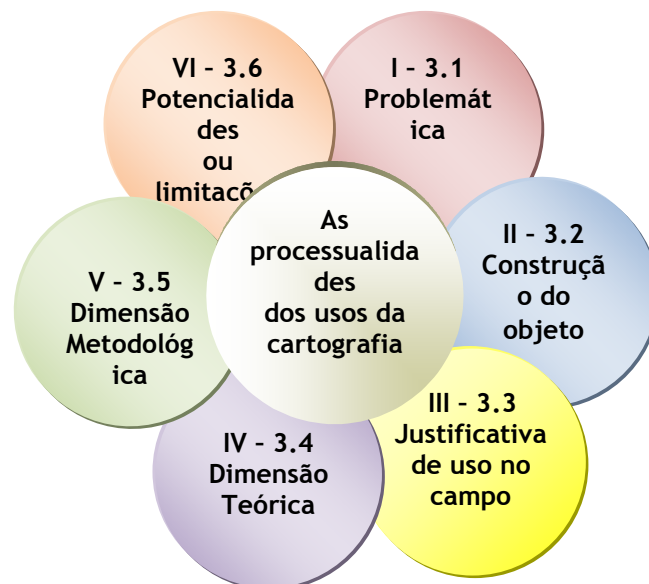


Figura 15: Guia de leitura das questões

3.1 Que problema e/ou objetivo de pesquisa acionou o uso da cartografia?



Figura 16: Guia de leitura das respostas sobre a problemática

Todos esses trabalhos são marcados por uma singularidade na construção dos problemas/objetivos de pesquisa que é o acionamento de três conceitos para realizar a

cartografia: *agenciamento* (trabalhos C, D, F); *atualização* (trabalhos B, H); *entre* (trabalhos A, E, G). Para ver o que passa entre a cartografia de Deleuze e Guattari e a comunicação na construção da problemática desses trabalhos foram realizados três percursos que serão desdobrados adiante:

Percurso I - buscar a contextualização dos conceitos na obra de Deleuze e Guattari. Para não perder o foco, essa parte ganha um sub-item chamado *aprofundamento*. Considerando que a obra de Deleuze e Guattari trata de temas diversificados e pretende um alcance muito vasto, esse item busca o esclarecimento relativo aos pontos abordados.

Percurso II - procurar nos trabalhos selecionados a interpretação dos autores sobre cada conceito acionado para pensar a problemática do trabalho. Nesse percurso optamos por trazer citações diretas.

Percurso III - ver o que passa entre esses conceitos pensados a partir de Deleuze e Guattari e o uso da cartografia.

Percurso I

Deleuze e Guattari – *agenciamento*

É preciso um agenciamento para que se faça a relação entre dois estratos. Para que os organismos se vejam presos e penetrados num campo social que os utilize: as Amazonas não têm que cortar um seio para que o estrato orgânico se adapte a um estrato tecnológico guerreiro, por exigência de um terrível agenciamento mulher-arco-estepe? São necessários agenciamentos para que estados de forças e regimes de signos entrecruzem sua relações. São necessários agenciamentos para que seja organizada a unidade de composição envolvida num estrato, isto é, para que as relações entre tal estrato e os outros, entre esses estratos e o plano de consistência, sejam relações organizadas e não relações quaisquer. (Deleuze e Guattari, 1995a, p. 88, grifo nosso).

O conceito de *agenciamento* para Deleuze e Guattari é uma soma e/ou o crescimento relativo aos movimentos dos estratos numa multiplicidade que muda de natureza à medida que suas conexões aumentam. Os estratos referem-se tanto aos processos físico-químicos, orgânicos e antropomórficos. Eles pensam em estratos porque concebem a ontologia como geologia: ao invés do ser, a terra, com seus estratos.

Aprofundamento I

Podemos pensar ainda que o *agenciamento* para Deleuze e Guattari é o que Foucault igualmente chama de *dispositivo*.

Mas o que é um dispositivo? Na leitura deleuziana de dispositivo ele evoca a imagem de um novelo luminoso constituído de linhas móveis de naturezas heterogêneas que tanto se aproximam como se afastam e que variam de direção. Complementa ainda que “desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas” (DELEUZE, 1990, p. 1).

Das relações conceituais que unirão esses autores, principalmente dos estudos e das noções “roubadas”¹⁸ por Deleuze da obra de Foucault a mais importante para esse trabalho é a relação entre o conceito de *agenciamento* e *dispositivo*. Assim, procuro abaixo realizar a conexão entre esses conceitos.

No livro *Mil Platôs – V.2*, no quinto *Platô – Sobre alguns regimes de signos*, mais especificamente, em uma nota de rodapé – Deleuze e Guattari dizem que *as formas de expressão* ou *regimes de signos (sistemas semióticos)* e *as formas de conteúdo* ou *regimes de corpos (sistemas físicos)* podem ser denominados como *máquina abstrata*. É na palavra *agenciamento* que eles colocam uma enorme nota de rodapé para explicar como as multiplicidades são controladas pelos dispositivos na obra de Foucault. Segundo Deleuze e Guattari,

Michel Foucault desenvolveu uma teoria dos enunciados, segundo níveis sucessivos e que recortam o conjunto desses problemas. 1º) Em *Arqueologia do Saber*, Foucault distingue dois tipos de "multiplicidades", de conteúdo e de expressão, que não se deixam reduzir a relações de correspondência ou de causalidade, mas estão em pressuposição recíproca; 2º) em *Vigiar e Punir*, ele busca uma instância capaz de dar conta das duas formas heterogêneas imbricadas uma na outra, e a encontra nos agenciamentos de poder ou micropoderes; 3º) mas igualmente a série desses agenciamentos coletivos (escola, exército, fábrica, asilo, prisão etc.) consiste apenas em graus ou singularidades em um "diagrama" abstrato, que comporta unicamente por sua conta matéria e função (multiplicidade humana qualquer a ser controlada); 4º) a *História da sexualidade* vai ainda em uma outra direção, já que os agenciamentos não são aí mais relacionados e confrontados a um diagrama, mas a uma "biopolítica da população" como máquina abstrata. - **Nossas únicas diferenças em relação a Foucault referir-se-iam aos seguintes pontos: 1º) os agenciamentos não nos parecem, antes de tudo, de poder, mas de desejo, sendo o desejo sempre agenciado, e o poder, uma dimensão estratificada do agenciamento; 2º) o diagrama ou a máquina abstrata têm linhas de fuga que são primeiras, e que não são, em um agenciamento, fenômenos de resistência ou de réplica, mas picos de criação e de desterritorialização.** (1995b, p. 98, grifo nosso).

Podemos compreender, desse modo, que cada conceito tem suas especificidades e componentes. De acordo com Deleuze e Guattari, “todo o conceito tem um contorno irregular,

¹⁸ De acordo com Sílvio Gallo a criação de conceitos para Deleuze “é, também, um ato de roubar conceitos dos outros; segundo ele, o roubo é criativo, pois sempre transformamos aquilo que nos apropriamos”. (2008, p. 10).

definido pelas cifras de seus componentes. É por isso que de Platão a Bergson, encontramos a idéia de que o conceito é questão de articulação, corte e superposição.” (DELEUZE e GUATTARI 1992, p. 27). Segundo os autores é um “todo” fragmentário, um “todo” porque totaliza os componentes que o formam, mas que, em meio ao caos que não cessa, é preciso reabsorver o conceito junto a outros componentes. É exatamente isso que eles fazem em relação aos conceitos de *agenciamento* e *dispositivo*, como podemos perceber na citação acima, na qual Deleuze e Guattari traçam as similaridades e diferenças com a obra de Foucault.

Aprofundamento II

E para Foucault o que é dispositivo?

Delimito a noção foucaultiana de dispositivo a partir da entrevista chamada *Sobre a história da sexualidade* reproduzida na coletânea *Microfísica do Poder* (2003): a) o dispositivo seria uma rede de relações que pode ser estabelecida entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, enunciados científicos, até mesmo entre o dito e o não dito, etc.; b) o dispositivo estabeleceria a natureza do nexo entre esses diferentes elementos; c) o dispositivo corresponderia a uma função estratégica que responde uma urgência em um momento histórico. Foucault (2003) também afirma que um dispositivo se define por sua gênese percebendo nela dois momentos essenciais: o do predomínio do objetivo estratégico e o da sua constituição. Nessa via, engloba um duplo processo: o de *sobredeterminação funcional* e de *preenchimento estratégico*.

Segundo Tucherman e Saint-Clair (2008) a *sobredeterminação funcional* seria cada efeito do dispositivo, tanto positivo como negativo, exigindo com essa nova produção a rearticulação com todos os outros elementos da rede. Já o *processo de preenchimento estratégico* “comporta a reutilização imediata de um efeito involuntário do dispositivo em uma nova e produtiva estratégia.” (2008, p. 3). A partir dessa definição fica claro que trabalhar com dispositivos implica, portanto, em um processo de observação de seus efeitos, não bastando apenas colocá-lo para funcionar.

Logo, para observar essas diferentes linhas é importante tirar duas consequências da filosofia dos dispositivos, como nos indica Deleuze (1990). A primeira é o repúdio dos universais, atitude para a qual devemos ficar atentos para perceber que se todas as linhas são de variação o “Uno, o Todo, o Verdadeiro, o objeto, o sujeito não são universais, mas processos singulares, de unificação, de totalização, de verificação, de objetivação, de

subjetivação, processos imanentes a um dado dispositivo”. (1990, p. 4). A segunda consequência refere-se a uma mudança de orientação, que se desloca do eterno para o novo.

Aprofundamento III

De acordo com Marcondes Filho (2004) *agenciamento* na língua francesa tem um uso corrente, desde o século XIV, significando: arrumação, disposição, organização, etc. Por outro lado, em Português o autor diz que o termo agenciamento “não explica nada, mantém uma nuvem de incompreensão cada vez que é utilizado (...)”. (Ibid., p. 148). O autor complementa ainda que muitos autores franceses utilizavam o termo e dá o exemplo de Bergson que usava a expressão: “a sensação de um agenciamento mecânico”. Para Marcondes Filho “(...) Deleuze e Guattari seguramente pensam no sentido bergsoniano da ‘função do agente’: agente como causa, fator, princípio (...). Agenciamento, assim torna-se, para eles, produção, causação, determinação”. (Ibid., p. 148).

Percurso II

Trabalho C – agenciamento

“Guattari defende que o “agenciamento” é uma noção mais ampla e mais complexa que a de estrutura ou sistema, porque envolve componentes heterogêneos que vão desde dimensões biológicas, sociais e maquínicas, até instâncias afetivas, imaginárias e gnosiológicas (GUATTARI, 2005, p. 380)¹⁹. Desse modo, a referência ao termo indica uma complexidade na apreensão dos fenômenos que não devem ser pensados apenas a partir de um quadro circunscrito de determinantes”. (MOREIRA, 2007, p. 19, grifo nosso).

“(...) uma cartografia tenta captar as diversas linhas que compõem um agenciamento, já que esse é um lugar privilegiado para se compreender os diagramas de forças microfísicas, pontuais e difusas que operam uma gestão da vida, marcando a singularidade do campo social contemporâneo.

E na tentativa de lançar um olhar sobre as favelas cariocas, nenhum recurso foi dispensado: desde filmes, músicas, poesias, além de textos de assembleias populares, de jornais, de cartazes... Tudo isso afetando (ou “contagiando”) o processo de escrita, de pensamento, de criação”. (MOREIRA, 2007, p. 12-13, grifo nosso).

Trabalho D – agenciamento

“Por que estudar o cinema de Jorge Furtado através da ideia de agenciamento? Porque, assim como Deleuze, acredito que ‘a unidade real mínima não é a palavra, a ideia ou o conceito; nem o significado, mas o agenciamento’ (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 65)²⁰.

¹⁹ GUATTARI, Félix. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

²⁰ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

Embora a semiótica peirceana seja um dos pilares sobre o qual Deleuze sustenta seus estudos sobre cinema, o filósofo não vai mais além ao inserir a ideia de agenciamento. Para Deleuze, “O Enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos” (Ibid., p. 65). (...) “Por isso a única unidade do agenciamento é de funcionamento: é uma simbiose, uma ‘simpátia’”. (Ibid., p. 65)”. (GUIDOTTI, 2007, p. 122, grifo nosso).

*“A cartografia permitiu **trabalhar de forma diversificada com os filmes**. Através dela foi possível pensar o conjunto da obra do diretor levando em consideração os sentidos que surgiram dos meus encontros com as filmes e ainda o devir-cinema presente em meu pensamento”. (GUIDOTTI, 2007, p. 33, grifo nosso).*

Trabalho F – agenciamento

“Agenciamentos comportam componentes heterogêneos de diferentes ordens: biológicas, gnosiológica, imaginária, maquínica. Ver também, MP. Vol. 1 p. 11-37.” (COELHO, 2002, p. 15, grifo nosso).

*“No decorrer da pesquisa, foi ficando claro que **meu caminho não ia mais no sentido de estabelecer um objetivo intencional para mapear esta peculiar escuta em representações estáticas**. Distante deste movimento, o que vou convocar é a potência de um cartógrafo que vai criando um desenho ao mesmo tempo, em que acompanha os movimentos de transformação de paisagens. Assim, pretendo cartografar, com o leitor, espaços relacionais de sonoridades e, acima de tudo, fazer movimentações com estes.” (COELHO, 2002, p. 15).*

*“A cartografia que vamos construir percorre **geografias distintas** (territórios musicais, terapêuticos, e musicoterápico) e histórias de percepções (escuta do final do século XIX e escuta do século XX)” (COELHO, 2002, p. 5, grifo nosso).*

*“A **partir dos agenciamentos desses desencontros, entraremos no campo da subjetividade musical**, onde iremos acompanhar processos de escutas, não só nos seus movimentos estéticos mas, também, no movimento político, ou seja, a potência a-significante da música atingindo as micropolíticas que, como veremos, são movimentos que escapam dos regimes de representação e de ordem estratificadas, e inventando novos mundos de escutas”. (COELHO, 2002, p. 5, grifo nosso).*

Percurso III

O que passa entre a cartografia e o conceito de agenciamento nesses trabalhos?

No **Trabalho C**, a autora buscou cartografar um agenciamento complexo e heterogêneo que promove a favela como alteridade, justificando a demanda por inclusão através das mídias. A cartografia, nesse trabalho, buscou captar as diversas linhas que compõem o agenciamento “favela carioca”, nesse movimento, segundo a autora, afetando o “*processo de escrita, de pensamento, de criação.*” (MOREIRA, 2007).

No **Trabalho D**, a autora buscou cartografar o cinema de Jorge Furtado através da análise dos agenciamentos presentes na obra do diretor, observando as possíveis gagueiras do

autor. A cartografia, de acordo com a autora, permitiu trabalhar de forma diversificada com os agenciamentos produzidos pelo conjunto de filmes do Jorge Furtado “(...) *levando em consideração os sentidos que surgiram dos meus encontros com as filmes e ainda o devir-cinema presente em meu pensamento*”. (GUIDOTTI, 2007, p. 33, grifo nosso).

No **Trabalho F** a autora buscou construir uma cartografia percorrendo geografias distintas ao mesmo tempo, em que acompanhou os movimentos de transformação dos espaços relacionais de sonoridades e criando novas escutas.

Podemos observar nesses três trabalhos que o conceito de agenciamento ajuda a construir o objeto empírico de forma diversificada, porém numa perspectiva de movimento e encontros. Para isso, a cartografia é acionada como um procedimento marcado pela subjetividade do sujeito/pesquisador. No campo da psicologia, área que apresenta, aliás, a maior vertente dos estudos sobre a cartografia - de Deleuze e Guattari para pensá-la como um método - a subjetividade do sujeito/pesquisador aparece como uma das especificidades mais intensas.

Percurso I

Deleuze e Guattari – atualização

Para Deleuze e Guattari o virtual e o atual não podem ser pensados como antagônicos e separadamente, pois fazem parte de um mesmo misto, ou seja, o virtual é real sem ser atual (1995b). Desse modo, para pensar atualização é impossível não pensar em virtualidade. A virtualidade é o que se diferencia de si ao atualizar-se, ou seja, quando percebemos algo de forma atual é em função da sua outra dimensão virtual que se modificou. Esse movimento de passagem do misto (atual e virtual) é o que Bergson desenvolve como duração. De acordo com Deleuze (2004, p. 36), “o subjetivo, ou a duração, é o virtual. Mais precisamente, é o virtual em tanto que se atualiza, em vias de se atualizar, inseparável do movimento de sua atualização”. Logo, no *movimento* do virtual ao atual há a atualização que é essa própria mudança.

De acordo com Marcondes Filho (2004) Deleuze apóia-se em Bergson para pensar que o atual é a passagem do presente e o virtual é a conservação do passado. Assim, o primeiro são as “efetivações do real: estados de coisas e o vivido, o fato de compor e recompor eternamente o universo; o segundo é o do **plano de imanência**, composto de multiplicidades, mobilidades do ponto de vista.” (Ibid., p. 187, grifo nosso).

São inúmeras as definições de plano de imanência na obra de Deleuze e Guattari, mas em *O que é filosofia?* (1997c), encontra-se uma via relevante. Resumidamente, plano de imanência pode ser compreendido como uma tomada de decisão (corte no caos), mas que não exclui as infinitas dimensões que existe em um dado objeto, ou seja, age como um crivo.

Aprofundamento II

Em Bergson podemos melhor compreender a relação entre passado-presente-atual-virtual, no entanto para essa reflexão seria necessário um longo desenvolvimento e aprofundamento, desse modo trago uma citação de Bergson que me parece elucidar a questão sem ser muito extensivo:

Temos consciência de um ato *sui generis* pelo qual deixamos o presente para nos colocar primeiramente no passado em geral, e depois numa certa região do passado: trabalho de tentativa, semelhante à busca do foco de uma máquina fotográfica. Mas nossa lembrança permanece ainda em estado virtual; dispomo-nos simplesmente a recebê-la, adotando a atitude apropriada. Pouco a pouco aparece como que uma nebulosidade que se condensasse; **de virtual ela passa ao estado atual; e, à medida que seus contornos se desenham e sua superfície se colore, ela tende a imitar a percepção. Mas continua presa ao passado por suas raízes profundas, e se, uma vez realizada, não se ressentisse de sua virtualidade original, se não fosse, ao mesmo tempo que um estado presente, algo que se destaca do presente, não reconheceríamos jamais como uma lembrança.** (BERGSON, 1990, p. 110, grifo nosso).

Percurso II

Trabalho B – atualização

“A atualização consiste no movimento de trânsito de um elemento no seu modo virtual para seu modo atual. Assim, ele é o que vemos, ou o que lembramos, ou ainda uma explicação mais simplificada, que é trazida ao mundo em forma de imagem”. (FARINA, 2008, p. 19, grifo nosso).

“Aplicando o conceito de virtual aos elementos constitutivos do graffiti, teríamos este como uma dimensão onde o todo co-habita. Nessa dimensão estaria reunido virtualmente tudo que se considerou graffiti, no sentido de que virtual é sempre um passado indissociável do presente, com potencial para atualizar-se a qualquer momento, combinado ou não a outros elementos virtuais. Isso explica as novas formas de graffiti que se

atualizam, mantendo elementos do passado indissociável do presente, com potencial para atualizar-se em qualquer momento, combinando a outros elementos que anteriormente não eram reconhecidos como constitutivos do graffiti como, por exemplo, a mediação tecnológica. Por outras palavras, o virtual seria, para Bergson, um passado que “coexiste com um presente que foi” (1985, p. 99)²¹. Virtual e atual, assim como passado e presente, seriam indissociáveis, pelo fato de que:

[...] nossa existência atual, na medida em que se desenrola o tempo, se duplica de uma existência virtual, de uma imagem especular. Logo, cada momento da nossa vida oferece esses dois aspectos; ele é atual e virtual, por um lado percepção, por outra lembrança. (DELEUZE, 1999, p. 32)²².” (FARINA, 2008, p. 48, grifo nosso).

Trabalho H – atualização

*“O objeto de estudo é pensado como multiplicidade virtual. Essa perspectiva se relaciona ao conceito de memória desenvolvido por Bergson (1990)²³, onde o objeto é formado por dimensões ou estratos que configuram os distintos níveis de diferenciação assumidos pela multiplicidade virtual ao se atualizar. A memória-personagem que se busca formar nesta pesquisa é integrada, portanto, por esses estratos ou dimensões que, em cada nível, formam conjuntos de linhas de virtualização que se inter-conectam em diversos pontos e, portanto, também assumem a forma rizomática da multiplicidade virtual. Nesta pesquisa, a memória-personagem no filme *Kilmayr* é formada a partir da articulação de três grandes conjuntos de imagens que recebem os seguintes nomes: memória-documentário, memória-filme e memória-pesquisador”. (LOPES, 2008, p. 11, grifo nosso).*

*“A idéia de multiplicidade virtual implica a compreensão de um conjunto de conceitos fundamentalmente associados ao pensamento de Henri Bergson sobre a memória e o espaço, a modo que o virtual, o atual e o devir formam a tríade conceitual que orienta os principais movimentos realizados nesta pesquisa. A articulação desses conceitos permite a colocação do **objetivo geral** desta pesquisa nos seguintes termos: compreender os modos de atualização do personagem no filme curta-metragem *Kilmayr*”. (LOPES, 2008, p. 9, grifo nosso).*

Percurso III

O que passa entre a cartografia e o conceito de atualização nesses trabalhos?

No **Trabalho B** o conceito de virtual é acionado para pensar os elementos que constituem qualquer tipo de *graffiti*, ou seja, numa dimensão onde tudo que se pensou dele estaria reunido com potencial para ser combinado a outros elementos que anteriormente não eram reconhecidos, mas que já existam virtualmente, apenas não tinham se atualizado. A

²¹ Não consta na referência da autora.

²² DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

²³ BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

autora busca verificar na MTV como se dá o processo de passagem entre virtual e atual, que produz uma atualização do *graffiti* na tela da TV. Para isso, a autora vê na cartografia uma forma de observar o processo de passagem. “Somente através da cartografia vejo a possibilidade de dar conta da complexidade que se estabelecem a partir da observação de meu objeto de pesquisa”. (FARINA, 2008, p. 20). A autora percebe no graffiti que se atualiza na televisão a partir de uma disposição, virtual e subjetiva, o que exigiu o desenvolvimento de um olhar graffiteiro. “Esse é um olhar subjetivo que se insere nas imagens de TV e encontra ali o graffiti”. (FARINA, 2008, p. 128). Com esse movimento desenvolveu o conceito de *Graffitações televisivas*. “Este conceito se colocou no meu caminho efetivamente somente a partir da cartografia dos tempos de TV, onde a síntese do objeto de pesquisa veio formar-se diante de meus olhos atentos”. (FARINA, 2008, p. 128).

No **Trabalho H** o autor busca compreender os modos de atualização do personagem no curta-metragem Kilmayr. Para isso, busca realizar leituras *cartográficas* sobre o objeto empírico de pesquisa, visando encontrar as linhas de virtualização que atualizam personagem-Kilmayr. De acordo com o autor o objeto se abre em linhas de virtualização como um rizoma. Através disso chegou ao desenvolvimento de um conceito chamado de *Personagem-rizoma*. “O personagem se mostra como *rizoma, personagem-rizoma*, que tem como principal característica não ter características concretas e estáveis”. (LOPES, 2008, p. 66).

Em ambos os trabalhos a *atualização* conjugada com a *cartografia* potencializou a criação de conceitos. Os autores propõem que eles sejam pensados como operadores conceituais que podem ser retomados e pensados em outros meios audiovisuais.

Percurso I

Deleuze e Guattari – *entre*

É preciso um agenciamento para que se faça a **relação entre** dois estratos. (...) São necessários agenciamentos para que seja organizada a unidade de composição envolvida num estrato, isto é, **para que as relações entre tal estrato e os outros, entre esses estratos e o plano de consistência, sejam relações organizadas e não relações quaisquer**. (Deleuze e Guattari, 1995a, p. 88, grifo nosso).

Para se fazer a relação *entre* duas coisas é necessário um *agenciamento*. De acordo com Deleuze e Guattari “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, **entre as coisas**, inter-ser, *intermezzo*”. (Deleuze e Guattari, 1995a, p. 37, grifo nosso).

Aprofundamento I

De acordo com Marcondes Filho é “no meio”, entre-dois, que se processa a significação. Ele explica que o elemento da significação é o fato do objeto ser duas coisas ao mesmo tempo o presente e o passado. Ele explica que “o *meio*, em Deleuze, é a própria essência da matéria comunicação: comunicação é esse emaranhado de linhas e sua síntese disjuntiva, provocando a emergência de um acontecimento”. (2004, p. 196).

Percurso II

Trabalho A – *entre*

“cartografar relações que uma hipermídia poderia estabelecer com os espaços e com os modos de individuação, tanto em sua concepção quanto no momento da interação”. (GIL, 2008, p. 10, grifo nosso).

“A cartografia (Deleuze e Guattari) traça um mapa, aberto por natureza, capaz de relacionar os signos de um território às forças que concorrem para configurá-lo”. (GIL, 2008, p. 10, grifo nosso).

“O campo problemático da presente pesquisa são as multiplicidades (atuais e virtuais) que compõem encontros com as mídias digitais. Elas envolvem as relações entre o humano e a mídia digital, sendo esta um meio pelo qual o indivíduo conhece e constrói uma multiplicidade de espaços, e como, ao mesmo tempo, a subjetividade é afetada por tais processos”. (GIL, 2008, p. 14, grifo nosso).

Trabalho E – *entre*

“O objetivo é estudar um tipo específico de mapa que nomeamos como “mapa dos encontros.” (NEVES, 2007, s/p., grifo nosso).

“O mapa do encontro é, portanto, o estudo do grande emaranhado de relações que se formam emergencialmente quando corpo e cidade estão em contato”. (NEVES, 2007, p. 2, grifo nosso).

Trabalho G – *entre*

“De todas as justificativas – das paixões pequenas (pessoais) às curiosidades que possam ser coletivas (como a de ver o que se produziria nesse encontro entre a problemática da arquitetura e a estratégia deleuzo-guattariana de acessar a vida), parece ser suficiente afirmar a urgência de inventarmos novas maneiras de pensar o espaço neste momento em que somos sacudidos por categorias de espaços jamais pensados. Esta tese tenta”. (BRANDÃO, 1999, p. 48, grifo nosso).

Percurso III

O que passa entre a *cartografia* e o conceito de *entre* nesses trabalhos?

No **Trabalho A**, a autora busca cartografar relações entre o humano e a mídia digital (hipermídia) tanto na concepção quanto no momento de interação. Nesse encontro o indivíduo conhece e constrói uma **multiplicidade de espaços**, e tem, ao mesmo tempo, a subjetividade afetada por tais processos.

No **Trabalho E**, o objetivo é estudar um tipo específico de mapa que é nomeado como “mapa dos encontros”. Esse mapa é o estudo do grande **emaranhado de relações** que se formam emergencialmente quando corpo e cidade estão em contato.

No **Trabalho G**, a autora procura cartografar, ora conceitualmente, ora focalizadamente a relação entre casas e homens. Para isso, a autora busca “flagrar esse espaço-casa emergindo em sua singularidade, de uma conjunção ímpar de **elementos heterogêneos**. Flagrar subjetividades sendo produzidas nesse acontecimento doméstico específico.” (BRANDÃO, 1999, p. 28).

Nesses trabalhos a relação entre objetos diferentes invoca um agenciamento. Podemos ver isso, quando no **Trabalho A** encontramos: multiplicidade de espaços; no **Trabalho E**: emaranhado de relações; no **Trabalho G**: elementos heterogêneos. A cartografia nesses casos surge como uma maneira de observar movimentos que até então não haviam sido pensados (agenciados) e no qual a subjetividade do sujeito/pesquisador está inserida.

Dessa forma, quando pergunto sobre: “*Que problema e/ou objetivo de pesquisa acionou o uso da cartografia?*” Podemos ver que em todas as problemáticas que acionam o uso da cartografia, através dos conceitos de *agenciamento*, de *atualização*, de *entre* há uma similaridade que é de construir um *acontecimento*, ou seja, de construir a significação no desenvolvimento do objeto empírico. De acordo com a perspectiva transmetodológica a problemática é construída a partir, principalmente, de três dimensões da *contextualização* do problema/objeto situando-os nos seus múltiplos contextos; da *pesquisa empírica* como

recurso metodológico; e, da *práxis teórica* como meio de trabalhar com os conceitos de forma crítica e renovadora. (MALDONADO, 2002).

Em todos os trabalhos a *contextualização* do problema é de que a pesquisa irá trabalhar com algo novo, que está acontecendo. Para isso, os conceitos *agenciamento*, *atualização*, *entre* - pela concepção de Deleuze e Guattari - são acionados juntamente com a proposta de uma cartografia como recurso metodológico para fazer ver o que acontece nos *agenciamentos*, nos processos de *atualização* e na relação *entre* duas coisas.

3.2 Como a cartografia é usada na construção do objeto empírico da pesquisa?

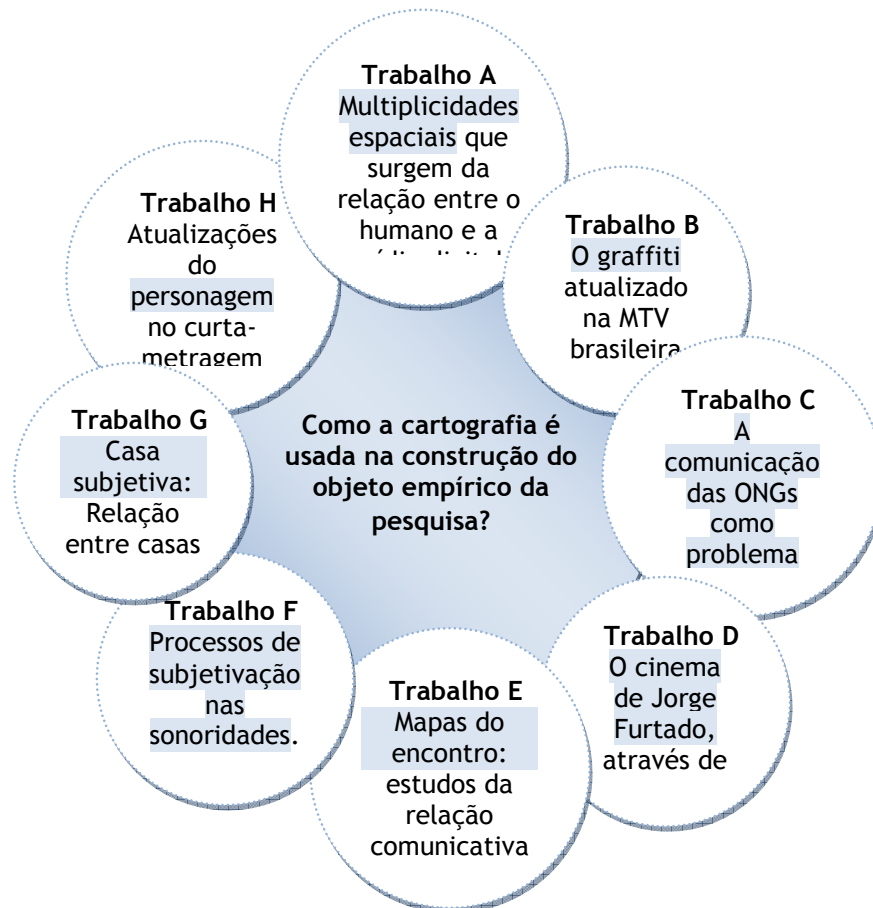


Figura 17: Guia de leitura das respostas sobre o objeto

No desdobramento e aprofundamentos dessa questão será realizado um percurso composto de três movimentos. O objetivo operativo é realizar uma composição que mostre de forma simplificada as relações entre o **objeto**, o **corpus** selecionado e como a **cartografia** foi acionada. No final buscamos articular o que encontramos nesse caminho.

• Trabalho A

O **objeto** de estudo são as multiplicidades de espaços que ocorrem entre o humano e a mídia digital (produções experimentais), tanto em sua concepção quanto no momento da interação. Nesse encontro há uma criação de espaços que serão cartografados. Para o **corpus**, foram selecionadas duas produções experimentais: *Reactable*, uma interface multitoque que

funciona como um meio pelo qual o usuário atualiza um virtual na forma de imagens e sons; *Poética*, que aborda processos de comunicação engendrados pela conexão do humano com dispositivos e redes de comunicação à distância e as smart mobs. A autora procura compor uma **cartografia** que ajude a perceber: as relações que essas experimentações estabelecem com territórios e subjetividades; seus processos de virtualização e atualização; bem como sua capacidade de estimular novas relações espaço-temporais; as relações de poder envolvidas, entre outras.

- **Trabalho B**

O **objeto** de estudo é o *graffiti* atualizado na MTV brasileira. O *corpus* que possibilitou a **cartografia** é resultado de um recorte de tempos de TV moldurados pela emissora: comerciais, marketing points (MP) e promo imagens (PI) que, apreendidos dos tempos fluídos da programação, constituíram uma síntese do que intuitivamente foi identificado como atualização do graffiti na MTV.

- **Trabalho C**

O **objeto** de estudo é a comunicação das ONGs como problema social em favelas cariocas. A **cartografia**, segundo a autora, tentará captar as diversas linhas que compõem esse agenciamento complexo e heterogêneo que promove a favela como alteridade. Para lançar um olhar sobre as favelas cariocas, nenhum recurso foi dispensado. O *corpus* é composto desde filmes, músicas, poesias, além de textos de assembléias populares, de jornais, de cartazes, etc.

- **Trabalho D**

O **objeto** é o cinema de Jorge Furtado através da análise dos agenciamentos presentes na obra diretor. O *corpus* é um conjunto de treze filmes, dez curtas e três longas-metragens, escritos e dirigidos por Jorge Furtado entre 1984 e 2004. A **cartografia** servirá para trabalhar de forma diversificada com os filmes. Através dela será possível pensar o conjunto da obra do diretor levando em consideração os sentidos que surgiram dos encontros da autora com os filmes e ainda, segundo a autora com o devir-cinema presente em seu pensamento.

- **Trabalho E**

O **objeto** de estudo é relação comunicativa entre corpo e cidade que a autora denomina como “Mapas do encontro”. O *corpus* é composto por olhares da autora sobre as

idades, filmes, músicas e tantas outras coisas. A **cartografia** serve para garimpar mapas do encontro já realizados e espalhados por esses lugares.

- **Trabalho F**

O **objeto** são processos de subjetivação nas sonoridades. A **cartografia** é construída por geografias distintas (territórios musicais, terapêuticos, e musicoterápico) e histórias de percepções (escuta do final do século XIX e escuta do século XX). O **corpus** é formado por três cenas, que segundo a autora são dispositivos de imagens sonoras buscando as sonoridades que delas ressoam.

- **Trabalho G**

O **objeto** é o que a autora denomina de “Casa subjetiva” que surge da relação entre casas e homens. O **corpus** é formado por três casas: a primeira, uma casa-de-fazenda do século XIX e a segunda, uma residência urbana da década de 60, ambas situadas na região da Baixada Cuiabana no Estado de Mato Grosso. O último bloco sonda o que parece se configurar como um “morar contemporâneo”. Ao contrário de tomar a especificidade de uma casa, optou-se pela exploração de fragmentos que pareçam expressivos desse morar, extraídos de diversas casas “contemporâneas”. A autora parte da noção de casa como território humano, para **cartografar**, ora conceitualmente, ora focalizadamente, a relação entre casas e homens.

- **Trabalho H**

O **objeto** são as atualizações do personagem no curta-metragem *Kilmayr*. O **corpus** é o filme *Kilmayr*. De acordo com o autor o filme se mostra como *locus* particularmente interessante, por reunir em sua estrutura fílmica indícios de que o modo como o personagem é constituído no interior da obra cinematográfica remete a uma série de movimentos de transformação – técnicas, narrativas e de linguagem – que apontam para os novos rumos que o documentário contemporâneo está seguindo. Para isso, o autor realiza leituras **cartográficas** sobre o objeto empírico de pesquisa, visando encontrar as linhas de virtualização que atualizam o personagem-Kilmayr.

Em todos os trabalhos o objeto é construído a partir da inter-relação das teorias de Deleuze e Guattari, principalmente sobre o rizoma, e concepções metodológicas acerca da cartografia. Esta aparece como um procedimento para fazer ver o objeto empírico que se dá no encontro de heterogêneos. Logo, quando pergunto: “*Como a cartografia é usada na*

construção do objeto empírico da pesquisa?” Podemos ver que no seu uso para construir o objeto, os autores partem ou de um *agenciamento*, ou de uma *atualização*, ou de uma relação *entre* como forma de assegurar uma multiplicidade, na qual as especificidades que ocorrem do encontro entre o objeto que foi criado e seu *corpus* empírico serão cartografados.

Em segundo lugar, constroem um *corpus* que permita ver o objeto de forma heterogênea. Isso ocorre de duas maneiras: a) nos **trabalhos A, B, F, G, H** o *corpus* não é formado por mais do que três objetos, todavia as multiplicidades virtuais que o objeto selecionado oferece são infinitas. Por exemplo, no **trabalho H** o objeto é o personagem pensado como uma multiplicidade virtual que pode atualizar-se de muitas maneiras no filme *Kilmayr*; b) nos **trabalhos C, D, E**, o *corpus* é formado por objetos distintos. Por exemplo, no **trabalho D** o *corpus* é um conjunto de treze filmes, dez curtas e três longas-metragens, escritos e dirigidos por Jorge Furtado entre 1984 e 2004.

3.3 Como explicam e/ou justificam o uso da cartografia na comunicação?

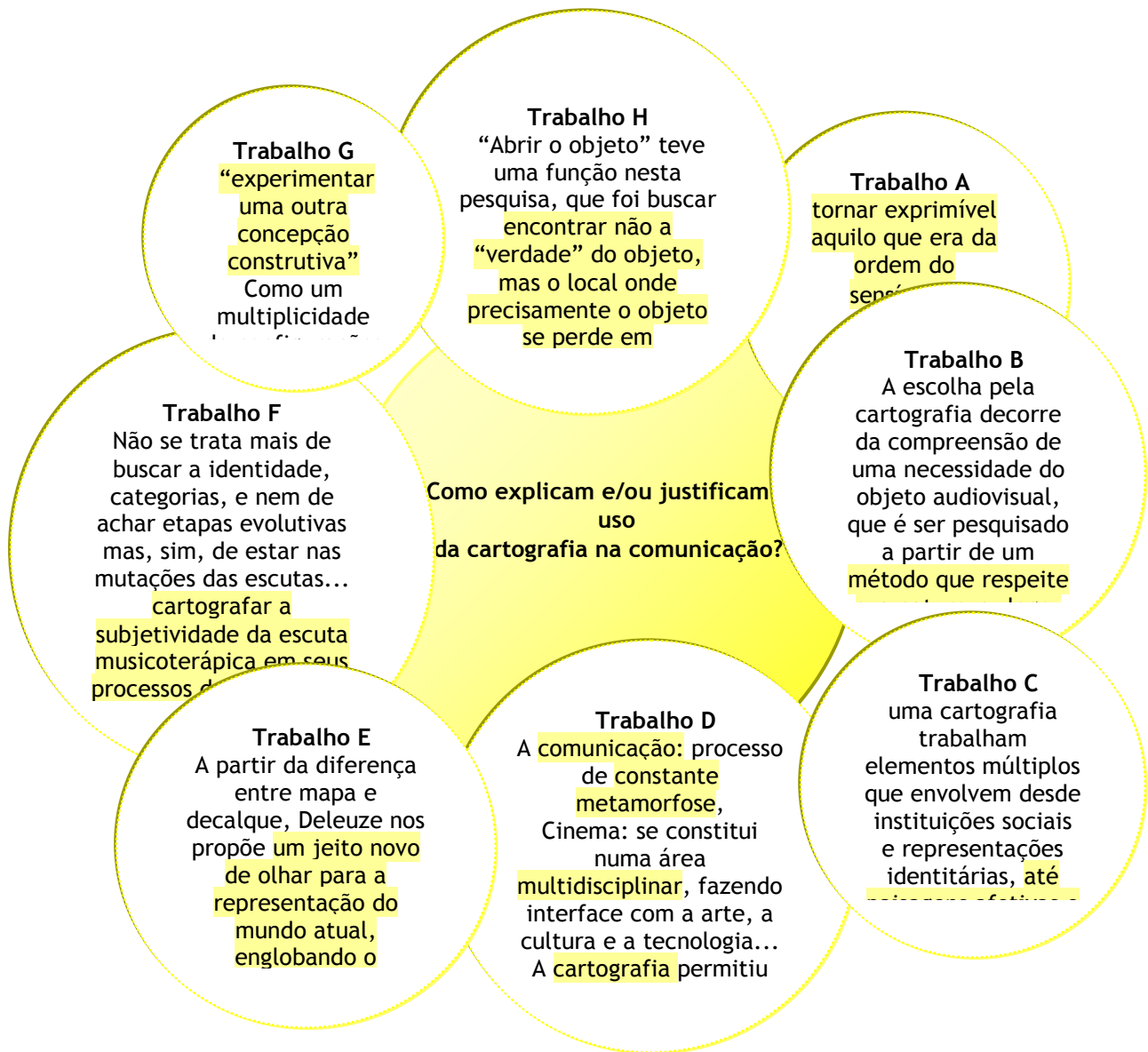


Figura 18: Guia de leitura das respostas sobre a justificativa

A área da comunicação tem uma abordagem aberta para a pluralidade desde sua formação. Contudo, é relevante que teorias, conceitos, métodos não sejam simplesmente trazidos de outras áreas do conhecimento sem reflexão e problematização. Desse modo, nessa questão, buscou-se observar como o uso da cartografia é justificado na comunicação. Abaixo, podemos ver como isso aconteceu em cada trabalho:

- **Trabalho A**

A autora compreende que as experimentações e movimentos envolvendo a mídia digital na contemporaneidade tendem a mostrar outro modo de comunicação, que abre campos de alteridade. “Uma tal cartografia contribui para o campo da comunicação à medida em que espaços, relações sociais e processos de individuação são cada vez mais condicionados (e não determinados) a novas práticas comunicacionais na contemporaneidade”. (GIL, 2008, p. 10). A autora complementa que a cartografia ajudaria a exprimir aquilo que é da ordem do sensível.

- **Trabalho B**

A escolha pela cartografia decorre da compreensão de que o objeto audiovisual suscita um caminho próprio, que é ser pesquisado a partir de um método que respeite sua natureza, logo, considere seu movimento.

- **Trabalho C**

A cartografia é acionada porque trabalha com elementos múltiplos e, principalmente com paisagens afetivas e territórios subjetivos.

- **Trabalho D**

A autora vê no campo da comunicação um local fértil para o traçado da cartografia, principalmente pelo seu processo constante de metamorfose. Com o cinema porque ele se constitui numa área multidisciplinar que faz interface com a tecnologia, a arte e a cultura.

- **Trabalho E**

A partir da diferença entre mapa e decalque, Deleuze nos propõe um jeito novo de olhar para a representação do mundo atual, englobando o movimento constante a um tempo simultâneo.

- **Trabalho F**

A autora procura assumir uma escuta exatamente no seu processo de metamorfose, num devir música e num devir som. Não se trata mais de buscar a identidade, categorias, e nem de achar etapas evolutivas mas, sim, de estar nas mutações das escutas, e escutar o que a escuta

musical produzia na clínica. Para isso a cartografia permite cartografar a subjetividade da escuta musicoterápica em seus processos de invenção.

• **Trabalho G**

A cartografia entra para pensar a arquitetura não apenas como ofício, a autora utiliza alguns conceitos de Deleuze e Guattari para “experimentar uma outra concepção construtiva”. Como uma multiplicidade de configurações espaciais. Logo, através da cartografia a arquitetura passa a funcionar como máquina produtora de subjetividade.

• **Trabalho H**

A cartografia teve a função de “abrir o objeto”, ou seja, o autor buscou encontrar não a “verdade” do objeto, mas o local onde precisamente o objeto se perde em possibilidades.

Desse modo, quando pergunto sobre: “*Como explicam e/ou justificam o uso da cartografia na comunicação?*” foi possível observar que cada trabalho de acordo com as especificidades da problemática e do objeto empírico apresentaram justificativas singulares. Contudo, há dois pontos em comum para justificar o uso da cartografia: buscar uma metodologia que abra espaço para a subjetividade e experimentar outro jeito de realizar pesquisa que contemple a natureza múltipla de seus objetos. É importante observar, também, que de maneira direta ou indireta as investigações buscam caminhos metodológicos que estabeleçam certa ruptura com a visão positivista, encaminhando-se, sempre para um aprofundamento qualitativo aberto para as heterogeneidades e para as diferenças.

Apesar de a cartografia ser recente na comunicação somente os **trabalhos A e D** justificam o uso da cartografia na comunicação, os outros trabalhos o fazem, como vimos, diretamente aos objetos de estudo. Quando eu digo que a cartografia é recente no campo, me refiro à base teórica de Deleuze e Guattari. Principalmente na obra *Mil Platôs* ao longo dos cinco volumes. Entre os principais seguidores dos conceitos desenvolvidos por Deleuze e Guattari (1995) e que buscam praticá-lo temos as brasileiras Suely Rolnik (2006) e Virgínia Kastrup (2009), que são da área da psicologia. Todavia, é importante esclarecer que podemos encontrar na comunicação potências da cartografia em diferentes intercessores e desdobramentos como em: Jesús Martín-Barbero (2004), Massimo Canevacci (1997) e Walter

Benjamin (2006). É importante dizer que esses autores também pensam por metáforas e de forma subjetiva. Abaixo, trago um resumo para melhor compreender como realizam esse pensamento.

Para Martín-Barbero que, há mais de trinta anos estuda as transformações que passam na cultura e nos campos latino-americanos da comunicação, não poderia ter recebido melhor título do que o de *cartógrafo mestiço*. Todavia, seu enriquecedor trabalho não pode ficar apenas rotulado por esse título. Martín-Barbero realiza mapas, cuja exploração, segundo ele, só pode avançar se apalpando como em um mapa noturno. O autor explica que sua metáfora de mapa noturno foi sintetizada na obra *Dos Meios às Mediações* onde procurou indagar a dominação, a produção e o trabalho como um mapa. Ele complementa que esse mapa não é para a fuga, muito menos para a dispersão, mas

para o reconhecimento da situação desde as mediações e os sujeitos, para mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas, para assumir as margens não como tema, mas como enzima. Porque os tempos não estão para síntese, e são muitas as zonas da realidade cotidiana que estão ainda por explorar, zonas em cuja exploração não podemos avançar se não apalpando, ou só com um mapa noturno (2004, p.18).

O antropólogo Massimo Canevacci, que transita bastante na área da comunicação, ao realizar uma pesquisa sobre a cidade de São Paulo, entende a importância de unir a antropologia com a comunicação e de desenvolver diferentes instrumentais para o estudo de uma antropologia da comunicação urbana. Segundo o autor “o visual torna-se assim o centro polimórfico que deve ser interpretado e o meio de interpretação. O visual é objeto e método.” (1997, p. 44). Dessa forma, para cartografar todos os signos comunicativos da cidade de São Paulo o objeto e o método passam a ser construídos juntos como um mapa.

Para Benjamin a composição cartográfica poderia ser composta no encontro de *imagens dialéticas*, as quais têm nelas inseridas, ao mesmo tempo, o novo e o antigo que ele chama de *imagens luminosas*, capazes de trazer luz às imagens mais opacas, formando uma *constelação*.

3.4 Como os conceitos de Deleuze e Guattari e/ou de outros autores que abordam o conceito de cartografia foram usados teoricamente?

A teoria converge junto com a prática metodológica. Dessa forma, essa questão procura os encaminhamentos teóricos para pensar sobre a cartografia como método ou procedimento. No APÊNDICE B pode-se encontrar com maior riqueza de detalhes o que foi extraído dos textos para pensar cada uma das seis questões. Contudo, nessa parte buscou-se relacionar com maior propriedade como cada trabalho utilizou a teoria para pensar a cartografia na dimensão metodológica.

Através da perspectiva transmetodológica e da observação entre usos teórico-metodológicos da cartografia foi possível perceber algumas singularidades que permitiram conjugar essas a dimensão teórica com a metodológica.

Esse foi um momento de avaliação dos intensos movimentos teóricos realizados em cada pesquisa. Se a folha de papel possibilitasse *links*, com certeza essa parte estaria cheia deles. Uma alternativa, então, foi de construir um rigoroso esquema para tentar captar com maior profundidade as processualidades dos usos da cartografia nos trabalhos selecionados e colocá-los no APÊNDICE B. Dessa forma, o intuito de trazer para o texto essa construção de como a teoria interage com as demais dimensões metodológicas da pesquisa. Através desse percurso foi possível sistematizar o abrangente e diversificado número de informações para poder gerar inferências a partir de três eixos: *a teoria para construir e contextualizar o problema/objeto; a teoria para acionar os processos metodológicos; a teoria produzida pela pesquisa.*

3.5 Como a cartografia foi usada para o desenvolvimento da dimensão metodológica?

I - A teoria para construir e contextualizar o problema/objeto;

Em todos os trabalhos a *contextualização* do problema é de que a pesquisa irá trabalhar com algo novo, que está em processo, que está *acontecendo*. Para isso foram acionados os seguintes conceitos, conforme já mencionado: *agenciamento, atualização, entre.*

De acordo com Maria Immacolata Lopes (2005), os conceitos contêm propriedades explicativas, pois carregam a consistência semântica da teoria. Dessa forma, esses conceitos carregam com eles a teoria das multiplicidades, ou seja, o problema/objeto é construído e

contextualizado num infinito de possibilidades. O objeto empírico é construído igualmente de forma heterogênea.

II - A teoria para acionar os processos metodológicos;

A teoria para acionar os processos metodológicos ocorre através da cartografia como um procedimento metodológico para fazer ver o que acontece nos *agenciamentos*, nos processos de *atualização* e na relação *entre*.

III - A teoria produzida pela pesquisa;

A teoria produzida parece ser a da criação de novos conceitos, que se processam através entre o teórico e o metodológico.

Logo, essas a dimensão teórica e empírica se completam e serão examinadas a partir de um mesmo texto e diagrama:



Figura 19: Guia de leitura das respostas sobre a dimensão teórico-metodológica

I - A teoria para construir e contextualizar o problema/objeto;

Conforme já foi exposto, todos os trabalhos selecionados para essa pesquisa são marcados por uma singularidade na construção da problemática²⁴ da pesquisa que é o acionamento de três conceitos: **agenciamento** (trabalhos C, D, F); **atualização** (trabalhos B, H); **entre** (trabalhos A, E, G). Esses conceitos estão presentes na obra conjunta de Deleuze e Guattari, mas são pensados por Deleuze antes de sua parceria. Dessa forma, é interessante investigar que carga semântica da teoria carregam esses conceitos, pois eles podem ajudar a pensar o próprio conceito de cartografia na obra deles.

A presença de Deleuze nos incentiva a identificar no conceito de rizoma, a atualização de pensamentos de diversos filósofos que o influenciaram (e aos quais ele dedicou obras), como Michel Foucault²⁵ e Henri Bergson²⁶. De Foucault, Deleuze demonstra o mesmo apreço por metáforas geográficas para a expressão e compreensão das multiplicidades virtuais.

A importância de Foucault está, então, na necessidade cartográfica de desenredar as linhas de diferenciação em suas conexões estratégicas, como está exposto no conceito de Dispositivo: um conjunto multilinear de elementos moventes e heterogêneos. Já de Bergson, Deleuze faz ressoar a noção de multiplicidade virtual, construída a partir dos conceitos de duração, memória e impulso vital.

A importância de Bergson para a cartografia está na concepção da diferença: deslocar o olhar das diferenças de grau, e voltá-lo para as diferenças de natureza. Dispositivo e Duração, no meu modo de ver, são a base do conceito de Rizoma: uma imagem do pensamento pela multiplicidade.

Através desses intercessores conceituais do rizoma podemos compreender melhor os usos da cartografia. Vimos que o conceito de **agenciamento** tem intensas relações com o

²⁴ De acordo com a perspectiva transmetodológica a *problemática* é construída a partir, principalmente, de três dimensões da *contextualização* do problema/objeto situando-os nos seus múltiplos contextos; da *pesquisa empírica* como recurso metodológico; e, da *práxis teórica* como meio de trabalhar com os conceitos de forma crítica e renovadora. (MALDONADO, 2002).

²⁵ DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1990a.

²⁶ DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

conceito de *dispositivo* de Foucault. Não somente pela leitura deleuziana de *dispositivo*, mas por apontarem em *Mil Platôs* as similaridades entre os dois conceitos.

Das relações conceituais que uniram esses autores, podemos notar a ênfase que Deleuze dá para a utilização que Foucault faz de termos da geografia na expressão de seu pensamento. No livro sobre Foucault, Deleuze o classifica como “um novo cartógrafo”. Uma pista do papel fundamental de Foucault (e seu pensamento geográfico) como intercessor para a construção do conceito de cartografia, nos trabalhos conjuntos de Deleuze e Guattari. Deleuze define o método do pensamento foucaultiano na seguinte passagem:

Construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que ele (Foucault) chama de trabalho de terreno. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas; estas não se detêm apenas na composição de um dispositivo, mas atravessam-no, conduzem-no, do norte ao sul, de este a oeste, em diagonal (DELEUZE, 1990b, p. 01).

Para Foucault e Deleuze, a produção do conhecimento passa a ser entendida como a exploração de um terreno e o cruzamento de linhas para a construção de um mapa. Vale dizer que o pensamento geográfico de Foucault visava, sobretudo, deslocar o olhar dos territórios conhecidos, ultrapassando as fronteiras do conhecimento, para enunciar justamente o que permanecia não-discursivo (a sexualidade, a loucura, a prisão). O mapa foucaultiano não visa construir um mapa da totalidade de discursos, mas desenredar as linhas heterogêneas e moventes em suas conexões.

De Bergson, Deleuze faz ressoar a noção de multiplicidade virtual, construída a partir dos conceitos de duração, memória e impulso vital. Nesse sentido, o impulso vital também é duração, já que é da essência do virtual, atualizar-se. Deleuze articula esses três principais conceitos de Bergson:

Parece-nos que a duração define essencialmente uma multiplicidade virtual (o que difere por natureza). A memória aparece, então, como a coexistência de todos os graus de diferença nessa multiplicidade, nessa virtualidade. Finalmente, o Impulso vital designa a atualização desse virtual segundo linhas de diferenciação que se correspondem com os graus (DELEUZE, 1999, p. 92, grifo nosso).

Dessa forma, a duração é um jorro ininterrupto de transição, em que estados se diferenciam continuamente. Trata-se de uma multiplicidade virtual, em que coexistem todas as possibilidades. É na duração que estão as diferenças de natureza: o poder de modificar qualitativamente em relação a si mesmo. Esse processo de diferenciação, aponta Bergson, é proporcionado por um impulso vital, que move a transição e provoca as mudanças. Em outras palavras, o impulso vital é o que faz a duração durar. Podemos pensar esse processo como a vida que não cessa e que não é algo pronto: ela é imprevisível. Nesse sentido, o impulso vital também é duração, já que é da essência do virtual, atualizar-se.

Quando percebemos algo de forma atual é em função da sua outra dimensão virtual que se modificou. Esse movimento é o que Bergson desenvolve como duração e que em *Mil Platôs* é retomado como multiplicidade. Podemos ver mais claramente na seguinte passagem:

em Bergson, encontra-se a distinção entre multiplicidades numéricas ou extensas e multiplicidades qualitativas e de duração. Nós fazemos aproximadamente a mesma coisa, distinguindo multiplicidades arborescentes e multiplicidades rizomáticas. Macro e micromultiplicidades. De um lado, as multiplicidades extensivas, divisíveis e molares; unificáveis, totalizáveis, organizáveis; conscientes ou pré-conscientes — e, de outro, as multiplicidades libidinais inconscientes, moleculares, intensivas, constituídas de partículas que não se dividem sem mudar de natureza, distâncias que não variam sem entrar em outra multiplicidade, que não param de fazer-se e desfazer-se, comunicando, passando umas nas outras no interior de um limiar, ou além ou aquém. (DELEUZE E GUATTARI, 1995a, p. 46, grifo nosso).

Dispositivo e Duração, no meu modo de ver, como já mencionei, são a base do conceito de Rizoma: é preciso um agenciamento de multiplicidades virtuais para que algo venha a se atualizar. Permito-me a pensar que essa união explica o conceito de *entre*. De acordo com Deleuze e Guattari “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre **no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo**” (1995a, p. 37, grifo nosso).

De acordo com Deleuze “desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar (...)” (DELEUZE, 1990a, p. 1). Para isso, “é preciso um agenciamento para que se faça a relação entre dois estratos”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995a, p. 88, grifo nosso). Logo, para se fazer a relação *entre* duas coisas ou mais é necessário um *agenciamento*. Todavia, o *entre* possui uma especificidade ele é o rizoma, pois ele se encontra no meio, entre as coisas.

No quarto volume de *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari afirmam uma suspeita que eu carregava: “Devir é um rizoma (...)” (1997a, p. 19). O *devir* em toda obra conjunta de Deleuze e Guattari é mais abrangente e complexa. Entretanto, pensando em refletir sobre a cartografia essa afirmação ajuda a compreender melhor que *entre* é também *rizoma*, que é também *devir*.

Nas *problemáticas* dos trabalhos selecionados podemos ver que os conceitos de *agenciamento*, *atualização* e *entre* carregam teoricamente outros intercessores, além da própria noção de rizoma. Ao usar esses conceitos os autores procuram contextualizar que a pesquisa irá trabalhar com algo novo, que está acontecendo²⁷. A cartografia aparece como um

²⁷ De acordo com Marcondes Filho (2004), o “acontecimento é tudo para Deleuze. É o mesmo que as *hecceidades* vistas em *Mil Platôs*, o plano do acontecer, a pulsação viva de cada ocorrência” (p. 196, grifo do autor).

recurso metodológico para construir o objeto e fazer ver o objeto empírico em meio a uma multiplicidade de possibilidades.

De acordo com Martín-Barbero, (2004, p. 50) “o metodológico não é autônomo, sua coerência lógica é parte de um projeto teórico, de uma particular concepção do objeto a partir do qual certos problemas são formuláveis e abordáveis e outros não.” Dessa forma, todos os conceitos de *agenciamento*, *atualização* e *entre* nas problemáticas observadas fazem parte do projeto teórico do rizoma, no qual a cartografia não é um recurso metodológico autônomo.

A seguir procuro demonstrar como cheguei à concepção de que a cartografia seria um procedimento teórico-metodológico para encontrar o objeto empírico nas problemáticas que usam os conceitos de *agenciamento*, de *atualização* e de *entre*.

II - A teoria para acionar os processos metodológicos;

Nos **trabalhos C, D, F** que usam o conceito de *agenciamento*, a cartografia aparece como um procedimento para fazer ver as linhas heterogêneas que compõem o objeto empírico.

A cartografia, nesses três trabalhos, foi usada como um procedimento para:

Trabalho C - *captar as diversas linhas do agenciamento favela carioca;*

Trabalho D - *trabalhar de forma diversificada com os agenciamentos produzidos pelo conjunto de filmes de Jorge Furtado;*

Trabalho F - *percorrer geografias distintas para cartografar a subjetividade da escuta musicoterápica em seus processos de invenção.*

OBS: Em caso de dúvida, sobre as afirmações acima foi realizado um diagrama.

Dentro deles está o trecho usado com as referências bibliográficas:

No Trabalho C, autora buscou “cartografar um agenciamento complexo e heterogêneo que promove a favela como alteridade” (MOREIRA, 2007, p. 111). A cartografia como

No Trabalho F, a autora buscou, primeiramente, construir três “cenários como dispositivos de imagens sonoras” (COELHO, 2002, p. 12) para construir uma cartografia que “percorre geografias distintas (territórios musicais, terapêuticos, e musicoterápico) e histórias de percepções (...)”. (Ibid., p. 5). De acordo com a autora, isso permitiu cartografar a

No Trabalho D, o “objetivo geral foi investigar e analisar os agenciamentos do cinema de Jorge Furtado, observando as possíveis gagueiras do autor”. (GUIDOTTI, 2007, p. 27). De acordo com Guidotti “a gagueira seria uma espécie de linha de fuga da linguagem. Gagueja quem consegue falar a própria língua em uma espécie de língua estrangeira”. (Ibid., p. 27). A cartografia, de acordo com a

Figura 20: Referências bibliográficas dos trabalhos sobre o *agenciamento*

Nos **trabalhos B e H** que usam o conceito de *atualização*, a cartografia aparece como um procedimento para fazer ver as multiplicidades virtuais do objeto empírico.

A cartografia, nesses dois trabalhos, foi usada como um procedimento para:

Trabalho B - *verificar as formas e as lógicas de atualização do graffiti na programação da MTV e, nessa via, entender como se configuram os caminhos de passagem do virtual para o atual e vice-versa;*

Trabalho H - *realizar leituras cartográficas sobre o objeto empírico de pesquisa, visando encontrar as linhas de virtualização que atualizam o personagem-Kilmayr;*

OBS: Em caso de dúvida, sobre as afirmações acima foi realizado um diagrama. Dentro deles está o trecho usado com as referencias bibliográficas:

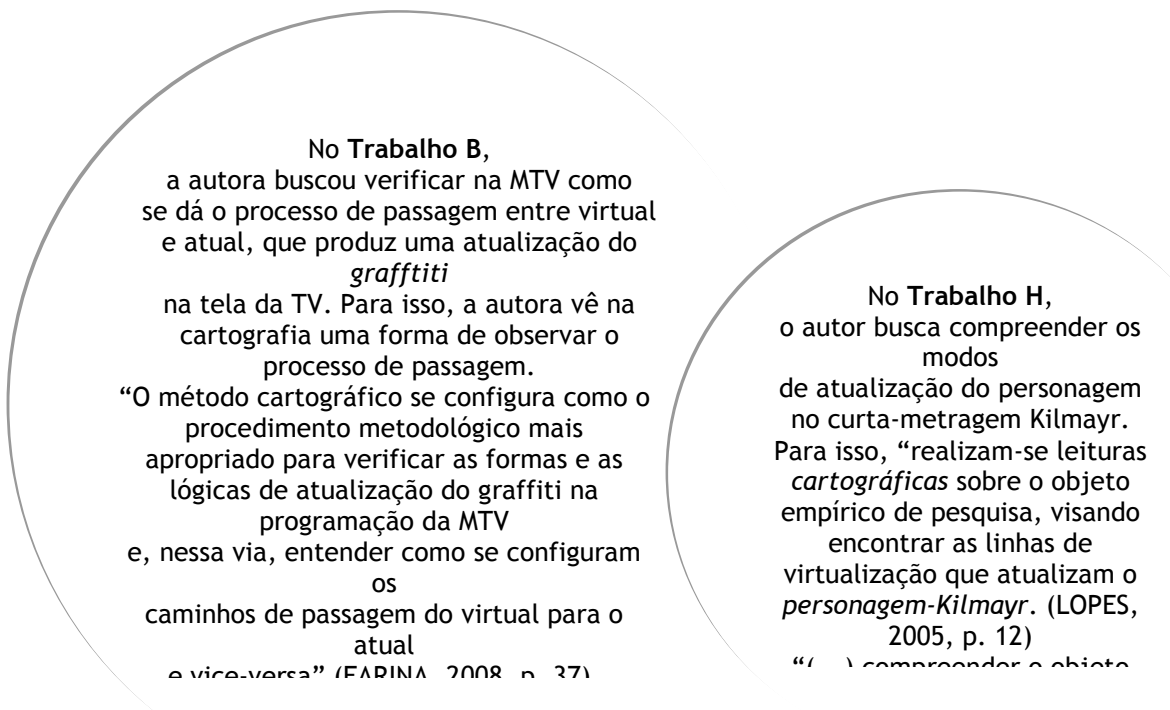


Figura 21: Referências bibliográficas dos trabalhos sobre a *atualização*

Nos **trabalhos A, E, G** que usam o conceito de *entre*, a cartografia aparece como um procedimento para fazer ver os devires do objeto empírico.

A cartografia nesses três trabalhos foi usada como um procedimento para:

Trabalho A - *encontrar as multiplicidades de espaços que ocorrem das relações entre o humano e a mídia digital tanto na concepção quanto no momento de interação;*

Trabalho E - estudar o “mapa dos encontros” que é o grande emaranhado de relações que se formam emergencialmente entre corpo e cidade;

Trabalho G - flagrar a casa subjetiva emergindo de uma conjunção ímpar de elementos heterogêneos que se formam da relação entre casas e homens.

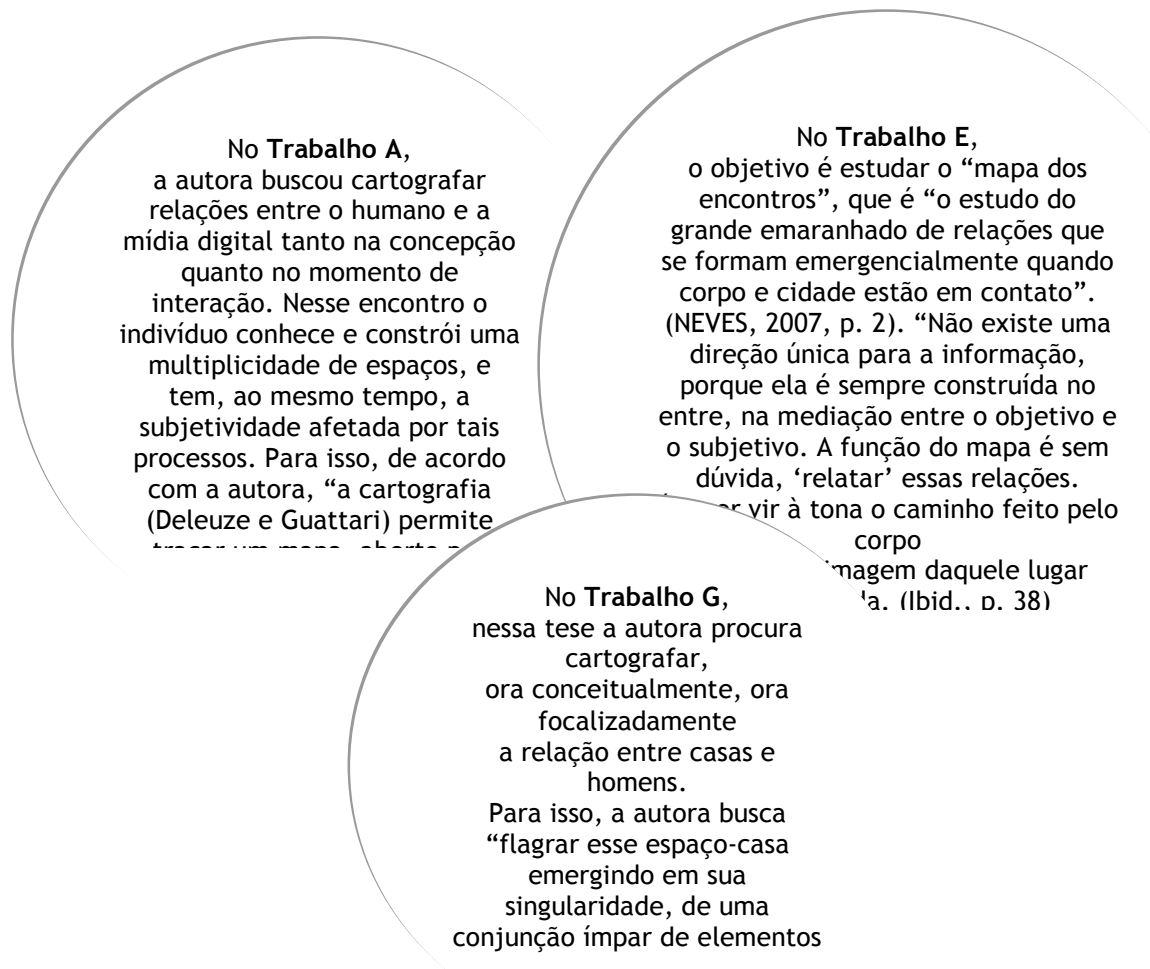


Figura 23: Referências bibliográficas dos trabalhos sobre a relação *entre*

III - A teoria produzida pela pesquisa;

A teoria produzida pela pesquisa permeia todo o processo de seu desenvolvimento. Contudo, em todos os trabalhos a base teórica mais os procedimentos metodológicos para acionar a cartografia realizaram dois movimentos: da criação de conceitos e/ou do pensamento por conceitos (metáforas) que são resultantes dos processos de observação do objeto empírico em conjugação com a cartografia.

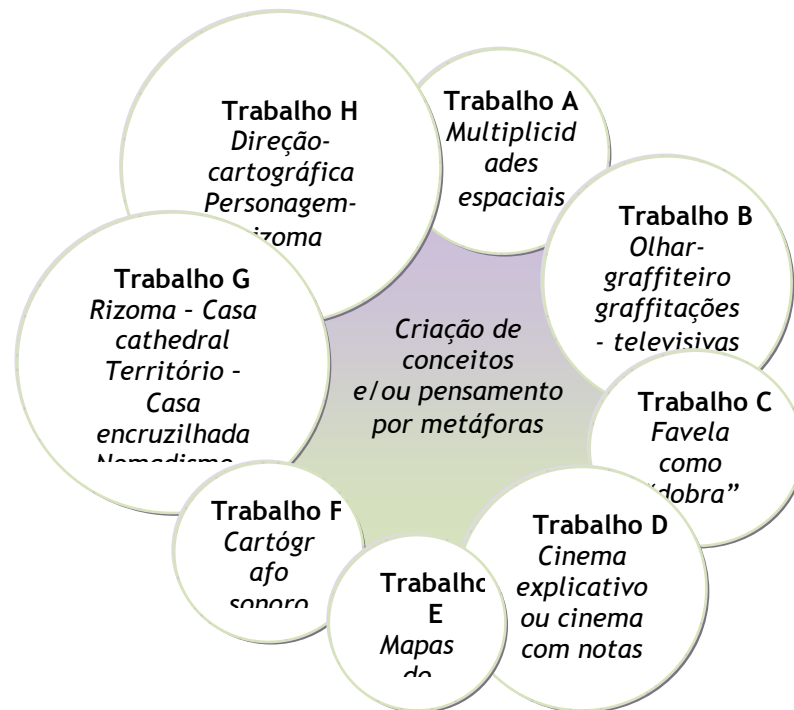


Figura 24: Guia dos conceitos e/ou metáforas criadas

A criação de conceitos está intrinsecamente ligada ao pensamento que Deleuze e Guattari desenvolvem em toda sua obra, principalmente, em *O que é filosofia?*. Eles defendem que o filósofo é amigo do conceito, pois a “filosofia mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos (DELEUZE e GUATTARI, 1997c, p. 13). Assim, de acordo com os autores, dependendo de como entramos nessa filosofia é possível acionar o conceito desejado e criar junto possíveis soluções para uma questão.

Em todos os trabalhos, como podemos ver no diagrama acima, há a criação de conceitos que são abordados geralmente nas considerações finais como uma forma de conjugar a teoria acionada com o movimento metodológico e, desse modo, buscar ver as especificidades do objeto empírico que foi construído.

Apofundamento I

Nos trabalhos observados a cartografia aparece tanto como uma metodologia da pesquisa como uma metodologia na pesquisa. Segundo Lopes (2005) a metodologia pode ser dividida em dois níveis: metodologia *da* pesquisa e metodologia *na* pesquisa. “Enquanto a primeira indica o domínio do estudo dos métodos numa ciência particular, a segunda constitui

o âmbito da aplicação desses métodos em determinada pesquisa”. (2005, p. 98). Resumindo, metodologia *da* pesquisa é a teoria metodológica e metodologia *na* pesquisa é a prática metodológica.

Entretanto, o conteúdo dos dois níveis indicados por Lopes não coincidem com o proposto por Santaella. Para essa última autora existiriam três níveis. O primeiro seria universal, geral, na qual todas as regras lógicas do conhecimento são correspondentes para todas as ciências, ou seja, “sustentado nas principais classes de raciocínios ou argumentos” (SANTAELLA, 2001, p.130). Em segundo lugar, “surgem variados tipos de metodologias que dependem tanto do extrato da ciência no qual se inserem, quanto das teorias, métodos, procedimentos e técnicas que são relevantes às finalidades e a que as pesquisas se destinam” (idem, p. 131). O terceiro nível depende das escolhas do pesquisador, ou seja, “específico a cada pesquisa como processo singular” (idem, p. 131).

Podemos perceber que as autoras da área da comunicação desenvolvem sua discussão em torno da diferenciação da *metodologia* entre prática e teoria, assim como outros autores que se dedicam a esses estudos. Contudo, como mostra a transmetodologia, bem como o processo desenvolvido, nesse trabalho, isso é impossível, pois ela deve ser processada entre as duas dimensões.

3.6 Que potencialidades e/ou limitações o uso da cartografia ofereceu para a comunicação?



Figura 25: Guia de leitura das respostas sobre as potencialidades e/ou limitações

Nessa parte foi realizado, primeiramente, o movimento de encontrar pistas sobre o que o autor reconhece como positivo e/ou limitador para depois realizar inferências.

Foi possível perceber que os trabalhos apresentam fortemente a criação de conceitos como uma potencialidade do uso da cartografia. Guiados pela filosofia de Deleuze e Guattari – para quem a filosofia é criação de conceitos – os autores acionam algum conceito de Deleuze e Guattari buscando criar junto desse possíveis soluções para uma questão, com isso a explicação é de que não há entrada nem saída que sejam corretas ou orientadoras para esse caminho plural.

E no campo da comunicação o que significa seguir esse caminho plural?

Nos trabalhos observados é seguir uma lógica da criação possibilitado pelos conceitos e pela cartografia. A seguir apresento o que pensam os autores dos trabalhos para depois retomar essa questão buscando aprofundar o que seria esse caminho plural na comunicação.

A princípio parece a de seguir uma lógica da criação e para isso a cartografia aparece no **trabalho A** como uma possibilidade metodológica positiva, já que novas práticas comunicacionais na contemporaneidade são cada vez mais condicionados e não determinados; no **trabalho B** como uma possibilidade de desenhar um mapa dinâmico do objeto-problema, ou seja, de acompanhar um processo em detrimento da constituição de uma representação do objeto; no **trabalho C** como uma possibilidade de estar atento às intensidades que desestabilizam o campo social, dando passagem a novas criações de sentido e de produção de realidade; no **trabalho D** como uma possibilidade de tomar a teoria muito mais como componente capaz de auxiliar a pensar os filmes do que algo que deveria ser comprovado, ou mesmo comprovado dentro do campo “empírico” dos filmes; no **trabalho E** como uma possibilidade de se trabalhar com a relação corpo e cidade não buscando conclusões, mas experiências; no **trabalho F** como uma possibilidade de se trabalhar de forma a não concluir nada, mas abrir o caminho para novos fluxos; no **trabalho G** como uma possibilidade de inventar novas maneiras de pensar já que novas categorias de espaço estão surgindo; no **trabalho H** como uma possibilidade de que os movimentos iniciados na pesquisa possam se estender ainda a outras pesquisas que tenham no horizonte de seus propósitos a elaboração de perspectivas voltadas à liberação dos fluxos que existem em potência nas novas formas imagéticas assumidas pelo documentário contemporâneo.

A partir dessas exposições dos trabalhos podemos nos questionar: a comunicação está fazendo filosofia?

Se no empirismo transcendental de Deleuze e Guattari a filosofia é criar conceitos, podemos ver nos trabalhos selecionados, que os autores seguem pela mesma via filosófica, parece ser mais importante construir o objeto e nessa processualidade criar conceitos, do que

concluir alguma coisa de forma absoluta e fechada. Concluir seria representar o objeto e perder o processo, o movimento, as intensidades, o fluxo.

O discurso cai muito bem, mas o empirismo transcendental de Deleuze – que de acordo com Marcondes Filho (2004) trata-se do “exercício do pensamento no tempo em que este mesmo pensamento se dá” (p. 208) – pode custar caro à comunicação.

Primeiramente, por que para “Deleuze, não há originais-modelo, mas emanações, intensidades do Ser que se realizam em cada individuação, mas independente e livremente como síntese disjuntiva”. (Ibid.) – logo, o pesquisador que parte dessa concepção aberta e sem direções deve criar seus próprios procedimentos. O que percebo em alguns trabalhos é a produção de retóricas teóricas confundindo *episteme* com forma simbólica convergindo para um empirismo abstrato, ou seja, uma *tautologia* (SFEZ, 1994).

Por exemplo, **nos trabalhos A e G** o último capítulo se propõe metodológico. Todavia, no **trabalho A** não há relações diretas com a pesquisa. De acordo com a autora

a questão do método, colocada apenas ao final, tende a criar condições de abertura para que futuras pesquisas e produções no campo da comunicação midiática digital deixem de atuar como composições de ordem e passem a funcionar como componentes de passagem. (GIL, 2008, p. 13).

O **trabalho A** finaliza a pesquisa dizendo que a metodologia passa por um processo para ajudar a tonar exprimível o que era da ordem do sensível:

a metodologia desta pesquisa passa por um processo em que o trabalho do pensamento entra para dar suporte, para tornar exprimível aquilo que era da ordem do sensível. A abordagem que fizemos do campo da comunicação midiática se dá a partir de problemas colocados por diferenças advindas desse campo que nos impulsionam a criar um território que expresse essas diferenças. O pensamento de Deleuze e Guattari se compõe com outros em um processo de problematização e criação, o que difere de um processo de investigação de um campo de saber já dado e consolidado. Segundo Rolnik (1995)²⁸, quando o leitor de Deleuze e Guattari faz do pensamento um exercício de elaboração de problemas que são próprios ao campo que está sendo trabalhado, ou seja, que não é mera repetição de conceitos ou somente um jogo de argumentos lógicos, esse leitor encontra nos textos de Deleuze e Guattari um universo de extrema generosidade”. (GIL, 2008, p. 85, grifo nosso).

No **trabalho G**, a autora aponta que o método é um jogo e que a imagem de todo esse processo é que tudo se passa como uma *brincadeira*

uma boa e velha brincadeira: um jogo de montar com resoluções infinitas. Menos que um método há uma atitude. Trata-se aqui de um jogo mesmo, não apenas de um artifício de linguagem. Por isso, a ideia é ver, além de onde se conseguiu chegar, ou do que se conseguiu produzir, como isso se fez, com quais peças, produzindo quais movimentos, seguindo quais regras. (p. 218).

²⁸ ROLNIK, S. **Despedir-se do absoluto: Entrevista a Lira Neto e Silvio Gadelha.** Número especial da Revista Cadernos de Subjetividade: Gilles Deleuze. 1995. (Entrevista).

No **trabalho C**, a autora não deixa perceptível seus encaminhamentos metodológicos, permitindo pensar que ele não existe. Diz que vai usar alguns recursos da etnografia, contudo não faz qualquer detalhamento. A cartografia parece dar suporte para a sensibilidade da autora na seguinte passagem:

como observa muito bem Suely Rolnik, a tarefa do cartógrafo é estar “atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana” (ROLNIK, 1989)²⁹. Isto é, estar atento às intensidades que desestabilizam o campo social, dando passagem a novas criações de sentido e de produção de realidade. (MOREIRA, 2007, p.12).

No **trabalho E**, a autora aborda seus passos metodológicos nos seguintes tópicos:

- 1- Estar locado entre o objetivo e o subjetivo; incorporando o pesquisador, o observador e o ambiente da experiência;
- 2- Não pré-determinar regras;
- 3- Incluir o movimento, o tempo e a plasticidade;
- 4- Relacionar corpo e espaço, pesquisador e pesquisado, experiência sempre mutável e representação;
- 5- Não buscar o símbolo pronto, mas sua construção;
- 6- Na busca pela percepção, buscar mais o fenômeno; (NEVES, 2007, p. 15).

No **trabalho D** “Através do método cartográfico, temos uma pesquisa aberta, que valoriza a experiência, a inventividade do desejo, uma pesquisa-devir.” (GUIDOTTI, 2007, p. 119).

No **trabalho F**, a autora explica que não é possível definir o método cartográfico, pois a sensibilidade é seu guia. Ao trabalhar com a música, a autora utiliza a base teórica de Deleuze e Guattari. De acordo com a autora “A música, em Deleuze e Guattari, é uma potência estética, ética e política, jamais podendo ser aprisionada por pontos de referências ou modelos de identidade” (COELHO, 2002, p. 2).

Nos **trabalhos B e H** os autores propõem uma composição metodológica:

No **trabalho B**, a autora recorre a Jesus Martín-Barbero (2004)³⁰ e Suely Rolnik (2003)³¹ para pensar sobre o *método cartográfico* apoiada pela intuição de Bergson (1999)³², a desconstrução de Jaques Derrida (1998)⁴³³ e o rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995)⁴. Contudo, essa conjugação de autores não lhe garante uma proposta metodológica clara.

²⁹ Não consta nas referências bibliográficas com essa data.

³⁰ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

³¹ Não consta nas referências bibliográficas com essa data, mas o livro é *Cartografia Sentimental*.

³² BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

³³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995

No **trabalho H** “a *cartografia* é trabalhada fundamentalmente a partir das perspectivas desenvolvidas pelas autoras Suely Rolnik (1998)³⁴ e Virginia Kastrup (2007)³⁵. Já o *Rizoma* é estabelecido a partir do trabalho conjunto dos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995)³³⁶”.

Nos trabalhos acima são evidenciados, principalmente, a criação do pensamento, a sensibilidade, a possibilidade de realizar uma pesquisa aberta. Podemos ver que a preocupação metodológica é da ordem da filosofia.

Esse empirismo transcendental me parece que pode ser visto por dois prismas: uma é encará-lo como um devir minoritário e, para isso, seguir o que Marcondes Filho (2004) propõe como um projeto de uma nova teoria da comunicação (partindo do pressuposto de que a comunicação pertence, em primeiro lugar, ao campo da filosofia); ou encarar seu uso como uma *tautologia*, assim como propõe Sfez (1994) que produz retóricas teóricas confundindo *episteme* com forma simbólica convergindo para um empirismo abstrato.

No meu ponto de vista não podemos ir aos extremos, pois a cartografia se mostra, desde Deleuze e Guattari, como um *caminho do meio*, como um *entre*, um *movimento*, uma *processualidade*. No campo da comunicação a maior singularidade a tantas proposições parece ser a de olhar para a pesquisa empírica como um *meio* de ver a diversidade tanto na dimensão teórica como na dimensão metodológica. É preciso colocar, ainda, que essa singularidade parece acontecer na comunicação em muitas pesquisas, independentemente da metodologia ou do método escolhidos.

No próximo capítulo procuro trabalhar com todas as questões buscando responder: *o que passa entre os usos da cartografia de Deleuze e Guattari em suas processualidades na comunicação*.

³⁴ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*. In: HERKENHOFF, Paulo; PEDROSA, Adriano. Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros. São Paulo: A Fundação, 1998.

³⁵ KASTRUP, Virginia. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. Revista Psicologia e Sociedade, v. 19, p. 15-22, 2007.

³⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

4 Considerações finais

O que passa entre os usos da cartografia de Deleuze e Guattari em suas processualidades na comunicação?

Vimos que em todas as problemáticas, dos trabalhos selecionados, a cartografia é acionada através dos conceitos de *agenciamento*, de *atualização*, de *entre*. Nesses usos há uma similaridade que é de buscar construir um *acontecimento*, ou seja, de construir a significação no desenvolvimento do objeto empírico. De acordo com a perspectiva transmetodológica, a problemática, em uma pesquisa, é construída a partir, principalmente, de três dimensões: da *contextualização* do problema/objeto situando-os nos seus múltiplos contextos; da *pesquisa empírica* como recurso metodológico; e, da *práxis teórica* como meio de trabalhar com os conceitos de forma crítica e renovadora. Nos trabalhos selecionados, a *contextualização* do problema caminha pela via de que a pesquisa irá trabalhar com algo novo, que está acontecendo. Para isso, os conceitos de *agenciamento*, de *atualização* e de *entre* - pela concepção teórica de Deleuze e Guattari - são acionados juntamente com a proposta de uma cartografia como recurso metodológico.

A partir dessa visualização, buscou-se investigar esses conceitos, a fim de poder pensar o próprio conceito de cartografia na obra de Deleuze e Guattari. Nesse movimento, foi possível perceber que o conceito de *dispositivo* de Michel Foucault e o de *duração* de Henri Bergson, no meu modo de ver, são as bases do conceito de Rizoma.

Nessa perspectiva, me permito a pensar, a partir do que observei nos trabalhos e no estudo teórico, que o rizoma é um método que, com sua potencialidade teórica, faz perceber o objeto a partir de um agenciamento de multiplicidades virtuais que podem ou não se atualizarem. A cartografia, então é acionada como um procedimento metodológico para construir o objeto empírico em *meio* a infinitas possibilidades que podem ou não se atualizarem. Isso ocorre de três formas: quando usam o conceito de *agenciamento*, a cartografia é acionada como um procedimento para fazer ver as linhas heterogêneas que compõem o objeto empírico. Quando usam o conceito de *atualização*, a cartografia aparece como um procedimento para fazer ver as multiplicidades virtuais do objeto empírico. Finalmente, quando usam o conceito de *entre*, a cartografia aparece como um procedimento para fazer ver os devires do objeto empírico.

A partir do que pude observar nos trabalhos estudados, acredito que a cartografia tem se configurado não como um método, mas como um procedimento teórico-metodológico muito enriquecedor dos processos de construção do *objeto empírico* e do *objeto teórico*³⁷.

A cartografia permite estudar o objeto por outras perspectivas que as técnicas e procedimentos costumeiramente usadas na comunicação não tem o hábito de evidenciar. Ela permite verificar as diferenças, observar ou capturar elementos da duração, ela dá espaço para as heterogeneidades, para os elementos minoritários e a para as linhas de fuga. Ela reconhece, igualmente, o espaço da subjetividade na pesquisa - o que não é muito comum na comunicação, contudo, é necessário, pelo menos, um debate sobre o papel da subjetividade na pesquisa científica, sobretudo das áreas das ciências humanas e sociais, uma vez que a subjetividade é inerente a qualquer pesquisa.

Percebeu-se que o objeto não é dado, ele é a própria processualidade de teorias e concepções metodológicas. Dessa forma, não há um único procedimento metodológico para ser aplicado em uma pesquisa. Entretanto, esse parece ser o maior problema do uso da cartografia como o método de Deleuze e Guattari, pois buscam nos conceitos, principalmente, acionados a partir do livro *Mil Platôs*, compreender todas as instâncias da pesquisa, o que acaba acontecendo é um *teoricismo* abstrato. Nessa via, a dimensão metodológica ainda é muito incipiente. Acredito que isso ocorra, também, por que a filosofia das multiplicidades de Deleuze e Guattari, ao buscar os devires, os acontecimentos, o exercício do pensamento ao mesmo tempo em que ele se processa, sem nunca fechar, sem modelos, o sujeito/pesquisador acaba reduzindo o ato de pesquisar a uma mediação do pensamento unicamente subjetivo.

Nos trabalhos observados há uma forte tendência em defender a subjetividade do cartógrafo. Acredito que no campo da comunicação essa defesa ocorra, porque o referencial teórico com maior vertente para pensar a cartografia como um método de Deleuze e Guattari seja a da psicologia e/ou, também, porque as pesquisadoras que mais apareceram nos trabalhos para pensar a cartografia como prática sejam dessa área: Suely Rolnik (2006) e Virgínia Kastrup (2009). No campo da comunicação encontramos potências da cartografia em diferentes intercessores e desdobramentos como em: Jesús Martín-Barbero (2004), Massimo Canevacci (1997) e Walter Benjamin (2006). Todavia, dos oito trabalhos analisados, apenas três citam Jesús Martín-Barbero (2004) como uma possibilidade de se pensar a cartografia na comunicação. Dentre esses, um observa que vai trabalhar com as considerações de Martín-Barbero (2004) no processo metodológico, mas as aproximações ficaram um tanto quanto

³⁷ De acordo com Lopes (2010) o objeto é um sistema de relações expressamente construído entre a “base epistemológica de elaboração do objeto empírico e do objeto teórico da pesquisa”. (2010, p. 35).

restritas a pensar sobre a questão de mapa. O que está claro que a cartografia como ecologia ou método na comunicação ainda está em um movimento incidente e, assim, seus usos precisam ser experimentados, adequado ao campo e, portanto, explorados.

Interessante relatar que a proposta rizomática se opõe a um modelo, no entanto, nos trabalhos que se propõem a usar a cartografia teórica-metodologicamente acontecem algumas especificidades que parecem ser incorporadas nos trabalhos de uma mesma forma: há uma busca pela escrita de forma mais poética; criam-se conceitos que são uma composição dos próprios conceitos desenvolvidos por Deleuze e Guattari (seguindo a lógica apresentada por eles de que a filosofia é criação de conceitos), principalmente, os conceitos de rizoma e cartografia como, por exemplo, *Personagem-rizoma*, *Direção-cartográfica*; *Olhar-graffiteiro*, *Mapas do encontro*, *Cartógrafo Sonoro*, *Rizoma-casa cathedral*, *Território-casa encruzilhada*, *Nomadismo-casas contemporâneas*. Entre esses conceitos há uma similaridade que é se explicar seguindo os princípios do rizoma, ou seja, de multiplicidade, de heterogeneidade, de uma abordagem sempre aberta a novas conexões. Em alguns trabalhos, a criação dos conceitos é apresentada como uma grande descoberta realizada na conexão com a teoria.

A partir das questões de observação elaboradas em conjunto com a concepção transmetodológica, foi possível pensar os usos da cartografia na comunicação, através de uma configuração teórico-metodológica que buscou realizar algumas críticas não à seu lugar na comunicação, mas no que refere a seus usos para fazer avançar este estudo de forma mais coerentes para a produção de conhecimento no campo. Apesar das limitações apontadas é importante frisar que a cartografia como um procedimento teórico-metodológico pode ser muito produtiva para construir o objeto empírico que trabalhe no plano dos *acontecimentos*, desde que, para isso, se estabeleça, não apenas a relação com o rizoma como *episteme*, mas que transcenda essa ligação incluindo uma coerência maior da dimensão metodológica.

Dessa forma, é possível descentralizar um tipo de fazer filosofia deleuzo-guattariana na comunicação, isso não significa excluí-la, mas trabalhá-la de modo a usar o seu rico material teórico-filosófico para avançar na reflexão da construção de objetos que sejam significativos para o campo. Não basta “sentir”, “intuir” o acontecimento, mas refletir se os agenciamentos serão produtivos para o compartilhamento do conhecimento para o campo. Por exemplo: no caso do **trabalho G**, o “objetivo é montar casas subjetivas ou construir ‘modelizações parciais’ de casas subjetivas”. (p. 219).

A idéia dessa estreita e co-producente relação homem-espaço doméstico que percorre toda a tese carrega consigo uma preocupação específica com a produção contemporânea dos espaços. Nesse sentido, o esforço é introduzir dados novos ou,

ao menos, **produzir uma certa inflexão nos atuais rumos de um pensamento sobre a arquitetura**". (BRADÃO, 1999, p. 4, grifo nosso).

Nesse sentido, não basta flagrar um acontecimento, mas questionar se a pesquisa realizada dentro do campo poderá ser compartilhada eficazmente. Como vimos no início desse trabalho, a transmetodologia alerta para um esforço das distinções das problemáticas no campo da comunicação.

Penso que entre a cartografia e a comunicação passa uma linha que é a de fazer filosofia, assim, como fez Deleuze em seu *empirismo transcendental*: de exercitar o pensamento no mesmo tempo em que ele acontece. Precisamos fugir da retórica filosófica de construir unicamente *insights* com os conceitos de Deleuze e Guattari como uma forma de fazer pesquisa sobre o pretexto das emanções, das intensidades, do novo a ser encontrado - afinal, esse parece ser mais o papel da filosofia do que da comunicação. Chegar ao final de uma investigação com conceitos e problematizações é muito satisfatório, contudo não podemos usar isso como a comprovação de uma pesquisa empírica. Isso, na verdade, converge para um empirismo abstrato.

No campo da comunicação a realização da pesquisa empírica parece ser uma forma de se entender o que é pesquisa científica no campo em meio a tantas vertentes teóricas e objetos comunicacionais plurais. Essa parece ser uma estratégia pedagógica produtiva para compreender tanto o fazer teórico como o metodológico.

Nessa pesquisa, as concepções *transmetodológicas*, tantas vezes retomadas durante o texto para entender não somente as especificidades da comunicação, mas para compreender as processualidades entre a dimensão teórica e a metodológica, me permitiu uma forma diferenciada de perceber o processo investigativo como que separado cartesianamente por partes. A pesquisa é fruto de um entrelaçamento constante entre epistemologia e metodologia.

Foi buscando essa processualidade que procurei, também, construir esse texto dissertativo conjugando a teoria para ver o material empírico e do que resultava aprofundar mais teoricamente enquanto a pesquisa era processada.

Frente as dificuldade que essa dissertação apresentou no que se refere a complexidade do *corpus*, ao ineditismo da proposta, à novidade do objeto, acredito que como, recente aprendiz de pesquisadora, consegui algum êxito. Foi também motivador abordar assuntos tão caros como: a cartografia e a metodologia. Além, da grande dificuldade que foi a de enfrentar a leitura dos trabalhos.

É relevante dizer que me interessava pela filosofia de Deleuze e Guattari ainda na graduação... fui conquistada por ela, ou me deixei seduzir por um sentimento anárquico de

realizar as coisas diferentemente. Apaixonada... cega de paixão, só enxergava a cartografia como um *método (amor)* possível para se romper barreiras. Entretanto, a convivência diária, os encontros e desencontros, ora com Deleuze ora com Guattari, foram me desestabilizando não no sentido de perder o amor, mas de ver também as imperfeições. Pensei, então, em pedir separação... chorei... sofri... mas fizemos a reconciliação quando eu percebi que eu podia amar a cartografia, apesar dela não ser mais o que eu achava que era. Essa foi uma tentativa, um tanto quanto fora do convencional, para explicar que iniciei esse projeto guiada, principalmente, por querer descobrir as potencialidades da cartografia como um método. Até a qualificação me perguntava duas coisas: O que é o método? O que é a cartografia? Fui até os gregos para tentar entender a origem do conhecimento. Para entender a cartografia fiz minha salada de fruta com Suely Rolnik, Virgínia Kastrup, pesquisas acadêmicas das mais diversas áreas do conhecimento. No entanto, somente quando fiz o *Seminário de Transmetodologia em Ciências da Comunicação* é que percebi outras óticas e outras formas teórico-metodológicas de pensar a pesquisa em comunicação.

As preocupações epistemológicas que me guiaram no começo deste percurso investigativo, sobre a problemática metodológica, procederam fortemente da participação no grupo de pesquisa *Processocom*, que trabalha na fundamentação e construção metodológica na pesquisa comunicacional. As reflexões geradas pelo grupo me permitiram uma melhor compreensão das dimensões metodológicas na comunicação. O grupo *Processocom* tem como “linha central a formação de pesquisadores numa perspectiva transformadora e explora, em termos metodológicos, uma epistemologia crítica que busca articular sabedorias milenares com estratégias inovadoras (...)”. Essa passagem se encontra na aba do último livro lançado pelo grupo em 2008: *Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa*.

Nessa ótica, através das diferentes perspectivas metodológicas desenvolvidas para o livro, pude repensar o espaço transdisciplinar que é articulado pela comunicação. Para estudar esse assunto, que abrange diferentes áreas, contei com o auxílio da *transmetodologia*, a qual busca questionar os formalismos metodológicos, encarando a perspectiva de que o método deve transcender e não limitar, já que cada problemática solicita um processo único. Deve, também, estar conectado aos diversos campos de conhecimento e não se restringir, simplesmente, há um conhecimento centralizador. Sigo assim, as palavras que Jesús Martín-Barbero escreveu no prólogo do livro, que citei acima, “*necesitamos menos de certidumbres que nos arrasten y más cartas de navegación que nos den pistas de cómo avizorar el terreno por nuestros propios pasos*.”

Referências bibliográficas

AGUIAR, Lisiane. **Cartografias do imaginário tecnológico: das representações cinematográficas de ficção científica à cibercultura.** 2007. 112 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2007.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.** São Paulo: Studio Nobel, 1997.

COELHO, Lilian Monaro Engelmann. **Escutas em musicoterapia: a escuta como espaço de relação.** 2002. 130 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica.

BACHELARD, Gaston. *O racionalismo aplicado.* In: G. Bachelard. **A epistemologia.** Lisboa: Edições 70, 1981, p. 113-141.

BANCO DE TESES DA CAPES. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>> Acesso em: fev. 2010.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Belo Horizonte/UFMG; São Paulo: imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BERGSON, Henri. **Memória e vida.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Duração e simultaneidade:** a propósito de uma teoria de Einstein. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>> Acesso em: set. 2010.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jena-Claude. *Epistemología y metodología; La ruptura; la construcción del objeto*. In: P. Bourdieu, et al. **El oficio del sociólogo/presupuestos epistemológicos**. 5ª ed. Madrid. Siglo XXI, 2003, p. 11-81.

_____. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato. (Org) **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo, Ática, 1983.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva - matérias, afectos e espaço domésticos**. 1999. 238 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a. V. 1.

_____. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b. V. 2.

_____. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. V.3.

_____. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a. V.4.

_____. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997b. V.5.

_____. **O que é filosofia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Imanência: uma vida...** Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>. Acessado 02 fev. 2010.

_____, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1990a.

_____. O que é um dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990b.

_____, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FARINA, Camila. **Graffitações televisivas: um estudo cartográfico sobre a atualização do graffiti na MTV.** 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método.** São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FONSECA, Tania. M. G.; GOMES, P. A. (Orgs.). **Cartografias e Devires. A Construção do Presente.** 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2003.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. Anti-Édipo: uma introdução a vida não fascista. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (Org.). **Dossier Deleuze.** Rio de Janeiro: Hólon Editorial, 1991. p. 81-84.

_____. **Arqueologia do Saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GIL, Adeline Gabriela Silva. **As multiplicidades espaciais na comunicação midiática digital.** 2008. 105 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Bauru. Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

GUIDOTTI, Flávia Garcia. **Dez mandamentos de Jorge Furtado: cartografias em três platôs.** 2007. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

GOMES, Pedro Gilberto. O processo de midiaticização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade. A relação mídia e religião. In: FAUSTO NETO, Antonio... [et al] (Orgs.). **Midiaticização e processos sociais na América Latina.** São Paulo: Paulus, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas em comunicação. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata

Vassalo; MARTINO, Luiz Claudio. (Orgs.) **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005.

LOPES, Tiago Ricciardi Correa. **Personagem-Rizoma**: atualizações do personagem no curta-metragem Kilmayr. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.

KASTRUP, Virgínia. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: Lúcia Rabello de Castro e Vera Lopes Besset. (Org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nau, 2008, v. 1, p. 465-489.

KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. Psicologia e Sociedade, v. 19, 2007, p. 15-22.

KASTRUP, Virgínia. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: T. G. Fonseca; P. G. Kirst. (Org.). **Cartografias e devires - a construção do presente**. 1 ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003, v. 1, p. 53-61

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MALDONADO, Alberto Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia Martins do. (Orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.

_____, A. Efendy. Práxis teórico-metodológica na pesquisa. In: A. E. Maldonado et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação/Olhares trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. Explorações sobre a problemática epistemológicas no campo das ciências da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. A. Efendy. *Produtos midiáticos, estratégias e recepção/A perspectiva transmetodológica*. In: Revista **Ciberlegenda**, UFF, Nº 9, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação.** São Paulo: Paulus, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século.** In: MORAES, Denis de. (org.). **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura.** São Paulo: Loyola, 2004.

MOREIRA, Fayga Rocha. **Mídias, Subjetividade e Terceiro Setor: a comunicação como problema social em favelas cariocas.** 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI.** Trad. Flávia Nascimento. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NEVES, Heloisa Maria Domingues. **Mapas do encontro: estudos da relação comunicativa corpo – cidade.** 2007. 79f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental. Transformações Contemporâneas do Desejo.** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS: 2006.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial. 1987. 250f. Tese.** (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma epistemologia do Sul. In: Boaventura de Sousa Santos. **A gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SFEZ, Lucien. *Crítica da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1994.

SODRÉ, Muniz. Ciência e método em comunicação. In LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

TUCHERMAN, Ieda; SAINT-CLAIR, Ericson. O corpo transparente: dispositivos de visibilidade e mutações do olhar. **INTEXTO**. Porto alegre: UFRGS, 2008, v.2, n. 9.

VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. **Compreender Bergson**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel; PRIGOGINE, Ilya; LECOURT, Dominique, et al. A construção histórica das ciências sociais, do século XVIII até 1945; Os grandes debates no interior das ciências sociais, de 1945 até o presente. In: I. Wallerstein, et al. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

APÊNDICE A

Programas de Pós-Graduação em Comunicação

Trinta e sete programas filiados na Associação Nacional dos
Programas de Pós-Graduação em Comunicação/COMPÓS.

Universidade	Título	Trabalhos	Site
<p><u>1. PUC-SP Pontifícia Universidade e Católica de São Paulo</u></p>	<p>Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica (Mestrado e Doutorado)</p>	<p>Programa: http://www.pucsp.br/pos/cos/</p> <p>Trabalhos: http://www.pucsp.br/pos/cos/dissertacoes_teses.html</p> <p>Marcio Honorio de Godoy Doutorado - 2007 Dom Sebastião no Brasil: das oralidades tradicionais à mídia Orientadora: Jerusa Pires Ferreira</p> <p>Heloisa Neve Mestrado- 2006 Mapas do encontro: estudos da relação comunicativa corpo - cidade Orientadora: Christine Greiner</p> <p>Beatriz de Araujo Britto Doutorado - 2007 Arte e Mídia - a ação do grupo Ói Nós Aqui Traveiz como espaço de resistência e suas recepções na mídia Orientador: Silvio Ferraz</p> <p>Também consta no site do CNPq Giuliano Obici Mestrado- 2006 Condição da Escuta: mídias e territórios sonoros Orientador(a):Silvio Ferraz</p> <p>Também consta no site do CNPq Maria Teresa Alencar de Brito Doutorado - 2007 Por uma educação musical do pensamento: novas estratégias de comunicação</p>	<p>Teses e dissertações a partir de 2006</p>

		<p>Orientador: Silvio Ferraz</p> <p>Também consta no site do CNPq e no BDTD</p> <p>Maria Lucilia Borges Doutorado - 2007 Design desejante: a dobra como espaço e(ntr)e Orientadora: Maria Lucia Santaella Braga</p> <p>Também consta no site do CNPq</p> <p>Ludmila de Lima Brandão Doutorado - 1999 A Casa Subjetiva - Matérias, Afectos e Espaço Domésticos Orientadora: Jerusa de Carvalho Pires Ferreira</p> <p>Também consta no site do CNPq</p> <p>Lilian Monaro Engelmann Coelho Mestrado- 2002 Escutas em musicoterapia: a escuta como espaço de relação Orientador: Silvio Ferraz</p>	
<u>2. UFBA</u> <u>Universidade</u> <u>e Federal da</u> <u>Bahia</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea (Mestrado e Doutorado)	<p>Nenhum</p> <p>http://poscom.ufba.br/</p> <p>Teses:</p> <p>http://poscom.ufba.br/?page_id=87</p> <p>Dissertações</p> <p>http://poscom.ufba.br/?page_id=38</p>	<p>Teses a partir de 2001</p> <p>Dissertações 2004</p>
<u>3. UFRJ</u> <u>Universidade</u> <u>e Federal do</u> <u>Rio de</u> <u>Janeiro</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado e Doutorado)	<p>http://www.pos.eco.ufrj.br/</p> <p>http://www.pos.eco.ufrj.br/</p> <p>Também consta no site do CNPq</p> <p>Fayga Naira Rocha Moreira Mestrado- 2007 Mídias, Subjetividade e Terceiro Setor: a comunicação como problema social em favelas cariocas Orientadora: Janice Caiafa Pereira e Silva</p>	<p>Teses e dissertações a partir de 2006</p>
<u>4. UESP</u> <u>Universidade</u> <u>e Metodista</u>	Pós-Graduação em Comunicação	<p>Nenhum</p> <p>http://metodista.uol.com.br/poscom/cient%C3%ADfico</p>	<p>Teses a partir de 1997</p>

<u>de São Paulo</u>	Social (Mestrado e Doutorado)	http://metodista.uol.com.br/poscom/teses-e-dissertacoes	Dissertações 1981
5. UnB Universidad e de Brasília	Programa de Pós Graduação em Comunicação (Mestrado e Doutorado)	Nenhum http://www.unb.br/ http://btd.bce.unb.br/tesesimplificado/	Teses e dissertações a partir de 2002
6. UNICAMP Universidad e Estadual de Campinas	Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Instituto de Artes, Unicamp. (Mestrado e Doutorado)	Nenhum http://www.iar.unicamp.br/posgraduacao/cpgia/publicacoes.php http://cutter.unicamp.br/document/results.php?words=cartografia+deleuze+guattari	Teses e dissertações a partir de 2004
7. USP Universidad e de São Paulo	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (Mestrado e Doutorado)	Nenhum http://www.pos.eca.usp.br/index.php?q=pt-br/node/14 http://www.pos.eca.usp.br/index.php?q=pt-br/teses/Ciencias%20da%20Comunicacao	Teses e dissertações a partir de 2006
8. PUC-RS Pontificia Universidad e Católica do Rio Grande do Sul	Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (Doutorado e Mestrado)	Nenhum http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/famecosppg/ppgcom http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/famecosppg/ppgcom/ppgcomTesesDissertacoes	
9. UNISINOS Universidad e do Vale do Rio dos Sinos	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (Mestrado e Doutorado)	http://www.unisinos.br/ppg/comunicacao http://www.unisinos.br/ppg/comunicacao.php?option=com_ted&Itemid=177&menu_a_menu_sub&marcador=177	Teses e dissertações a partir de 2005
		Flávia Garcia Guidotti - BDTD Mestrado 2007 Dez mandamentos de Jorge Furtado: cart em três platôs Orientador: Alexandre Rocha da Silva	

		<p>Elenice Mattos Corrêa Mestrado 2007 Parangolés eletrônicos: expressões audio uma estética do silício Orientador: Alexandre Rocha da Silva</p> <p>Também consta no site do CNPq Camila Thormann Farina Mestrado 2008 Graffitações televisivas: um estudo carto sobre a atualização do graffiti na MTV Orientadora: Nísia Martins do Rosário</p> <p>Martina Eva Fischer Mestrado 2008 Configurações da linguagem e dos discurs publicitário na trama multi-héctica da te Orientadora: Nísia Martins do Rosário</p> <p>Tiago Ricciardi Correa Lopes Mestrado 2008 Personagem-rizoma: atualizações do pers curta-metragem Kilmayr Orientadora: Flávia Seligman</p> <p>Também consta no site do CNPq Ivanir Migotto Mestrado 2009 Caixas de coletâneas audiovisuais: a Casa de Porto Alegre Orientadora: Nísia Martins do Rosário</p> <p>Vera Martins Mestrado 2010 Título do trabalho: Desperta mulher: car sobre comunicação e engajamento no jornal do Movimento de Mulheres Camponesas do RS Orientador: Christa Berger</p>	
<u>10. UFMG Universidad e Federal de Minas Gerais</u>	Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado e Doutorado)	<p>Nenhum <a href="http://www.fafich.ufmg.br/dcs/strictu
sensu/programa">http://www.fafich.ufmg.br/dcs/strictu sensu/programa</p> <p><a href="http://www.fafich.ufmg.br/dcs/strictu
sensu/t20/doutorado-1">http://www.fafich.ufmg.br/dcs/strictu sensu/t20/doutorado-1</p> <p>http://www.fafich.ufmg.br/dcs/strictu</p>	<p>Teses a partir de 2006</p> <p>Dissertaç ões 2007</p>

		sensu/t20/mestrado-1	
<u>11. UFRGS</u> <u>Universidade</u> <u>e Federal do</u> <u>Rio Grande</u> <u>do Sul</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (Mestrado e Doutorado)	Nenhum http://www.ppgcom.ufrgs.br/novosite/ http://www.ppgcom.ufrgs.br/novosite/index.php?option=com_content&view=article&id=71&Itemid=83 http://www.ppgcom.ufrgs.br/novosite/index.php?option=com_content&view=article&id=79&Itemid=84	Teses a partir de 2004 Dissertações 1998
<u>12. UFF</u> <u>Universidade</u> <u>e Federal</u> <u>Fluminense</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado e Doutorado)	Nenhum http://www.uff.br/mestcii/ http://www.uff.br/mestcii/tesesedissertacoesnew.htm	Teses a partir de 2006 Dissertações 1999
<u>13. UTP</u> <u>Universidade</u> <u>e Tuiuti do</u> <u>Paraná</u>	Mestrado e Doutorado em Comunicação e Linguagens	Nenhum http://www.utp.br/mdcl/ http://www.utp.br/mdcl/texto_9teste.htm	Dissertações 2000 a 2006 somente os títulos
<u>14. CÁSPER</u> <u>LÍBERO</u> <u>Faculdade</u> <u>Cásp</u> <u>Líbero</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado)	Nenhum http://www.casperlibero.edu.br/home/ http://www.casperlibero.edu.br/pesquisas/	Dissertações A partir de 2005
<u>15. UFPE</u> <u>Universidade</u> <u>e Federal de</u> <u>Pernambuco</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado e Doutorado)	Nenhum http://www.ufpe.br/ppgcom/ http://www.bdt.d.ufpe.br/tedeSimplificado/	Biblioteca de teses e dissertações Sem data
<u>16. UERJ</u> <u>Universidade</u> <u>e do Estado</u> <u>do Rio de</u> <u>Janeiro</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado)	Nenhum http://www.ppgcom.uerj.br/ http://www.ppgcom.uerj.br/teses_e_dissertacoes.html	Dissertações A partir de 2004
<u>17. UNIP</u> <u>Universidade</u> <u>e Paulista</u>	Mestrado em Comunicação	Nenhum http://www.compos.org.br/pagina.php?&menu=3&mmenu=&show=22	Dissertações A partir de 2002

		http://www3.unip.br/ensino/pos_graduacao/strictosensu/comunicacao/dissertacoes.aspx	
<u>18. UNESP Universidade e Estadual Paulista</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp	http://www.faac.unesp.br/posgraduacao/comunicacao/ http://www.faac.unesp.br/posgraduacao/comunicacao/disserta.php <p>Também consta no site do CNPq Nome: Adeline Gabriela Silva Gil Mestrado - 2008 Título: As Multiplicidades Espaciais na Comunicação Midiática Digital Orientador: Prof. Dr. Adenil Alfeu Domingos</p>	Dissertações A partir de 2004
<u>19. PUC-RJ Pontifícia Universidade e Católica do Rio de Janeiro</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social	Nenhum http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/progcom.html http://www.dbd.puc-rio.br/bibliotecas_puc_rio.php	Biblioteca central sem data
<u>20. UNIMAR Universidade e de Marília</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado)	Nenhum http://www.unimar.br/pos/pos_comunicacao.php http://www.unimar.br/pos/trabalhos/trabalhos.php?area=4	Dissertações A partir de 2005
<u>21. ESPM Escola Superior de Propaganda e Marketing</u>	Comunicação e Práticas de Consumo (Mestrado)	Nenhum http://ppgcom.espm.br/ http://ppgcom.espm.br/index.php?option=com_content&view=article&id=88&Itemid=57	Dissertações A partir de 2006
<u>22. UFSM Universidade e Federal de Santa Maria</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado)	Nenhum http://w3.ufsm.br/poscom/poscom/index.php?option=com_content&task=view&id=40 http://w3.ufsm.br/poscom/poscom/index.php?option=com_content&task=view&id=57	A partir de 2006
<u>23. UNISO Universidade</u>	Programa de Pós-Graduação	Nenhum http://comunicacaoecultura.uniso.br/	Dissertações

<u>e de Sorocaba</u>	em Comunicação e Cultura - (Mestrado)	http://comunicacaoecultura.uniso.br/discentes_publica.html	a partir de 2005
<u>24. UAM Universidad e Anhembi Morumbi</u>	Mestrado em Comunicação	Nenhum http://www2.anhembi.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=4243 http://www2.anhembi.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=85450&sid=4263	Dissertações a partir de 2008
<u>25. PUC-MG Pontifícia Universidad e Católica de Minas Gerais</u>	Mestrado em Comunicação Social	Nenhum http://www.fca.pucminas.br/mestrado/ http://www.fca.pucminas.br/mestrado/index.php/producao/dissertacoes/	Dissertações a partir de 2009
<u>26. UFJF Universidad e Federal de Juiz de Fora</u>	Mestrado em Comunicação e Sociedade	Nenhum http://www.ufjf.br/ppgcom/ http://www.ufjf.br/biblioteca/	Biblioteca de teses e dissertações Sem data
<u>27. UFG Universidad e Federal de Goiás</u>	Mestrado em Comunicação	Nenhum http://www.facomb.ufg.br/mestrado/ http://www.facomb.ufg.br/mestrado/?menu_id=1290685622&pos=esq&site_id=75	Uma dissertação 2008
<u>28. UFSC Universidad e Federal de Santa Catarina</u>	Programa de Pós-Graduação em Jornalismo	Nenhum http://www.posjor.ufsc.br/ http://www.posjor.ufsc.br/index.php?option=com_content&view=category&id=21:dissertacao&layout=default	Nove dissertações 2008
<u>29. UEL Universidad e Estadual de Londrina</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Mestrado	Nenhum http://www.uel.br/pos/mestradocomunicao/ http://www.uel.br/pos/mestradocomunicao/?page_id=9	Dissertações a partir de 2010
<u>30. UFSCar Universidad e Federal de</u>	Programa de Pós-Graduação em Imagem e	Nenhum http://www.ppgis.ufscar.br/	Não consta

<u>São Carlos</u>	Som (Mestrado)		
<u>31. UCB Universidade e Católica de Brasília</u>	Mestrado em Comunicação	Nenhum http://www.poscomunicacao.ucb.br/Cursos/118Comunicacao/	Dissertações a partir de 2010
<u>32. UFPB Universidade e Federal da Paraíba</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado)	Nenhum http://www.cchla.ufpb.br/ppgc/ http://www.cchla.ufpb.br/ppgc/index.php	Dissertações a partir de 2008
<u>33. UFC Universidade e Federal do Ceará</u>	Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC (Mestrado)	Nenhum http://www.poscom.ufc.br/ http://www.poscom.ufc.br/texto_dinamico.php?opt=view&chave_texto=projetos	Resumo dos projetos a partir de 2007
<u>34. UFAM Universidade e Federal do Amazonas</u>	Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação	Nenhum http://www.ppgccom.ufam.edu.br/ http://www.ppgccom.ufam.edu.br/arg_b_dissertacoeses.html	Dissertações a partir de 2010
<u>35. USCS Universidade e Municipal de São Caetano do Sul</u>	Programa de Mestrado em Comunicação	Nenhum http://www.uscs.edu.br/posstricto/comunicacao/	Não consta
<u>36. UFRN Universidade e Federal do Rio Grande do Norte</u>	Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia	Nenhum http://www.sigaa.ufrn.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?id=4893 http://www.sigaa.ufrn.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=4893	Biblioteca de teses e dissertações Sem data
<u>37. USP Universidade e de São Paulo</u>	Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais	Nenhum http://www.pos.eca.usp.br/index.php?q=pt-br/node/311	Não consta Constituição em 2009

APÊNDICE B

Esquema de leitura dos trabalhos

Em primeiro lugar é importante explicar ao leitor que alguns trabalhos não são disponibilizados eletronicamente nas bibliotecas digitais dos Programas de Pós-graduação por serem anteriores a esse recurso. Dessa forma, buscou-se realizar um esquema dos trabalhos a fim de permitir ao leitor uma melhor compreensão. Em segundo lugar, alguns trabalhos analisados podem ser encontrados através dos *links*, disponibilizados no APÊNDICE A.

TRABALHO A

GIL, Adeline Gabriela Silva. **As multiplicidades espaciais na comunicação midiática digital**. 2008. 105 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Bauru. Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

Que problema e/ou objetivo de pesquisa acionou o uso da cartografia?

“O processo pesquisado é o de **criação de espaços** no encontro entre o usuário, ou coletivos interagentes, e a hipermídia, enquanto interface digital de comunicação, tanto em sua concepção quanto no momento da interação”. (p.6).



“**cartografar relações** que uma hipermídia poderia estabelecer com os espaços e com os modos de individuação, tanto em sua concepção quanto no momento da interação”. (p.10).



“**A cartografia (Deleuze e Guattari) traça um mapa**, aberto por natureza, capaz de relacionar os signos de um território às forças que concorrem para configurá-lo”. (p.10).



“**O campo problemático da presente pesquisa são as multiplicidades (atuais e virtuais) que compõem encontros com as mídias digitais**. Elas envolvem as relações entre o humano e a mídia digital, sendo esta um meio pelo qual o indivíduo conhece e constrói uma **multiplicidade de espaços**, e como, ao mesmo tempo, **a subjetividade é afetada por tais processos**”. (p.14).

“Se é possível pensar em **criação ou produção de algo novo na interação entre o humano e a mídia digital, qual a natureza desse espaço ou espaços em que ocorrem tais acontecimentos? Quais suas dinâmicas, modos de operar?** Essas são questões que se colocam e que, no decorrer da dissertação, procuraremos, antes de respondê-las, problematizá-las de modo consistente. O problema, como campo em tensão, composição de forças divergentes, como criação, é diferente da simples interrogação, que já traz em si uma ou duas respostas possíveis. Como dizem Deleuze e Guattari, a solução, ou o *processo de formação* pelo qual as forças assumem diferentes configurações, decorre das *condições* sob as quais o problema é colocado”. (p.14).

Como a cartografia é usada na construção do objeto empírico da pesquisa?

“Para essa investigação, foram selecionadas algumas produções experimentais, das quais destacamos: Reactable (<http://reactable.iaa.upf.edu/>), uma interface multitoque que funciona como um meio pelo qual o usuário atualiza um virtual na forma de imagens e sons; Poétrica (<http://www.poetrica.net/>), que aborda processos de comunicação engendrados pela conexão do humano com dispositivos e redes de comunicação à distância e as smart mobs, um fenômeno emergente que aponta para a diversidade de tendências de uso da mídia interativa, compondo **uma cartografia que indica relações que essas experimentações estabelecem com territórios e subjetividades**; seus processos de virtualização e atualização, bem como sua capacidade de estimular **novas relações espaço-temporais, as relações de poder envolvidas, entre outras**”. (p. 6).



“Produções experimentais como objeto de estudo da comunicação”. (p. 9).



“A escolha dos objetos, embora possam ser considerados produções do campo da arte e/ou tecnologia, se deu por seu **caráter de experimentação**, que permite uma **comunicação criadora**, rica em seu **potencial de produzir sentido**, em uma cultura em transformação, atravessada pelos avanços tecnocientíficos. **A produção de sentido está intimamente ligada à multiplicidade de espaços que são criados nos encontros**, portanto, o sentido também pode ser criado no momento da interação, e não apenas induzido ou direcionado”. (p. 14)



“Entendemos que as **experimentações e movimentos envolvendo a mídia digital na contemporaneidade tendem a nos mostrar um outro modo de comunicação, que abre campos de alteridade, e isso tem uma implicação ética**. Nesse espaço, entendemos nós, tais produções que tangenciam o campo da arte, da tecnologia e da ciência, vão cumprir um papel fundamental, por não serem impositoras de informação e de ideologias, mas estimuladoras de novas formas de se relacionar com o mundo”. (p.17)



“Dessa forma, estaremos investigando seus modos de operar **sob um paradigma estético**, que trabalha com os paradigmas científicos e éticos e é por eles trabalhados”. (p.17)

“O paradigma estético tem implicações éticas porque trata de criação, da construção de mundos, de escolhas que envolvem, ao mesmo tempo, dimensões sociais, tecnológicas, científicas, biológicas, econômicas, implicando uma responsabilidade em relação à criação, além de uma condição de alteridade na relação com o mundo, com a vida”. (p.17)

Como explicam e/ou justificam o uso da cartografia na comunicação?

“A produção experimental que deu origem à presente pesquisa é o projeto Desvio (GIL, 2005) uma experimentação da linguagem digital como modo de relacionar os espaços atual e virtual. No projeto, som e imagens em movimento constituem-se mutuamente, segundo a interação de usuários em rede. Seu design teve a função de configurar o imaterial, captando forças, relacionando diferentes durações. O conceito de virtual, nesse projeto, foi considerado como a coexistência das diferenças, de onde tudo ainda iria se formar, em tempo real. A experimentação não era da ordem de um saber, mas da sensorialidade, das relações com o ambiente audiovisual interativo e, para que aquilo fosse traduzido para a linguagem escrita de uma pesquisa científica, **foi necessária uma nova composição com diferentes teorias (também ativas); outros métodos: um outro tipo de experimentação”.** (p. 9).



“Multiplicidade implica criação: espaços que se criam no encontro com as subjetividades. Para Guattari, “há tantos espaços quanto os modos de semiotização e subjetivação (GUATTARI, 1992, p. 153).”. Assim, prosseguimos com uma investigação de possíveis características na composição de uma hipermídia que fariam dela uma mídia/meio que abre possibilidades de criação de espaços de naturezas diversas, constituindo uma potencialização para a criação de direções imprevisíveis. Ao mesmo tempo, poderíamos encontrar características que fariam da hipermídia uma mídia que fecha possibilidades, permitindo somente a repetição do mesmo. **Essa questão considerava a técnica como um meio que atualiza um virtual, criando sensações e percepções. Por isso, a investigação de níveis de interatividade foi considerada relevante”.** (p.9)



“A partir daí, a questão passou a ser a respeito da possibilidade da existência, na composição de uma hipermídia, de **elementos que permitam ao usuário diferentes afetabilidades**, que ele passe por diferentes estados sensíveis, que experimente diferentes relações espaciais. Isso nos levou a uma nova questão: **é mesmo a obra, no caso o objeto técnico – a hipermídia – quem dá as condições dessas experiências? Ou ainda, as hipermídias ampliam as condições da experiência? Assim, era preciso cartografar relações que uma hipermídia poderia estabelecer com os espaços e com os modos de individuação, tanto em sua concepção quanto no momento da interação”.** (p.10).



“Uma tal cartografia contribui para o campo da comunicação à medida em que espaços, relações sociais e processos de individuação são cada vez mais condicionados (e não determinados) a novas práticas comunicacionais na contemporaneidade. A criação

implica uma ética e uma estética, pois trata de questões que envolvem dimensões sociais, tecnológicas, científicas, culturais, políticas, econômicas e mesmo epistemológicas, em diagramas sempre em transformação”. (p. 10).



“Os indicadores que guiaram a investigação, em todas as produções analisadas, são os vetores circulantes e os signos que constituem seus territórios – não em sua significação, mas em seu modo de funcionamento, em sua processualidade, nas relações com as subjetividades, em que indivíduo e meio são criados a partir de uma realidade transindividual. Assim, chegamos ao quinto capítulo com **novas questões, em vez de uma comprovação ou solução para um problema**, pois ao considerar novas maneiras de pesquisar na contemporaneidade, é possível relacionar e transitar nos espaços criados por esse novo paradigma estético e ético”. (p. 12).



“Os capítulos que antecederam o último capítulo funcionaram como ordenadores ou atratores capazes de levar a um questionamento acerca do **próprio método de investigação desses novos objetos de comunicação, agora sensíveis, híbridos, virtuais**. Essa questão do método, colocada apenas ao final, tende a criar condições de abertura para que futuras pesquisas e produções no campo da comunicação midiática digital deixem de atuar como composições de ordem e passem a funcionar como componentes de passagem”. (p. 13).



“No caso das mídias digitais, interessa-nos evidenciar seu **potencial criativo**, que pode tomar diversas direções e, mesmo considerando que qualquer abordagem seja parcial, é importante que ela propicie uma abertura a diferentes maneiras de compreender e atuar nesse campo relativamente novo”. (p. 13).



Ao detectar as forças que se encontram presas no campo em questão, bem como as forças que pedem passagem, ou as “saliências e pregnâncias enquanto momentos especialmente cheios de potencialidades” (KASTRUP), o cartógrafo não busca suas causas, mas passa a trabalhar sobre elas, propiciando meios para a expansão das forças de invenção, forças de afirmação da vida. É nesse sentido que a competência metodológica implica uma competência ética. **O método, então, não se caracteriza como um conjunto de regras para chegar a determinado fim, mas sim como um caminho que se faz ao andar, um horizonte de transformações**”. (p. 85).

Como os conceitos de Deleuze e Guattari e/ou de outros autores que abordam o conceito de cartografia foram usados teoricamente?

“A criação, segundo Deleuze e Guattari, é um dos princípios/operações do Rizoma: conceito que se coloca em oposição ao esquema arborescente - mas se coloca em oposição apenas tornar possível a distinção e apreender como se dão suas relações. O modelo de árvore do conhecimento mostra um sistema em que há um centro, do qual saem ramificações,

enquanto o rizoma caracteriza abertura e criação, independentemente de um centro. À medida em que o rizoma aumenta suas conexões, ele necessariamente cria novas direções. Assim parece ser uma dinâmica de produção de conhecimento que se anuncia: comportando linhas rizomáticas e, ao mesmo tempo, com pontos de arborescência”. (p. 26).



“O acontecimento é uma multiplicidade que comporta muitos termos de naturezas diferentes, e que estabelece ligações trans-históricas, agenciamentos de funcionamento entre os termos. Assim, verificamos que uma produção experimental pode relacionar, ao menos, dois tipos de espaço. À medida em que suas orientações, referências e conexões variam, constituem um espaço liso, háptico, como jogo não harmônico, como atrito de sensações díspares, que arranca o sujeito de sua forma constituída; ao mesmo tempo, constituem o estriado: óptico, sonoro, da ordem dos enunciados ou da expressão. Se tais multiplicidades coexistem e se misturam de diferentes maneiras em um plano, investigaremos possíveis direções de como podem produzir qualidades expressivas e comunicantes. (p. 30).



“Na ciência, temos o observador parcial, como pontos de vista nas coisas mesmas. No campo intensivo, segundo a filosofia de Deleuze e Guattari, o observador tem o papel de perceber e experimentar, não enquanto um ser com identidade, um “eu”, mas se deixando atravessar por percepções e afecções que surgem do encontro com as coisas que se dispõe a interagir. O empirismo que se dá em um campo de imanência não apresenta um fluxo do vivido imanente a um sujeito, pois a imanência não é imanente a algo, somente a si mesma; o empirismo, em um tal plano atravessado por potências, só conhece acontecimentos e expressões de mundos possíveis (p. 30).

“Nessa outra lógica, capaz de apreender a dimensão criativa do encontro com a hipermídia, é o movimento, a intensidade dos processos que é levada em conta. Suas operações estão ligadas a:

- uma multiplicidade caracterizada pela inseparabilidade das variações, uma multiplicidade *intensiva*;
- um conceito de *tempo real* que responda a essa lógica de intensidades – o conceito de *Duração*, criado pelo agenciamento Bergson/Deleuze/Guattari;
- a produção de sentido no encontro com *formações representativas e não representativas*;
- Uma relação complexa que envolva tanto esquemas arborescentes quanto linhas rizomáticas”. (p. 80).



“O método cartográfico proposto por Deleuze e Guattari não se apresenta como “um conjunto de regras prontas para serem aplicadas, mas exige uma construção *ad hoc*”, que se faz em um espaço entre sujeito e objeto, “desestabilizando tais pólos e respondendo por sua transformação”. A construção se faz desde o momento em que o cartógrafo chega ao campo, desprovido de regras metodológicas para serem aplicadas, desprendido de expectativas e saberes anteriores, mas prestando uma atenção sensível para de fato produzir os dados, os quais estão no campo de maneira virtual. Assim, o cartógrafo faz ativamente um trabalho de preparação dos dados, não se limita a coletá-los”. (p. 81).

Um *Rizoma*, que funciona segundo os seguintes princípios:

- **Princípios de conexão e de heterogeneidade:** qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas de toda natureza, organizações de poder, cadeias biológicas, políticas, econômicas, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais, etc; a modos de codificação muito diversos.
- **Princípio de multiplicidade:** as multiplicidades não têm sujeito ou objeto, nem unidades de medida, mas somente multiplicidades ou variedades de medida. Não são feitas de unidades, mas se definem pelo fora: pela linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas se conectam às outras, mudando de natureza à medida em que aumentam as conexões. Operam por encadeamentos quebradiços, prolongamentos, transformações, precipitações, saltos, desvios, com velocidades variáveis.
- **Princípio de ruptura a-significante:** Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, mas se recria segundo outras linhas. Fazer rizoma com algo não é fazer cópia ou imagem, nem submeter a algo de significativo, mas fazer proliferar as linhas e ritmos.
- **Princípio de cartografia e de decalcomania:** o rizoma é estranho a qualquer idéia de eixo genético ou de estrutura profunda. É um mapa aberto, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas. Ele se confunde com o objeto quando o objeto é movimento. (p. 81-82).

Como a cartografia foi usada para o desenvolvimento da dimensão metodológica?

Kastrup identifica algumas pistas para a prática do método da cartografia (p. 81).

PISTAS



- **primeira pista** - *cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto.* (p. 81).

“Kastrup identifica algumas pistas para a prática do método da cartografia – um método que não se limita aos produtos de um processo, mas trabalha com o fluxo ou a rede processual de produção, pois “não se pode separar o estado de coisas do potencial através do qual ele opera, sem o qual não haveria atividade ou evolução”. As multiplicidades espaciais criadas no encontro com as TICs não se separam de uma idéia de produção, de movimento e de uma velocidade intensiva. Assim, a primeira pista seria a seguinte: *cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto.* Não se trata de buscar uma estrutura que represente o movimento de criação dos espaços, ou um sistema de significação que englobe a produção de sentido nos encontros, ou ainda uma gestalt, mas um mapa de um campo de forças, um *Rizoma*”.(p. 81-82).



- **segunda pista** - *a cartografia é sempre de um coletivo de forças* (p. 82).

A segunda pista - lembrando que não há ordem para essas pistas - seria que *a cartografia é sempre de um coletivo de forças*. “O que surge como uma forma é em realidade um agregado de múltiplas forças”. Vimos, no terceiro capítulo, o processo de individuação que se faz entre indivíduo e meio a partir de um nível transindividual e, no nosso estudo, isso se faz tendo como componentes as mídias digitais. Isso levaria à terceira pista: a cartografia seria *sempre de um certo território existencial*” (p. 82).



- **terceira pista** - a cartografia seria *sempre de um certo território existencial*: (p. 82).

“Para Deleuze e Guattari os limites de território não são espaciais, mas semióticos. Nesta medida, ao cartografarmos um território, buscamos signos. Mas é preciso enfatizar que a cartografia não é um método interpretativo, pois não é o sentido dos signos que é visado. O signo é importante enquanto constitui uma espécie de zona limite, entre o sentido e o não-sentido. A dimensão de sentido revela-se na possibilidade que os signos fornecem de identificar que forças circulam no território em questão, sua importância relativa, as polaridades do território, suas valências e seus pontos de intensidade” (p. 82).



- **quarta pista** - *desenhar o campo problemático*, composto pelos signos. (p.83).

Assim, uma quarta pista é apresentada: *desenhar o campo problemático*, composto pelos signos. “Pois é através dos signos que se dá a transposição dos limites da configuração que se encontra atualizada”. Aqui, *problema* pode assumir tanto o sentido de obstáculo e dificuldade, como também de ponto de abertura e reativação do processo de criação. O próprio desenho do campo problemático pode funcionar como dispositivo, que seria a quinta pista: *o método da cartografia requer um dispositivo para operar*.



- **a quinta pista** - *método da cartografia requer um dispositivo para operar*: (p.83).

Na pesquisa de campo, o dispositivo funciona de três maneiras, pelo menos: sua função de *referência* pode ser apontada pelo o funcionamento de termos atuais onde a repetição e a variação se articulam, como: níveis de interatividade possibilitados pela hipermídia em questão, dados quantitativos, expressões dos participantes, entre outros; a função de *explicitação* do dispositivo é aquela que identifica as linhas que circulam no campo da pesquisa, podendo inclusive concorrer “para atualizar o que operava de maneira implícita e virtual”, como: as linhas de fuga presentes nos agenciamentos que compõem uma hipermídia, suas linhas de segmentação, cada uma com seu tipo de multiplicidade; e uma terceira função seria a de produção da realidade:

a prática da cartografia cria condições para a transformação das relações entre os vetores afetivos, cognitivos, institucionais, micro e macropolíticos, acionando movimentos e sustentando processos de produção. Neste sentido, o dispositivo produz efeitos de produção e transformação da realidade. (p. 82).



- **sexta pista** - *prática da cartografia requer a dissolução do ponto de vista do observador*. (p. 84).

“A essa altura já é possível perceber como todas as pistas estão entrelaçadas, pois a produção de realidade, como função do dispositivo, está relacionada com o desenho do campo problemático, já citado, com a atenção às forças que favorecem o processo de invenção e com os diferentes níveis de intervenção que podem ocorrer no decorrer da pesquisa.

Dando continuidade, a sexta pista seria que a *prática da cartografia requer a dissolução do ponto de vista do observador*. “O que orienta a pesquisa são as forças do campo e é nesta direção que a cartografia busca ser um método preciso e rigoroso”. No plano das formas constituídas, temos o objetivismo e o subjetivismo como duas faces da mesma moeda, mas a cartografia se faz noutro plano, “no encontro das forças que constituem o mundo com as forças que constituem as subjetividades” e, em nossa investigação, as novas práticas comunicacionais se fazem cada vez mais presentes como fatores diferenciadores nesses encontros.



- **sétima pista** - *a prática da cartografia requer o aprendizado de uma atenção concentrada e aberta ao presente.* (p. 84).

Essa dissolução do ponto de vista do observador implica, ainda, que exista uma atenção aberta ao presente, uma suspensão da tendência em reconhecer, ou seja, em remeter o que está sendo observado a conhecimentos anteriores ou a juízos prévios. Isso requer do cartógrafo que ele se coloque de certa forma em uma posição de aprendiz. É importante que o cartógrafo preste atenção igual tanto às formas quanto às forças em movimento. Assim, a sétima pista seria que *a prática da cartografia requer o aprendizado de uma atenção concentrada e aberta ao presente.* (p. 84).



- **oitava pista** - *a cartografia é um método que distingue, mas não separa pesquisa e intervenção.* (p. 84).

A oitava pista seria, então, que *a cartografia é um método que distingue, mas não separa pesquisa e intervenção.* A intervenção não se limita ao campo do saber, porque propicia aberturas que podem ressoar de diversas maneiras, transformando um estado de coisas. No encontro entre o campo pesquisado e o pesquisador, podem surgir movimentos que modifiquem tanto um quanto o outro, bem como o próprio rumo da investigação: “a expansão do campo problemático de uma pesquisa ocorre por suas conclusões, mas também por suas inconclusões”. Assim, a escrita, enquanto um prolongamento da experimentação em campo, deve incluir as contradições, os conflitos e os problemas que se encontram em aberto, “transformar as composições de ordem em componentes de passagens”. (p. 84).

KASTRUP, V. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção In: CASTRO, L. e BESSET, V. (orgs) **Pesquisa-intervenção na infância e juventude.** Rio de Janeiro: Nau (prelo).

Que potencialidades e/ou limitações o uso da cartografia ofereceu para a comunicação?

“Uma tal cartografia contribui para o campo da comunicação à medida em que espaços, relações sociais e processos de individuação são cada vez mais condicionados (e não determinados) a novas práticas comunicacionais na contemporaneidade”. (p. 10).



“A presente pesquisa pretende contribuir com o campo da comunicação midiática digital, oferecendo uma composição com elementos de um e de outro modo de conhecer, utilizando-se de produções digitais experimentais como objetos de análise para, quiçá, permitir que as potencialidades trazidas pela evolução tecnológica “desemboquem numa era [...] que as livre dos valores capitalísticos segregativos e crie condições para o pleno desabrochar dos esboços atuais de revolução [...] da sensibilidade e da criação”. Isso porque vemos, em muitas produções, a sensibilidade, a sensação, dar lugar à simples exploração dos sentidos do corpo, tanto na criação de hipermídias e/ou obras interativas, quanto no momento de interação, de modo que o próprio conceito de interatividade acaba pressupondo “algo fechado dentro de uma estrutura de uso ou de utilidade previamente conhecida, muitas vezes já determinada pela programação do próprio aparato tecnológico, o que torna difícil que algo de novo apareça nestas condições”. (p.14).

“Uma comunicação criadora seria um tipo de comunicação que, em vez de tentar buscar fidelidade consensual do factual com o signo que o representa, como ocorre no jornalismo, por exemplo, tal comunicação constrói uma realidade, entra em uma zona de vizinhança com outros campos para produzir novos sentidos.

O discurso é um modo pelo qual o indivíduo recorta e organiza o caos exterior, construindo uma realidade sgnica para si, estabelecendo relações de significao. Assim, o que o humano entende como real é o que os discursos feitos sobre ele carregam em si de modo consensual. Porém, pela representação e pelo discurso, não  possível conhecer as intensidades não-discursivas das forças do fora que dão a pensar - um “fora” enquanto campo de forças heterogêneas ou estado em que o pensamento é levado, e que o faz pensar de outro jeito. Ao reconstruir um real sempre a partir de um *novo encontro* com o real, destroem-se os estereótipos cristalizados e revelam-se as disparidades entre as diversas realidades. Mais que isso: no encontro, ambos se reconstroem, indivíduo e espaço”. (p.15).



“A comunicação, com a chegada das mídias digitais, tem se transformado em suas relações com outros campos do conhecimento, em seus limites, de modo que não se pode falar em um modelo de comunicação ou uma teoria, mas em diversos modelos que acompanham as mudanças nas práticas comunicacionais que a sociedade vem experimentando. A **questão da criação de espaços enquanto multiplicidade, tendo as tecnologias digitais como componentes, pode ser cartografada, porém, ao ser explicada, ela necessariamente muda de natureza”.** (p. 77).



A teoria para construir o problema/objeto

A autora buscou cartografar relações entre o humano e a mdia digital tanto na concepção quanto no momento de interação. Nesse encontro o indivíduo conhece e constrói uma multiplicidade de espaços, e tem, ao mesmo tempo, a subjetividade afetada por tais processos. Para isso, de acordo com a autora, “a cartografia (Deleuze e Guattari) permite traçar um mapa, aberto por natureza, capaz de relacionar os signos de um território às forças que concorrem para configurá-lo”. (GIL, 2008, p. 10, grifo nosso).



A teoria para acionar os processos metodológicos

No **Trabalho A**, a autora utiliza Virgínia Kastrup para pensar a cartografia como um método proposto por Deleuze e Guattari.

*KASTRUP, V. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, L. e BESSET, V. (orgs). Pesquisa intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Nau (prelo). Texto gentilmente cedido pela autora.



Apresenta os princípios do rizoma desenvolvidos por Deleuze e Guattari (1995a), mas não relaciona com a pesquisa:

- “Um *Rizoma**, que funciona segundo os seguintes:
- *Princípios de conexão e de heterogeneidade: (...)*
- *Princípio de multiplicidade: (...)*

- *Princípio de ruptura a-significante: (...)*
- *Princípio de cartografia e de decalcomania: (...)* (GIL, 2008, p. 82).

*Todos os princípios citados constam em: DELEUZE, G. e GUATTARI, F. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: 34, 1995.



Identifica oito pistas para a prática do método da cartografia desenvolvidas por Kastrup¹, mas não relaciona com a pesquisa:

“Kastrup identifica algumas pistas para a prática do método da cartografia.” (p. 81).

- **primeira pista** - *cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto.* (p. 81).
- **segunda pista** - *a cartografia é sempre de um coletivo de forças* (p. 82).
- **terceira pista** - *a cartografia seria sempre de um certo território existencial* (p. 82).
- **quarta pista** - *desenhar o campo problemático, composto pelos signos.* (p.83).
- **quinta pista** - *método da cartografia requer um dispositivo para operar:* (p.83).
- **sexta pista** - *prática da cartografia requer a dissolução do ponto de vista do observador.* (p. 84).
- **sétima pista** - *a prática da cartografia requer o aprendizado de uma atenção concentrada e aberta ao presente.* (p. 84).
- **oitava pista** - *a cartografia é um método que distingue, mas não separa pesquisa e intervenção.* (p. 84).

¹ KASTRUP, V. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção In: CASTRO, L. e BESSET, V. (orgs) **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Nau (prelo).



- **A teoria produzida pela pesquisa**

Finaliza o trabalho com a seguinte citação:

“Assim, a metodologia desta pesquisa passa por um processo em que o trabalho do pensamento entra para dar suporte, para tornar exprimível aquilo que era da ordem do sensível. A abordagem que fizemos do campo da comunicação midiática se dá a partir de problemas colocados por diferenças advindas desse campo que nos impulsionam a criar um território que expresse essas diferenças. O pensamento de Deleuze e Guattari se compõe com outros em um processo de problematização e criação, o que difere de um processo de investigação de um campo de saber já dado e consolidado. Segundo Rolnik (1995)¹, quando o leitor de Deleuze e Guattari faz do pensamento um exercício de elaboração de problemas que são próprios ao campo que está sendo trabalhado, ou seja, que não é mera repetição de conceitos ou somente um jogo de argumentos lógicos, esse leitor encontra nos textos de Deleuze e Guattari um universo de extrema generosidade”. (GIL, 2008, p. 85, grifo nosso).

¹ROLNIK, S. **Despedir-se do absoluto: Entrevista a Lira Neto e Silvio Gadelha**. Número especial da Revista Cadernos de Subjetividade: Gilles Deleuze. 1995. (Entrevista).

TRABALHO B

FARINA, Camila. **Graffitações televisivas: um estudo cartográfico sobre a atualização do graffiti na MTV**. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.

Que problema e/ou objetivo de pesquisa acionou o uso da cartografia?

A pesquisa é **um estudo cartográfico sobre a atualização do graffiti na MTV**. A autora busca verificar na MTV como se dá o processo de passagem entre virtual e atual, que produz uma atualização do graffiti na tela da TV.



O conceito de virtual é acionado para pensar os elementos que constituem qualquer tipo de *graffiti*, ou seja, numa dimensão onde tudo que se pensou dele estaria reunido com potencial para ser combinado a outros elementos que anteriormente não eram reconhecidos, mas que já existam virtualmente, apenas não tinham se atualizado.



A autora busca verificar na MTV como se dá o processo de passagem entre virtual e atual, que produz uma atualização do *graffiti* na tela da TV. Para isso, a autora vê na cartografia uma forma de observar o processo de passagem. “Somente através da cartografia vejo a possibilidade de dar conta da complexidade que se estabelecem a partir da observação de meu objeto de pesquisa”. (FARINA, 2008, p. 20).



A autora percebe no graffiti que se atualiza na televisão a partir de uma disposição, virtual e subjetiva, o que exigiu o desenvolvimento de um olhar graffiteiro.



“Esse é um olhar subjetivo que se insere nas imagens de TV e encontra ali o graffiti”. (FARINA, 2008, p. 128). Com esse movimento desenvolveu o conceito de *Graffitações televisivas*. “Este conceito se colocou no meu caminho efetivamente somente a partir da cartografia dos tempos de TV, onde a síntese do objeto de pesquisa veio formar-se diante de meus olhos atentos”. (FARINA, 2008, p. 128).



“Aplicando o conceito de virtual aos elementos constitutivos do graffiti, teríamos este como uma dimensão onde o todo co-habita. Nessa dimensão estaria reunido virtualmente tudo que se considerou graffiti, no sentido de que virtual é sempre um passado indissociável do presente, com potencial para atualizar-se a qualquer momento, combinado ou não a outros elementos virtuais. **Isso explica as novas formas de graffiti que se atualizam, mantendo elementos do passado indissociável do presente, com potencial para atualizar-se em qualquer momento, combinando a outros elementos que anteriormente não eram reconhecidos como constitutivos do graffiti como, por exemplo, a mediação tecnológica.** Por outras palavras, o virtual seria, para Bergson, um passado que “coexiste com um presente

que foi” (1985, p. 99)³⁸. Virtual e atual, assim como passado e presente, seriam indissociáveis, pelo fato de que:

[...] nossa existência atual, na medida em que se desenrola o tempo, se duplica de uma existência virtual, de uma imagem especular. Logo, cada momento da nossa vida oferece esses dois aspectos; **ele é atual e virtual, por um lado percepção, por outra lembrança.** (DELEUZE, 1999, p. 32)³⁹.” (FARINA, 2008, p. 48, grifo nosso).

Como a cartografia é usada na construção do objeto empírico da pesquisa?

O graffiti atualizado na MTV brasileira



O objeto de estudo é graffiti atualizado na MTV brasileira. **O corpus que possibilitou a cartografia é resultado de um recorte cartográfico de tempos de TV moldurados pela emissora:** comerciais, marketing points (MP) e promo imagens (PI) que, apreendidos dos tempos fluídos da programação, constituíram uma síntese do que intuitivamente foi identificado como atualização do graffiti na MTV.

Como explicam e/ou justificam o uso da cartografia na comunicação?

“A escolha pela cartografia decorre da compreensão de uma necessidade do objeto audiovisual, que é ser pesquisado a partir de um método que respeite sua natureza, logo, considerando seu movimento” (p.14).

Como os conceitos de Deleuze e Guattari e/ou de outros autores que abordam o conceito de cartografia foram usados teoricamente?

A autora recorre a Jesus Martín-Barbero (2004) e Suely Rolnik (2003) para pensar sobre o *método cartográfico* apoiada pela intuição, a desconstrução e o rizoma.



“(…) recorro a esclarecimentos sobre o método cartográfico a partir de Jesús Martín-Barbero e Suely Rolnik (2003) bem como dos métodos que são inerentes a esse processo: o método intuitivo de Henri Bergson (1999), o método desconstrutivo de Jaques Derrida (1998) e o rizoma, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1999).” (p. 16).



O processo metodológico adotado é a cartografia apoiada pela intuição, a desconstrução e o rizoma.



³⁸ Não consta na referência da autora.

³⁹ DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

A cartografia pressupõe mapa e/ou mapeamento;



“A proposta cartográfica que se afirma dentro do comunicacional, como foi observado anteriormente, tem inspiração em movimentos iniciados no campo filosófico por Deleuze e Guattari (1995), mas recebe também perspectivas psicanalíticas através de Suely Rolnik (2004). As incursões desse processo metodológico para os estudos de comunicação iniciam a partir de Jesús Martín-Barbero (2004). São esses os principais autores que trago ao texto para compreensão teórica da Cartografia”. (p. 14).



A teoria para construir o problema/objeto

A autora buscou verificar na MTV como se dá o processo de passagem entre virtual e atual, que produz uma atualização do *graffiti* na tela da TV. Para isso, a autora vê na cartografia uma forma de observar o processo de passagem.



A teoria para acionar os processos metodológicos

A autora recorre a Jesus Martín-Barbero (2004)¹ e Suely Rolnik (2003)² para pensar sobre o *método cartográfico* apoiada pela intuição de Bergson (1999)³, a desconstrução de Jaques Derrida (1998)⁴ e o rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995)⁴.

¹ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

² Não consta nas referências bibliográficas com essa data.

³ BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.



O processo metodológico adotado é a cartografia apoiada pela intuição, a desconstrução e o rizoma.



Apresenta os princípios do rizoma desenvolvidos por Deleuze e Guattari (1995a), mas não relaciona com a pesquisa.



Apresenta quatro pistas desenvolvidas por Kastrup (2007)¹ do funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo e relaciona com a pesquisa.

*KASTRUP, Virginia. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. Revista Psicologia e Sociedade, v. 19, p. 15-22, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.



A teoria produzida pela pesquisa

Olhar-graffiteiro - (p. 126).

Graffitações televisivas - (p. 128).

Como a cartografia foi usada para o desenvolvimento da dimensão metodológica?

“O método cartográfico se configura como o procedimento metodológico mais apropriado **para verificar as formas e as lógicas de atualização do graffiti** na programação da MTV” (p.37)



“A **cartografia tem o papel de desenhar um mapa dinâmico do objeto-problema**, buscando identificar as atualizações do graffiti na linguagem televisiva da MTV” (p.22)



“O **processo metodológico adotado é a cartografia**, apoiada por métodos inerentes a esse processo: intuição (Bergson), desconstrução (Derrida), rizoma (Deleuze e Guattari)”

Que potencialidades e/ou limitações o uso da cartografia ofereceu para a comunicação?

Olhar-graffiteiro – “Tomando esse olhar como olhar subjetivo de pesquisadora, que carrega consigo bagagens teóricas e empíricas que dão condições de sustentar o percurso. A cartografia dos tempos de TV, configurada em si como um *processo atento* (...)”. (p. 126).



“o **olhar-graffiteiro** para o televisivo (...) no jogo de preenchimento de lacunas, se envolve ainda mais com a programação, na medida em que se envolve com a sua **subjetividade**”. (p. 131).



“A desconstrução da graffiti-TV acabou por fazer rizoma, permitindo que, em suas linhas de fuga, outras percepções levassem a um novo *platô* de onde visualizei o conceito de **graffitações televisivas**”. (p. 128).

TRABALHO C

MOREIRA, Fayga Rocha. **Mídias, Subjetividade e Terceiro Setor: a comunicação como problema social em favelas cariocas**. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura.

Que problema e/ou objetivo de pesquisa acionou o uso da cartografia?

“O estudo reflete sobre a centralidade de projetos sociais voltados para a comunicação como estratégia de combate à exclusão e à estigmatização.” (p.7).

“As ONGs (...) re-significam a idéia de militância, orientando o potencial disruptivo de inúmeras **“máquinas de guerra”** (DELEUZE; GUATTARI, 1997) que se levantam contra o Estado e demais autoridades”. (p.7).



“No caso das favelas cariocas, um estatuto identitário é retomado como estratégia supostamente eficaz de inclusão, **domesticando os devires e a multiplicidade** própria a esse espaço urbano”. (p.7).



“(…) **problematizar a centralidade dos projetos sociais voltados para a comunicação** – em voga nos últimos tempos, principalmente no âmbito do Terceiro Setor – **como estratégia de combate à exclusão e à estigmatização em meio a uma atmosfera midiaticizada**”. (p. 10-11).



“(…) buscou-se cartografar esse rico campo de estudos, privilegiando uma abordagem tanto macro quanto micropolítica, o que significa **tentar captar os vetores heterogêneos e os arranjos processuais que compõem uma coletividade**”. (p.7).



“**cartografar o campo de estudos a partir de uma abordagem tanto macro quanto micropolítica, o que significa tentar captar os vetores heterogêneos e os arranjos processuais que compõem uma coletividade. Em uma cartografia trabalham elementos múltiplos que envolvem desde instituições sociais e representações identitárias, até paisagens afetivas e territórios subjetivos**”. (p.12)

Como a cartografia é usada na construção do objeto empírico da pesquisa?

“A comunicação como problema social em favelas cariocas” (p.7).



“(…) na tentativa de lançar um olhar sobre as favelas cariocas, nenhum recurso foi dispensado: desde filmes, músicas, poesias, além de textos de assembleias populares, de jornais, de cartazes... **Tudo isso afetando (ou “contagando”) o processo de escrita, de pensamento, de criação**”. (p. 13).


Como explicam e/ou justificam o uso da cartografia na comunicação?

“**Em uma cartografia trabalham elementos múltiplos que envolvem desde instituições sociais e representações identitárias, até paisagens afetivas e territórios subjetivos**”. (p.12).


“Uma perspectiva micropolítica tem sempre como pressuposto uma não essencialização do campo social e, particularmente, do poder, o que implica relações de forças e de resistência que se modificam conforme a época. Deleuze insiste nesse aspecto ao sublinhar que as condições de uma dada formação social “não variam historicamente, mas variam *com* a história” (DELEUZE, 2005, p.122). **Por isso, uma cartografia tenta captar as diversas linhas que compõem um agenciamento, já que esse é um lugar privilegiado para se compreender os diagramas de forças microfísicas, pontuais e difusas que operam uma gestão da vida, marcando a singularidade do campo social contemporâneo**”. (p. 12-13).

Como os conceitos de Deleuze e Guattari e/ou de outros autores que abordam o conceito de cartografia foram usados teoricamente?


A teoria para construir o problema/objeto

A autora buscou cartografar um agenciamento complexo e heterogêneo que promove a favela como alteridade. A cartografia nesse trabalho buscou captar as diversas linhas que compõem o agenciamento: “favela carioca”. 

A teoria para acionar os processos metodológicos

“Cartografar o campo de estudos, privilegiando uma abordagem tanto macro quanto micropolítica, o que significa tentar captar os vetores heterogêneos e os arranjos processuais que compõem uma coletividade”. (MOREIRA, 2007, p.12). 

Diz que vai usar alguns recursos da etnografia, mas não diz quais. A cartografia parece ser um desses recursos quando cita Rolnik: “(...) como observa muito bem Suely Rolnik, a tarefa do cartógrafo é estar “atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana” (ROLNIK, 1989)*. Isto é, estar atento às intensidades que desestabilizam o campo social, dando passagem a novas criações de sentido e de produção de realidade”. (MOREIRA, 2007, p.12).

* Não consta nas referências bibliográficas com essa data. 

A teoria produzida pela pesquisa

A favela como dobra

As favelas podem ser entendidas, de fato, como uma “dobra” que afeta consideravelmente os processos de subjetivação dos cariocas: não como uma linha “dura” e unívoca – como sugerem muitas enunciações, representações, conceitos ou pesquisas que interagem de alguma forma com esse espaço urbano

Como a cartografia foi usada para o desenvolvimento da dimensão metodológica?

“A partir de uma experiência institucional em uma Organização Não-Governamental, entremeadas as ferramentas teóricas e a um trabalho de campo aportado, sobretudo, em alguns recursos da etnografia, buscou-se cartografar esse rico campo de estudos, privilegiando uma abordagem tanto macro quanto micropolítica, o que significa **tentar captar os vetores heterogêneos e os arranjos processuais que compõem uma coletividade**”. (p. 7).

Que potencialidades e/ou limitações o uso da cartografia ofereceu para a comunicação?

“Dentre as “variáveis que cerceiam o grito das favelas cariocas, três ganharam destaque ao longo do texto: o processo de “mídiação social”, a emergência do Terceiro Setor e os “regimes identitários”. Desse modo, tentou-se cartografar um agenciamento complexo e heterogêneo que promove a favela como alteridade, justificando a demanda por inclusão através das mídias. A imagem do grupo, nesse caso, parece ganhar mais valor do que o “potencial disruptivo” que seu grito será capaz de causar. As favelas podem ser entendidas, de fato, como uma “dobra” que afeta consideravelmente os processos de subjetivação dos cariocas: não como uma linha “dura” e unívoca – como sugerem muitas enunciações, representações, conceitos ou pesquisas que interagem de alguma forma com esse espaço urbano – **mas como um perfil instável e processual que delinea “uma determinada figura de subjetividade” (ROLNIK, 1997)¹. Ou ainda, como uma constelação que se desfaz ou sofre um rearranjo ao mínimo contato com novos diagramas de força**”. (p.111).

¹ROLNIK, Suely. *Novas figuras do caos: mutações. Uma insólita viagem à subjetividade – fronteiras com a ética e a cultura*. São Paulo, 1997b. Disponível em: < <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suelyrolnik.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2006.

TRABALHO D

GUIDOTTI, Flávia Garcia. **Dez mandamentos de Jorge Furtado**: cartografias em três platôs. 2007. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

Que problema e/ou objetivo de pesquisa acionou o uso da cartografia?

“O meu objetivo geral foi investigar e analisar os agenciamentos do cinema do Jorge Furtado, observando as possíveis **gagueiras*** do autor”. (p. 27).



***“Para Deleuze a gagueira seria uma espécie de linha de fuga da linguagem. Gagueja quem consegue falar a própria língua em uma espécie de língua estrangeira”.** (p. 27).

“Os objetivos específicos compõem o mapa do cinema do Jorge Furtado do qual foi possível extrair o que aqui se denomina de “dez mandamentos de Jorge Furtado”. Nesses dez mandamentos encontram-se considerações sobre: 1) a relação entre a realidade e a ficção suscitada pela obra cinematográfica de Jorge Furtado; 2) a transvalorização dos valores morais; 3) as mídias como sujeitos narrativos; 4) os agenciamentos intertextuais e a reciclagem de imagens, sons e palavras; 5) a metalinguagem; 6) a montagem dialética como forma de agenciamento; 7) a indicação de leitura em um cinema com notas de rodapés; 8) a autoria e o autoritarismo; 9) o trabalho de Jorge Furtado em televisão em paralelo à sua produção de cinema; 10) a redução do múltiplo ao uno. (Resumo).

Como a cartografia é usada na construção do objeto empírico da pesquisa?

“Esta é uma pesquisa sobre cinema; mais especificamente um estudo acerca dos dez curtas e três longas-metragens, escritos e dirigidos por Jorge Furtado entre os anos de 1984 e 2004”. (p. 27).



“(...) gostaria de compor um mapa da diversidade de temas e pensamentos que os filmes realizados por Jorge Furtado suscitam”. (p. 27).



“(...) Foi aí que pensei em traçar um mapa e me aproximei, então da cartografia, como forma de expressão do desejo, que levaria em conta minhas vontades”. (p. 28).

Como explicam e/ou justificam o uso da cartografia na comunicação?

“A comunicação, principalmente pelo seu **processo de constante metamorfose**, constitui-se em um campo fértil para o traçado de cartografia” (p. 121).



“Se no campo da comunicação a cartografia se apresenta como uma possibilidade fértil para se pensar a metodologia, para o estudo do cinema, ela poderia ser ainda mais produtiva, **tendo em vista que o cinema se constitui numa área multidisciplinar**, fazendo interface com a arte, a cultura e a tecnologia”. (p. 122).

Como os conceitos de Deleuze e Guattari e/ou de outros autores que abordam o conceito de cartografia foram usados teoricamente?

“Durante a observação dos filmes, percebi que Jorge Furtado frequentemente reciclava outras linguagens no interior de seus filmes; então pensei na relação dessa reciclagem com o movimento antropofágico moderno e também com a interpretação de antropofagia feita por Suely Rolnil, que **relaciona com uma quebra de identidades fixas**”. (p. 30).

“Fui também pesquisar o pós-modernismo no seio da arte, que se expressaria pela presença das mídias e também pela apropriação e reutilização de seus conteúdos cinematograficamente. À primeira vista pensei que tudo isso **podia representar certa multiplicidade dos filmes, razão pela qual fui verificar o que Deleuze falava sobre multiplicidade e percebi a sutil diferença entre o que se apresenta como potencial (multiplicidade) e o que se realiza no nível das textualizações (manifestações híbridas, mestiças ou sincréticas)**” (p. 30).



“O híbrido, o mestiço e o sincrético foram conceitos desenvolvidos respectivamente por Canclini, Serres e Canevacci. Além disso, **percebi que, à luz da teoria das multiplicidades, as relações entre o ficcional e o documental também tinham certo embricamento na obra cinematográfica de Jorge Furtado**” (p. 30).

Como a cartografia foi usada para o desenvolvimento da dimensão metodológica?

A teoria para construir o problema/objeto

A autora buscou cartografar o cinema de Jorge Furtado através da análise dos agenciamentos presentes na obra diretor, observando as possíveis gagueiras do autor. A cartografia, de acordo com a autora, permitiu trabalhar de forma diversificada com os agenciamentos produzidos pelo conjunto de filmes do Jorge Furtado.



A teoria para acionar os processos metodológicos

“Através do método cartográfico, temos uma pesquisa aberta, que valoriza a experiência, a inventividade do desejo, uma pesquisa-devir.” (GUIDOTTI, 2007, p. 119).



“(…) múltiplos passos metodológicos, que vêm a compor a cartografia.” (GUIDOTTI, 2007, p. 28).



Apresenta os princípios do rizoma desenvolvidos por Deleuze e Guattari (1995a), relaciona dizendo: “Rizoma, nesta pesquisa, está sendo utilizado para explicitar a forma de composição da cartografia”. (GUIDOTTI, 2007, 125).



No campo da comunicação aponta os autores Jesús Martín-Barbero (com o livro *Ofício de Cartógrafo*) e o antropólogo Massimo Canevacci (com o livro *A cidade polifônica*) como expoentes do uso da cartografia na comunicação. (p. 121).

“A filosofia construtiva deleuziana concebe a criação e a utilização de conceitos”.(p. 28).

A teoria produzida pela pesquisa

Criação de conceitos como “cinema explicativo” ou “cinema com notas de rodapé”.
(p. 28).

Que potencialidades e/ou limitações o uso da cartografia ofereceu para a comunicação?

Criação de conceitos como “**cinema explicativo**” ou “**cinema com notas de rodapé**”.
(p. 28).



“**A filosofia construtiva deleuziana concebe a criação e a utilização de conceitos**”.
(p. 28).



“(…) tomar a teoria muito mais como **componente capaz de auxiliar a pensar os filmes do que algo que deveria ser comprovado, ou mesmo comprovado dentro do campo “empírico” (os filmes)**. Por isso, por vezes tomei linhas de fuga e meu pensamento extrapolou o “recorte” inicial, mas como se trata de uma cartografia, creio que essas fugas expressam antes de mais nada **virtualidades que fazem com que a paisagem explorada esteja em constante processo de atualização...** (p. 168-169).



“Deleuze contribuiu porque permitiu pensar sobre uma nova época, um novo cinema, e conceber **ainda o cinema como pensamento**”. (p. 173).

TRABALHO E

NEVES, Heloisa Maria Domingues. **Mapas do encontro**: estudos da relação comunicativa corpo – cidade. 2007.79f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica.

Que problema e/ou objetivo de pesquisa acionou o uso da cartografia?

“O objetivo é estudar um tipo específico de mapa que nomeamos como “**mapa dos encontros**” (Resumo).



“O mapa do encontro é, portanto, **o estudo do grande emaranhado de relações** que se formam emergencialmente quando **corpo e cidade estão em contato**. (p. 2).

“O mapa do encontro passou a ser, portanto, **a construção de representações em tempo real, as quais falam tanto do corpo** (emoções, sentimentos e percepções) **cidade** (organismo auto-organizativo e emergente) **estão em contato.** (p. 2).



Como se dá e se representa a **comunicação entre pessoas e cidades...**

Como a cartografia é usada na construção do objeto empírico da pesquisa?

“(...) **corpo** (emoções, sentimentos e percepções) **cidade** (organismo auto-organizativo e emergente) **estão em contato (...)**”.(p. 2).



“Olhando para as cidades, filmes, músicas e tantas outras coisas, desde o início dessa pesquisa, busquei **garimpar mapas do encontro já realizados e espalhados por esses lugares.** (p. 58).

Como explicam e/ou justificam o uso da cartografia na comunicação?

“A partir da diferença entre mapa e decalque, Deleuze nos propõe **um jeito novo de olhar para a representação do mundo atual**, englobando o movimento constante e um tempo simultâneo e mais veloz. Para ele, representar algo não é fixar imagens, mas deixar que elas contenham o seu próprio movimento no processo. O mapa, portanto, constrói estruturas abertas e não algo sobre ele mesmo, ele se constrói, contribuindo assim para a conexão e para sua abertura máxima sobre o espaço”. (p. 12).

Como os conceitos de Deleuze e Guattari e/ou de outros autores que abordam o conceito de cartografia foram usados teoricamente?

O objetivo é estudar um tipo específico de mapa que é nomeado como “mapa dos encontros”. Esse mapa é o estudo do grande emaranhado de relações que se formam emergencialmente quando corpo e cidade estão em contato.



A autora não pensa diretamente sobre a cartografia, mas sobre o mapa. Para isso busca entender o conceito e as formas de organização do mapa através de três autores: o filósofo Gilles Deleuze¹ e os neurocientistas António Damásio² e Francisco Varela³.

¹DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** (trad. Ana Lucia de Oliveira ... et al). São Paulo: Ed. 34, 2002.

²DAMÁSIO, Antonio. **O Mistério da Consciência - Do Corpo, das Emoções ao Conhecimento de Si**. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo, 1999.

³VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan e ROSCH, Eleanor. **A Mente Corpórea: Ciência Cognitiva e Experiência Humana** (trad. Joaquim Nogueira Gil e Jorge de Sousa). Lisboa: Instituto Piaget, 2001

Antônio Damásio - (mapa interno)

“Antônio Damásio investiga como podemos verificar os mapas internos do corpo, através do estudo de imagens mentais e padrões neurais”. (NEVES, 2007, p. 7).

**Francisco Varela – (enação)**

“Francisco Varela discute a questão do tempo presente e as possibilidades de visualização de mapas que estão sempre se atualizando, além de suas formas de organização”. (NEVES, 2007, p. 7).

**Gilles Deleuze e Felix Guattari (mapa externo)**

“Gilles Deleuze propõe um conceito filosófico de mapa que busca mais o movimento de um fenômeno em processo do que seu resultado final”. (NEVES, 2007, p. 7).

**A teoria produzida pela pesquisa**

A visão de mapa buscada pelos autores estudados e pela pesquisa não é objetiva nem subjetiva; nem corporal, nem espacial; não fala somente do ponto de vista do pesquisador, e nem somente do pesquisado; nem experiencial, nem representacional, mas sim relacional ao extremo. Busca sempre se locar entre uma coisa e outra, sem que haja exclusão de qualquer elemento. Não pré-determina regras ou programas a serem seguidos e não deseja a forma estática e imutável. Sendo assim, ele se caracteriza por:

- 1- Estar locado entre o objetivo e o subjetivo; incorporando o pesquisador, o observador e o ambiente da experiência;
- 2- Não pré-determinar regras;
- 3- Incluir o movimento, o tempo e a plasticidade;
- 4- Relacionar corpo e espaço, pesquisador e pesquisado, experiência sempre mutável e representação;
- 5- Não buscar o símbolo pronto, mas sua construção;
- 6- Na busca pela percepção, buscar mais o fenômeno; (p. 15).

Como a cartografia foi usada para o desenvolvimento da dimensão metodológica?

A visão de mapa buscada pelos autores estudados e por essa pesquisa não é objetiva nem subjetiva; nem corporal, nem espacial; não fala somente do ponto de vista do pesquisador, e nem somente do pesquisado; nem experiencial, nem representacional, mas sim relacional ao extremo. **Busca sempre se locar entre uma coisa e outra, sem que haja exclusão de qualquer elemento.** Não pré-determina regras ou programas a serem seguidos e não deseja a forma estática e imutável. Sendo assim, ele se caracteriza por:



- 1- Estar locado entre o objetivo e o subjetivo; incorporando o pesquisador, o observador e o ambiente da experiência;
- 2- Não pré-determinar regras;
- 3- Incluir o movimento, o tempo e a plasticidade;
- 4- Relacionar corpo e espaço, pesquisador e pesquisado, experiência sempre mutável e representação;
- 5- Não buscar o símbolo pronto, mas sua construção;
- 6 – Na busca pela percepção, buscar mais o fenômeno (p. 15).

Que potencialidades e/ou limitações o uso da cartografia ofereceu para a comunicação?

“(...) sempre entendi que o corpo e a cidade fazem parte de um mesmo sistema , com **múltiplas entradas**. Isso não era totalmente claro para mim desde o início e, muitas vezes usei mais a intuição do que qualquer garantia conceitual. Ao iniciar essa pesquisa. Eu tinha uma intuição de que precisava entender mais o corpo para entender realmente a cidade. Hoje, com pouquíssimo tempo de estudo na área das ciências cognitivas e da filosofia da mente, e um mundo de coisas ainda por descobrir, já posso afirmar com convicção que entender a construção, a percepção e a representação de uma cidade é entender como o próprio corpo se constrói a si mesmo, **porque ambos estão absolutamente conectados.**” (p. 66-67).



Essa experiência prática **não busca conclusões, mas novas maneiras de se trabalhar com a relação corpo-mente e cidade...** (p. 71).

TRABALHO F

COELHO, Lilian Monaro Engelmann. **Escutas em musicoterapia: a escuta como espaço de relação.** 2002. 130 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica.

Que problema e/ou objetivo de pesquisa acionou o uso da cartografia?

“Esta dissertação põe em foco a escuta musicoterápica e seus espaços de relação. A escuta aqui, é pensada, não como uma relação que concebe um som significativo a um sentido significado, mas sim, como uma produção, uma escuta que inventa mundos. **A pesquisa busca, nas produções e no pensamento da escuta musical do século XX, dispositivos para potencializar a escuta musicoterápica no seu espaço relacional.**”
(Resumo).



“O que procuro escutar, junto com o leitor, no trajeto a ser percorrido?” (p. 9).



Processos de subjetivação nas sonoridades (p. 9).

Como a cartografia é usada na construção do objeto empírico da pesquisa?

3 Cenas criadas como dispositivos de imagens sonoras (buscando as sonoridades que delas ressoam). (p. 12).

“Os estudos são desenvolvidos a partir do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, no que tange **ao desejo de produção que fabrica escutas e no movimento do ritornelo**. Também se busca, através dos regimes de signos, cartografar a subjetividade da escuta musicoterápica em seus processos de invenção dialogando com o pensamento da escuta musical do século XX”. (Resumo).

Como explicam e/ou justificam o uso da cartografia na comunicação?

“Assumir uma escuta exatamente no seu processo de metamorfose, num devir música e num devir som. Não se trata mais de buscar a identidade, categorias, e nem de achar etapas evolutivas mas, sim, de **estar nas mutações das escutas, e escutar o que a escuta musical produzia na clínica**”. (p. 3).

Como os conceitos de Deleuze e Guattari e/ou de outros autores que abordam o conceito de cartografia foram usados teoricamente?

A teoria para construir o problema/objeto



A autora buscou construir uma cartografia percorrendo geografias distintas ao mesmo tempo, em que acompanhou os movimentos de transformação dos espaços relacionais de sonoridades e criando novas escutas.



A teoria para acionar os processos metodológicos

No trabalho F, a autora explica que não é possível definir o método cartográfico, pois a sensibilidade é seu guia. Ao trabalhar com a música, a autora utiliza a base teórica de Deleuze e Guattari. De acordo com a autora “A música, em Deleuze e Guattari, é uma potência estética, ética e política, jamais podendo ser aprisionada por pontos de referências ou modelos de identidade” (COELHO, 2002, p. 2).

“a escuta musicoterápica tem um comprometimento com a *estética*, porque inventa mundos, com a política, porque nas relações, investe em *micropolíticas das sensações* e com a ética, porque se dá na escuta das diferenças. Nesse contexto, **o musicoterapeuta, se transforma em um cartógrafo sonoro**” (p. 7).

“(…) a escuta clínica será arrastada pelas forças de invenção e desterritorialização das sonoridades. Assim, a procura vai no sentido de acompanhar mutações deste bloco engendradas em espaços estéticos (de invenção), éticos (escuta das diferenças) e políticos (de relações). (p. 9).



Para responder o que é um cartógrafo? A autora utiliza: Suely Rolnik¹ e Paulo César Lopes.²

¹ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*. São Paulo: Estação liberdade, 1989.

² LOPES, P. C. *Pragmática do desejo: aproximações a uma teoria clínica em Gilles Deleuze e Félix Guattari*. 1996. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - PUC-SP, 1996.



Segundo a autora “não é possível definir o método, nem por referências teóricas ou por procedimentos técnicos do cartógrafo, mas a sensibilidade é o seu trajeto”. (p.110).

A teoria produzida pela pesquisa

“Já que o cartógrafo não se apóia em estruturas estabelecidas, qual seria o equipamento que o *cartógrafo sonoro* levaria quando sai para o campo das sonoridades?”



Ele leva no bojo marcas de escutas sonoras que, como estão sempre em mutação nas dobras, servem como dispositivos para ativar fluxos interrompidos? Porque a avaliação de um cartógrafo sonoro é o grau de intensidade que as escutas permitem, os trajetos que elas podem suportar e os movimentos que elas fazem na condição desejante da vida.



É por isso que ele inventa estratégias no ritornelo porque às vezes é preciso desterritorializar e ser desterritorializado por sussurros, murmúrios, outras vezes, é preciso territorializar um silêncio, fazer uma ponte sonora, para que os afetos possam fluir”. (p.110).



“o cartógrafo sonoro é político, porque sua escuta faz cartografias de macro e de micropolíticas”. (p. 113).



“(…) nenhum cartógrafo sonoro conclui nada, o que ele quer é que o caminho fique em aberto para que os fluxos continuem. (p. 113).



“(…) cartógrafo sonoro (...) sabe que a escuta não existe, porque ela é sempre inventada, ela é um ato de composição”

Como a cartografia foi usada para o desenvolvimento da dimensão metodológica?

“Pensar a escuta neste trabalho é também trazê-la para a escrita. Então, um outro desafio se impõe, **escrever as sonoridades da escuta**. Podemos, então, propor a seguinte questão: como fazer da escrita uma escuta?” (p.3)



Para isso, a autora cria uma *cena sonora fictícia*, que vai se transformando no percurso de criação. “**É uma cena que apresenta processos de subjetividades da escuta musicoterápica nas suas relações estéticas, políticas e éticas**” (p.4)



A autora convoca “**a potência de um cartógrafo que vai criando um desenho ao mesmo tempo, em que acompanha os movimentos de transformações de paisagens**” (p.4). Com isso, cria um “diário de escuta” que contém não apenas o objetivo, mas também o subjetivo, o estético, o ético e o político. (p.4).

“(...) **uma cartografia que irá sendo construída nas sonoridades (...)**” (p.4) acompanhado o quê a escuta produz. Neste sentido, a escuta proposta **“é uma marca de expressão que se efetua nas sonoridades, ou seja, um desejo de produção sonora”**. (p.5).



“A cartografia que vamos construir percorre geografias distintas (territórios musicais, terapêuticos, e musicoterápico) e histórias de percepções (escuta do final do século XIX e escuta do século XX)”. (p.5).



Depois de cada cena criada – “Uma pausa para agenciamentos” (p. 15)

Que potencialidades e/ou limitações o uso da cartografia ofereceu para a comunicação?

“Não é possível definir o método, nem por referências teóricas ou por procedimentos técnicos do cartógrafo, mas a sensibilidade é o seu trajeto”. (p.110).



“Já que o cartógrafo não se apóia em estruturas estabelecidas, qual seria o equipamento que o *cartógrafo sonoro* levaria quando sai para o campo das sonoridades?

Ele leva no bojo marcas de escutas sonoras que, como estão sempre em mutação nas dobras, servem como dispositivos para ativar fluxos interrompidos? Porque a avaliação de um cartógrafo sonoro é o grau de intensidade que as escutas permitem, os trajetos que elas podem suportar e os movimentos que elas fazem na condição desejante da vida.

É por isso que ele inventa estratégias no ritornelo porque às vezes é preciso desterritorializar e ser desterritorializado por sussurros, murmúrios, outras vezes, é preciso territorializar um silêncio, fazer uma ponte sonora, para que os afetos possam fluir”. (p.110).



“o cartógrafo sonoro é político, porque sua escuta faz cartografias de macro e de micropolíticas”. (p. 113).



“São nessas dobras, na macro e micropolítica, nas escutas das diferenças, no movimento inventivo da própria escuta, que o cartógrafo desloca a condição de um paciente para um ouvinte. Não se busca centrar uma escuta no sujeito e nem nas necessidades deles. O que o **cartógrafo sonoro quer são os devires**, para que o inumano invente mundos sonoros. (p. 113).



“(...) nenhum **cartógrafo sonoro** conclui nada, o que ele quer é que o caminho fique em aberto para que os fluxos continuem. (p. 113).



“(...) cartógrafo sonoro (...) sabe que a escuta não existe, porque ela é sempre inventada, **ela é um ato de composição**”.

Nesta condição, seu anti-método enfrenta os acontecimentos. Ele sai a campo, deslizando entre as forças audíveis e inaudíveis. **Seu esforço vai no sentido de ouvir os fluxos do desejo.**” (p. 113).

TRABALHO G

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva - matérias, afectos e espaço domésticos.** 1999. 238 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica.

Que problema e/ou objetivo de pesquisa acionou o uso da cartografia?

“Partindo da noção de casa como território humano, o trabalho visa explorar, cartografar, ora conceitualmente, ora focalizadamente a relação entre casas e homens. (p. 4).



“De um modo geral, a arquitetura, ou o espaço construído é sempre tomado como "produção" material e simbólica do homem. Pretende-se, nesta pesquisa, lançar luz sobre um contra-fluxo dessa relação, onde os espaços produzem homens, no sentido em **que funcionam como focos ou agenciamentos de subjetividade**”. (p. 4).



Segue, então, duas linhas paralelas e mutuamente referentes: uma que se utiliza de trilhas conceituais desenvolvidas na obra conjunta de G. Deleuze e F. Guattari para pensar casas em geral, onde conceitos **como rizoma, território e nomadismo** são especificamente convocados e outra que se propõe exploratória (e experimental) de casa singulares na qual recursos e lições da etnografia e da literatura são convocados para a montagem dos blocos de espaços-tempos domésticos expressivos. (p. 4).



“O objetivo é montar casas subjetivas ou construir “modelizações parciais” de casas subjetivas”. (p. 219).

Como a cartografia é usada na construção do objeto empírico da pesquisa?

“Duas casas são objetos dessa exploração: a primeira, uma casa-de-fazenda do século XIX e a Segunda, uma residência urbana da década de 60, ambas situadas na região da Baixada Cuiabana no Estado de Mato Grosso. O último bloco sonda o que parece se configurar como um "morar contemporâneo". Ao contrário de tomar a especificidade de uma casa, optou-se pela exploração de fragmentos que pareçam expressivos desse morar, extraídos de diversas casas "contemporâneas". (p. 4).

“Para pensar a arquitetura não apenas como ofício, a autora utiliza alguns conceitos de Deleuze e Guattari para **“experimentar uma outra concepção construtiva.”** (p. 10), ou seja, para pensar a **“arquitetura como objeto de reflexão”** (p. 15).

Como explicam e/ou justificam o uso da cartografia na comunicação?

“A idéia dessa estreita e co-produtora relação homem-espaço doméstico que percorre toda a tese carrega consigo uma preocupação específica com a **produção contemporânea dos espaços**. Nesse sentido, o esforço é introduzir dados novos ou, ao menos, produzir uma certa inflexão nos atuais rumos de um pensamento sobre a arquitetura”. (BRADÃO, 1999, p. 4)



Para Brandão Guattari busca uma reflexão diferenciada das abordagens convencionais da arquitetura que geralmente a toma como categoria e se permite a pensar nela como uma multiplicidade de configurações espaciais. Logo, **a arquitetura passa a funcionar como máquina produtora de subjetividade.**



Na exploração de um universo conceitual totalmente novo para a autora, que se “esboçou a partir de Guattari e seu *Caosmose* ganhando consistência no encontro de Gilles Deleuze e a obra conjunta dos *Mil platôs*”. (p. 42).

Como os conceitos de Deleuze e Guattari e/ou de outros autores que abordam o conceito de cartografia foram usados teoricamente?

A teoria para construir o problema/objeto

A autora procura cartografar, ora conceitualmente, ora focalizadamente a relação entre casas e homens. Para isso, a autora busca “flagrar esse espaço-casa emergindo em sua singularidade, de uma conjunção ímpar de elementos heterogêneos.



- **A teoria para acionar os processos metodológicos**


De acordo com a autora pensar a cartografia foi a exploração de um universo conceitual totalmente novo, que se “esboçou a partir de Guattari e seu *Caosmose* ganhando consistência no encontro de Gilles Deleuze e a obra conjunta dos *Mil platôs*”. (p. 42).





Apresenta os princípios do rizoma desenvolvidos por Deleuze e Guattari (1995a), relacionando cada princípio com a pesquisa.





A teoria produzida pela pesquisa


A autora aponta que o método é um jogo e que a imagem de todo esse processo é que tudo se passa como uma *brincadeira*, “uma boa e velha brincadeira: um jogo de montar com resoluções infinitas. Menos que um método há uma atitude. Trata-se aqui de um jogo mesmo, não apenas de um artifício de linguagem. Por isso, a ideia é ver, além de onde se conseguiu chegar, ou do que se conseguiu produzir, como isso se fez, com quais peças, produzindo quais movimentos, seguindo quais regras”. (p. 218). 

o trabalho não termina com as *conclusões*. Um *Post-Scriptum* traz um texto sobre o método adotado. A autora alerta que essa opção não impede que seja a primeira coisa lida, mas explica que o tipo de escritura desse capítulo se distanciou bastante do restante do trabalho. (p.48). 

Para esse jogo a autora monta um “manual (+ ou -) prático para jogar” (p. 219). 

Até chegar a Deleuze e Guattari a autora com o auxílio do arquiteto e semioticista Alain Renier reflete que os trabalhos “científicos” sobre arquitetura “podem ser classificados basicamente em dois tipos: de um lado os *tratados* críticos ‘para compreender’ e, de outro, os *manuais* ‘para fazer’” (BRADÃO, 1999, p. 16). 

“Parte dessa concepção, a tentativa de outras lógicas e autores para pensar a arquitetura. Assim, Brandão parte da “formulação radical de arquitetura” (p.19) de Félix Guattari em *Caosmose* (1994) para pensar o “espaço arquitetônico como sujeito-representante ou delegado” (p.19) **“O alcance dos espaços construídos vai então bem além de suas estruturas visíveis e funcionais”** (1994, p. 158). Assim, “Guattari afirma é que a arquitetura está o tempo todo operando como produtora de sensação, de sentido, de subjetividade. Ela é máquina”. (BRADÃO, 1999, p. 20). 

Para Brandão Guattari busca uma reflexão diferenciada das abordagens convencionais da arquitetura que geralmente a toma como categoria e se permite a pensar nela como uma **multiplicidade de configurações espaciais**. Logo, a arquitetura passa a funcionar como máquina produtora de subjetividade. 

Além de Guattari para pensar o *espaço* outros autores utilizados foram Francisco Varela, Merleau-Ponty e Lima de Freitas.

Merleau-Ponty – a fenomenologia da percepção

Lima de Freitas – hermenêutica das direções do espaço

Francisco Varela – autopoiese 

“A cartografia diferentemente da “etnografia representativa-interpretativa, por mais “densa” que venha a ser, seria sobretudo recusar costuras demasiado evidentes. Desconfiar delas, principalmente quando sugerem totalizações, identidades. Não que esses processos não aconteçam no interior de uma multiplicidade, mas como uma medida preventiva ao vício do

olhar que só aproxima semelhanças, reifica e reduz processos complexos, **transformando diferença em rebotalho**". (p.60)

Como a cartografia foi usada para o desenvolvimento da dimensão metodológica?

Na própria **escritura do texto** que começa descritiva, seguindo o que seria uma etnografia do espaço para vir a ser a "produção de um pensamento em arquitetura" (p. 31), ou seja, a autora se refere ao próprio ato de escrever sobre esses espaços, de **"como construir não um texto sobre casas, mas casas com um texto"** (p. 32).



Uma escritura que "dialoga com o poético" (p. 43).

Na exploração de um universo conceitual totalmente novo para a autora, que se "esboçou a partir de Guattari e seu *Caosmose* ganhando consistência no encontro de Gilles Deleuze e a obra conjunta dos *Mil platôs*". (p. 42).



principais conceitos trabalhados: **rizoma, território, nomadismo, agenciamento, devir, máquina de guerra, etc.**



O que é afinal cartografar? (p. 58).

"Esse tipo de escritura do espaço, agenciado a partir de um corpo que se desloca e não de um olho que observa, é o que estamos compreendendo como cartografia". (p. 58).



A autora aponta que o método é um jogo (p. 218).



Para esse jogo a autora monta um **"manual (+ ou -) prático para jogar"** (p. 219).



"Este é um jogo de montar. Acompanha este manual algumas peças, sugestões para a produção de outras e duas montagens de casas subjetivas (modelizações parciais) que não se pretendem "modelos". Isso não leva a nada: não ensina ninguém a jogar, retira toda a alegria que reside na incerteza, na precariedade do jogo e, certamente, acaba com a brincadeira" (p. 219).

O objetivo do jogo



"O objetivo é montar casas subjetivas ou construir "modelizações parciais" de casas subjetivas". (p. 219).

Regras



(...) as "regras", foram se estabelecendo ao longo do jogo, como um espécie de necessidade. (p. 219-220). (...) Forçar situações é acabar com a brincadeira e fazer cópias". (p. 220).

Componentes ↓

“os componentes podem ser pensados em termos de o *fora* e o *dentro* das montagens. (...) Como “fora” temos a *superfície* e como “dentro” as *peças*”.

Superfície ↓

“(...) *superfície* é uma espécie de *satélite especular* que acompanharia qualquer montagem, sempre ao lado, em distância e angulação variável, é sensível a ela (montagem) e é, ao mesmo tempo, o que lhe compõe “de fora”. (p. 221).

Peças ↓

“São três tipos de peças que acompanham o jogo: imagens, conceitos e conectores”. (p. 221).

Imagens ↓

“As imagens disponíveis neste jogo são as utilizadas na montagem das casas que o acompanham” (p. 222).

Conceitos ↓

“O conceito, ou o bom conceito, é aquele que faz a imagem saltar da superfície e detonar os movimentos próprios a essas imagens contaminadas por esses conceitos” (p. 223).

Conectores ↓

“Usados para fazer a junção imagens ou de blocos de conceitos-imagens (imagens contaminadas por conceitos), os conectores atribuem uma certa estabilidade ao conjunto”. (p. 224).

Que potencialidades e/ou limitações o uso da cartografia ofereceu para a comunicação?

“De todas as justificativas – das paixões pequenas (pessoais) às curiosidades que possam ser coletivas (como a de ver o que se produziria nesse encontro entre a problemática da arquitetura e a estratégia deleuzo-guattariana de acessar a vida), parece ser suficiente afirmar a urgência de inventarmos novas maneiras de pensar o espaço neste momento em que somos sacudidos por categorias de espaços jamais pensados. Esta tese tenta”. (p.48).



“Deleuze e Guattari e seus conceitos estão aí, grávidos de mundos”.
 “É preciso afirmar a importância para a arquitetura, desse “arsenal” operativo, deleuzo-guattariano. Temos por hábito chamar conceitos de “ferramentas”, por que sempre pretendemos tratá-las como tais. Depois de Deleuze e Guattari descobro que entre conceitos há uma multidão de boas ferramentas (e outras nem tanto) mas também algumas armas poderosíssimas que produzem em nossos delicados objetos (e em nós, seus supostos sujeitos) deslocamentos inconcebíveis”. (p. 210).

TRABALHO H

LOPES, Tiago Ricciardi Correa. **Personagem-Rizoma: atualizações do personagem no curta-metragem Kilmayr**. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.

Que problema e/ou objetivo de pesquisa acionou o uso da cartografia?

“A pesquisa que toma forma nas páginas desta dissertação de mestrado **problematiza o personagem nos filmes de documentário**, tomando como objeto empírico o curta-metragem Kilmayr, de Marcio Schenatto”. (Resumo).



“A motivação principal desta pesquisa é buscar a compreensão sobre os modos **como a figura do personagem é abordada nos filmes de documentário**. (p.9).



“(…) tem como **objetivo geral verificar e compreender os modos de atualização do personagem no curta-metragem Kilmayr**”. (Resumo).



“Partindo desse objetivo geral, chega-se ao **problema de pesquisa** que é sintetizado na seguinte pergunta: **como se atualiza o personagem no curta-metragem Kilmayr?**” (p.10).




“(…) os **objetivos específicos** deste trabalho: a) Pensar o objeto de pesquisa a partir da idéia de *multiplicidade virtual* e de *memória*; b) Desenvolver movimentos em direção às linhas de virtualização que integram a *memória-personagem* em *Kilmayr*; c) Desenvolver processos metodológicos flexíveis e adaptáveis aos propósitos colocados pela pesquisa, que contribuam para a renovação dos estudos analíticos em audiovisual; d) Desenvolver os conceitos de *personagem-rizoma* e *direção-cartográfica* como os principais operadores conceituais da pesquisa”. (p.10).

Como a cartografia é usada na construção do objeto empírico da pesquisa?

“O filme *Kilmayr* se mostra como *locus* particularmente interessante para este estudo, por reunir em sua estrutura fílmica indícios de que o modo como o personagem é constituído no interior da obra cinematográfica **remete a uma série de movimentos de transformação – técnicas, narrativas e de linguagem – que apontam para os novos rumos que o documentário contemporâneo está seguindo**”. (p.9).



“O objeto de estudo, tomado desde o viés das modificações operadas sobre a forma cinematográfica, **demandam um formato de pesquisa apoiado em metodologias flexíveis e adaptáveis**, respeitando a trajetória dos estudos que se apresentaram até o momento no âmbito do documentário, mas também **abrindo caminho para a emergência de outros**

modos de ver e entender os processos de constituição e significação das escrituras com imagens". (p.9). 


"(...) os processos metodológicos adotados são relacionados às concepções **de cartografia e rizoma**, buscando sustentação em elaborações filosóficas contemporâneas, **a fim de conceber o objeto de pesquisa a partir de conceitos da ordem das multiplicidades**". (Resumo).
 "(...) **compreensão do objeto de pesquisa como *multiplicidade virtual***" (p.9).

"Considera-se que **tal proposta é ainda pouco explorada nos estudos de cinema**, portanto, sua introdução neste trabalho ocorre através de uma abordagem que visa estabelecer as principais diferenças entre os processos metodológicos oferecidos por essa perspectiva e aqueles sugeridos por um determinado conjunto de metodologias de análise fílmica*". (p. 9).

* A partir da perspectiva trabalhada por autores como Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (1994), Jacques Aumont e Michele Marie (1993).

"A idéia de *multiplicidade virtual* implica a compreensão de um conjunto de conceitos fundamentalmente associados ao pensamento de Henri Bergson* sobre a *memória* e o *espaço*, a modo que o *virtual*, o *atual* e o *dever* formam a tríade conceitual que orienta os principais movimentos realizados nesta pesquisa.

* O pensamento do filósofo francês Henri Bergson (1849-1941) é trabalhado nesta pesquisa a partir de seu livro *Matéria e Memória* (1990).

"(...) o objeto sob a perspectiva das *audiovisualidades* coloca-se como o primeiro passo rumo à **elaboração de uma metodologia de pesquisa que visa dar conta dos diversos níveis que se sobrepõem e se interconectam para configurarem as formas atuais que esta pesquisa visa tratar**. Entender o objeto dessa maneira é incentivar o olhar que busca **encontrar as tendências minoritárias e sutis que latejam na obscuridade da forma**, que existem à margem da visão e que são desveladas na medida em que **o objeto se abre para o acontecimento analítico**". (p. 23). 

"(...) *objeto e método*, por esse viés, são constituídos simultaneamente". (p. 24).

"Por esses motivos, ao tomar como *locus* de pesquisa o documentário contemporâneo, colocando o foco de observação sobre as atualizações do personagem, esta pesquisa se depara com um **objeto de pesquisa cheio de camadas, curvas e linhas de fuga***, e que por isso não se deixa apreender facilmente". (p. 23).

"(...) os conceitos de *Cartografia* e *Rizoma* como duas perspectivas metodológicas que oferecem, cada uma a seu modo, **estratégias de aproximação entre pesquisador e objeto de estudo, através de caminhos que incentivam a inscrição subjetiva nos processos investigativos e que visam instrumentalizar o olhar para desfiar a teia virtual que enreda a forma atual do objeto empírico**. (p. 24).

Como explicam e/ou justificam o uso da cartografia na comunicação?

“O olhar que se faz aqui sobre a metodologia de análise fílmica é antes com o propósito de buscar encontrar uma outra ordem de possibilidades que ofereça maior adequação em relação ao propósito de compreender **o objeto como *multiplicidade virtual, aberta e em constante transformação***.”

conexão e heterogeneidade ↓

“O personagem *Kilmayr*, colocado sob o prisma do *rizoma* e entendido segundo os princípios de *conexão e heterogeneidade*, **é percebido como portador de diversas dimensões, ou estratos, que se conectam a múltiplas cadeias significantes, desde as motivações empregadas nas performances individuais dos membros da equipe na realização do curta, até as linhas virtuais que se conectam com a própria história do cinema de documentário**”. (p.39)

multiplicidade ↓

“O objeto fílmico, entendido desta maneira, é fluxo que nunca pára de se modificar e de avançar através de novas formas atuais. O filme *Kilmayr*, por exemplo, sob esta perspectiva, **não inicia no plano de abertura e nem termina nos créditos finais, ele já existia de alguma forma antes e estende seu movimento indefinidamente: toda vez que é assistido, toda vez que é comentado, toda vez que é lembrado, ele se atualiza como novo, como diferente**”. (p.40).

ruptura a-significante ↓

“atentar para o objeto sob esta perspectiva é buscar encontrar conexões internas – **as *linhas segmentares* – e também externas, as *linhas de fuga***”. (p.40).

“Uma *linha de fuga* escapa e faz escapar. A *linha de fuga* configura o princípio da *desterritorialização*, entendido aqui como o processo que decorre quando alguma coisa começa a deixar de ser o que é para tornar-se algo diferente, mas, ainda assim, mantendo algo de si. Toda vez que *linhas segmentares* explodem em um *linha de fuga* opera-se um processo de *desterritorialização*, no entanto e simultaneamente, aquilo que se *desterritorializa* já está sempre em vias de se *territorializar* novamente”. (p.41).

cartografia e decalcomania ↓

“A própria materialidade fílmica, quando observada através da *percepção desatenta*, é apenas decalque. No entanto, ao fazer uso do *reconhecimento atento*, proposto pelo processo *cartográfico*, o objeto se abre em linhas de virtualização, se mostra como *rizoma*.

A aplicação dessa perspectiva sobre a figura do personagem em *Kilmayr* permite entender este objeto como permeado de camadas, ou estratos. A noção de *memória*, apresentada anteriormente e segundo a perspectiva bergsoniana, é também entendida dessa forma. A combinação dessas idéias permite a síntese da abordagem que será desenvolvida ao longo desta pesquisa, ou seja, a compreensão dos modos de atualização do personagem através da perspectiva de uma *memória-personagem*, formada por estratos que são acessados na medida

em que o *processo cartográfico* é realizado sobre os diversos materiais empíricos e teóricos reunidos na pesquisa.

Esta *memória-personagem* em *Kilmayr*, pensada enquanto um grande conjunto de imagens, circunscreve, pelo menos, outros três conjuntos, ou outras três *memórias* que se articulam ao longo de toda esta pesquisa: *memória-documentário*; *memória-filme* e *memória-pesquisador*". (p.42).

Como os conceitos de Deleuze e Guattari e/ou de outros autores que abordam o conceito de cartografia foram usados teoricamente?

A teoria para construir o problema/objeto



O autor busca compreender os modos de atualização do personagem no curta-metragem *Kilmayr*. Para isso, busca realizar leituras *cartográficas* sobre o objeto empírico de pesquisa, visando encontrar as linhas de virtualização que atualizam personagem-*Kilmayr*.

A teoria para acionar os processos metodológicos



O autor relaciona a pesquisa a quatro movimentos - estabelecidos por Kastrup¹ - que constituem o modo de agir da *atenção* durante o processo *cartográfico*: *rastreio*, *tato*, *pouso* e *reconhecimento atento*.

Relacionando cada movimento com sua pesquisa.

¹ KASTRUP, Virginia. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. Revista Psicologia e Sociedade, v. 19, p. 15-22, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.



Apresenta os princípios do rizoma desenvolvidos por Deleuze e Guattari (1995a), relacionando cada princípio com a pesquisa.

De acordo com o autor “a apresentação dos conceitos de *cartografia* e de *rizoma*, que formam a base da proposta metodológica desta pesquisa (...)” (p. 10).



“A *cartografia* é trabalhada fundamentalmente a partir das perspectivas desenvolvidas pelas autoras Suely Rolnik (1998)¹ e Virginia Kastrup (2007)². Já o *Rizoma* é estabelecido a partir do trabalho conjunto dos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995)³”. (p. 10-11).

¹ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*. In HERKENHOFF, Paulo; PEDROSA, Adriano. Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros, Roteiros. São Paulo: A Fundação, 1998.

² KASTRUP, Virginia. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. Revista Psicologia e Sociedade, v. 19, p. 15-22, 2007.

³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.



A teoria produzida pela pesquisa

“As idéias de *direção-cartográfica* e *personagem-rizoma* apresentadas nesta etapa final constituem os primeiros avanços desta pesquisa rumo à elaboração de um conjunto de operadores conceituais fundamentados pela perspectiva das *audiovisualidades*.”. (p. 119).



“O trabalho do pesquisador ao percorrer esses caminhos se mostra **como o de um explorador que se desloca em um território novo, delineando seus contornos, tateando sua superfície, desenhando um tipo particular de *mapa***”. (p. 25).



“Esse *mapa não é aquele que segue a lógica dos mapas rodoviários ou geopolíticos*, com representações de estradas, territórios e fronteiras bem demarcadas. Como aponta Barbero* (2004), os referidos mapas não só reduzem o tamanho do representado, como também deformam as figuras da representação, “trucando, simplificando, mentindo, ainda que seja por omissão.”(2004, p.11).” (p. 26).

*Barbero, J.M. *Ofício de cartógrafo* in *Aventuras de um cartógrafo mestiço*, 2004.



“Diferentemente, o *mapa que a semantização progressiva realiza* é concebido a partir de um *processo cartográfico*, que subentende outras lógicas para sua composição e que se aproximam mais daquelas que orientam os mapas meteorológicos – digitais, movediços e mutantes – ou aqueles fornecidos pela Geologia, com suas placas tectônicas deslizantes, fissuras e pontos de erupção vulcânica. São os mapas que contrariam a previsibilidade de caminhos conhecidos, que sugerem, invisíveis, as rotas flutuantes e fugazes, que modificam a noção de fronteira e de margem dos territórios e que caracterizam o percurso “dos marginais e dos trabalhadores sem-teto e também os trajetos nômades dos *punks*.” (Barbero, 2004, p. 14)”. (p. 26).



“Essa diferença entre o *mapa estático* e o mapa obtido através de processos *cartográficos* é descrita por Rolnik* (1998) da seguinte maneira: “para os cartógrafos, a *cartografia* – diferentemente do mapa, representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos da paisagem.” (Rolnik, 1998, p. 30).” (p. 26).

*Rolnik, Suely. *Cartografia sentimental*, 1998.



“A *semantização progressiva* proposta por Bernardet (2003) sugere uma abordagem analítica que se aproxima da postura que o *processo cartográfico* incentiva no pesquisador que dele faz uso, entendendo o objeto de pesquisa como *multiplicidade virtual*. Alguns pontos merecem ser destacados para que essas relações possam ficar mais evidentes”. (p. 26).



“A **idéia de perceber *circuitos* no objeto fílmico, em vez de buscar encontrar pontos fixos**, se potencializa na medida em que o objeto passa a ser entendido como *multiplicidade virtual*, ou seja, como formado por diversas tendências virtuais que podem ou não se atualizarem, dependendo da leitura que se faça sobre ele. (p. 26).



“A proposta de estabelecer um diálogo com a obra, **a partir de um processo gradual e constante de re-significação dos elementos fílmicos**, obedece ao mecanismo empregado

pela *percepção atenta*, que integra o *método cartográfico* e que se caracteriza pelos *sobrevôos e pousos sobre regiões do terreno, visando a evocação de imagens-lembrança que têm como função potencializar a experiência perceptiva*". (p. 26-27).



"Em *Aventuras de um cartógrafo mestiço*, Barbero (2004) realiza a aplicação da *cartografia* enquanto processo de investigação para o campo de estudos em Comunicação. O livro, como relata o autor, é constituído por uma miscelânea de textos, entre crônicas, ensaios e artigos, escritos durante trinta anos no "dia-a-dia de um trabalho, entre nômade e viajante" ao longo do continente latino-americano. (Barbero, 2004, p.10)". (p. 27).



"Outros autores, como Massimo Canevacci (*A Cidade Polifônica*, 1993) e Néstor García Canclini (*La Globalización Imaginada*, 1999) também realizam observações cartográficas em seus trabalhos, seja no âmbito de uma antropologia visual ou no das ciências políticas, respectivamente. Ainda, no campo da filosofia, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), em *Mil Platôs*, potencializam a idéia de *Cartografia* ao integrá-la à concepção de *Rizoma*". (p. 27).



"Suely Rolnik desenvolve o conceito de cartografia através de uma interface entre a psicanálise e a filosofia nos livros *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo* (1998) e *Micropolítica: cartografias do desejo* (1986), em co-autoria com Félix Guattari. Já no campo dos estudos de cinema, essa mesma autora realiza a *cartografia* do filme *Confiança* (*Trust*, 1991) de Hal Hartley em seu artigo *Hal Hartley e a ética da confiança* (1994). Mais recentemente, a *cartografia* aparece em trabalhos como o de Guidotti (2007), no qual a autora faz uso desse processo para analisar a filmografia do cineasta Jorge Furtado e ainda no artigo de Farina (2007), *Artifícios Perros. Cartografia de um dispositivo de formação*, em que a autora realiza uma cartografia sobre o filme *Amores Perros* (2000), de Alejandro Gonzáles Iñárritu". (p. 27-28).



"Cartografar é, antes de se configurar como uma metodologia de pesquisa propriamente dita, um processo, a partir do qual objeto e metodologia são constituídos juntos, entendendo que investigação e investigador estão interligados por uma relação de intensa troca durante o ato de pesquisa. Pode ser compreendida também enquanto uma disposição voltada ao empírico que orienta a atitude do pesquisador sobre o objeto de pesquisa: é um processo que prima por registrar a intensidade da experiência do contato entre essas duas instâncias". (p. 28).



"Poderia ainda ser demarcada como uma das características fundamentais desse processo a recusa em fornecer um "modo de fazer" definido previamente, justamente porque a formalização de um método constituído a priori acabaria por relegar o empírico a um segundo plano. Como afirma Rolnik (1998), a constituição prévia de procedimentos de pesquisa assume um valor secundário, uma vez que o cartógrafo sabe que "deverá 'inventá-los' em função daquilo que pede o contexto em que se encontra. Por isso ele não segue nenhuma espécie de protocolo normatizado." (Rolnik, 1998, p.31)". (p. 28).

“Segundo Virginia Kastrup (2007), em seu artigo *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*: “A atitude investigativa do cartógrafo seria mais adequadamente formulada como um **‘vamos ver o que está acontecendo’**, pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto.” (Kastrup, 2007, p.06). (p. 28).



“Neste artigo, Kastrup **estabelece quatro movimentos que constituem o modo de agir da atenção durante o processo cartográfico: rastreio, tato, pouso e reconhecimento atento.**

O *rastreio* pode ser entendido como um movimento exploratório do terreno, um gesto de varredura do campo. Subtende que o alvo ou a meta buscada pelo cartógrafo é móvel e oscilante e por isso esse movimento centra-se na busca de “pistas” e de “signos de processualidade” mais do que em encontrar informações. Rastrear, para a autora, é também “acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo.” (2007, p.11)”. (p. 28-29).



Rastreio

“Na cartografia, descreve Kastrup (2007), o processo de *rastreio* se estende como num vôo panorâmico, cobrindo vastas áreas do terreno, atravessando diversos pontos sem se deter. O movimento se mantém assim até que algo aconteça e traga uma mudança à estabilidade da situação, deflagrando o processo de seleção através de um movimento muito rápido que a autora identifica como o *momento do toque*”. (p. 29).

Toque



“O *toque*, nesse sentido, constitui uma *abertura para a imprevisibilidade* inerente ao processo de comunicação, como descreve a autora: “Sua importância no desenvolvimento de uma pesquisa de campo revela que esta possui múltiplas entradas e não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado.” (2007, p.13) Além disso, o *toque* pode levar tempo para acontecer e pode ter diferentes graus de intensidade”. (p. 29).



Pouso

“Kastrup descreve que o *toque* leva ao terceiro movimento, o *pouso*. O *pouso* indica que a percepção realiza uma parada e o campo focal se fecha, numa espécie de *zoom*. Este fechamento do enquadre faz com que o panorama se reconfigure, formando um novo território onde a atenção irá se fixar. (p. 30).



“O *pouso, aplicado ao referencial teórico*, ocorreu como movimento de seleção de determinadas séries de linhas de virtualização, ou estratos, das *memórias* que se buscou constituir ao longo de todo o trabalho. O *pouso* também aconteceu toda vez que, na fase de análise do *corpus* de pesquisa, a concentração sobre determinado elemento fílmico deflagrasse a abertura do objeto para o acontecimento analítico, ou seja, através da condução do olhar pesquisador através dos entrelaçamentos entre os estratos da *memória* do objeto”. (p. 30).



reconhecimento atento

“O *pouso* é, portanto, o movimento que antecede ao quarto e último movimento, o do *reconhecimento atento*, que estabelece o modo de funcionamento através do qual a atenção age sobre o ponto em que o cartógrafo se detém”. (p. 30).



“Para explicar esta etapa do processo *cartográfico*, Kastrup (2007) recorre ao pensamento de Henri Bergson (1990), no qual o autor descreve que, diferentemente do *reconhecimento automático* (ou *reconhecimento por distração*) – que é aquele que ocorre quando, por exemplo, na cidade em que habitamos, realizamos um trajeto conhecido e por isso não notamos a presença dos elementos no caminho – o *reconhecimento atento* nos conduz de volta ao objeto para “destacar seus contornos singulares.” (Kastrup, 2007, p.16) O *reconhecimento automático* remete sempre à ação futura, devido à necessidade que o indivíduo tem de agir no presente e, nessa direção, o movimento não se fixa no objeto, mas passa por ele. Já o *reconhecimento atento* faz com que a atenção se fixe sobre o objeto. Neste caso, o movimento não se dá em direção ao futuro mas, no sentido inverso, em direção à *memória*, fazendo evocar *imagens-lembrança* que vêm sublinhar os contornos do objeto. A memória, nesse sentido, aguarda sempre uma brecha para entrar com suas imagens”. (p. 30).



“O *reconhecimento atento* age no sentido de que, ao se fixar sobre uma determinada imagem, a percepção incita a memória a evocar imagens que se assemelhem à imagem percebida. Contudo, na medida em que o reconhecimento não ocorre, outras imagens vão sendo evocadas, vindas de distâncias cada vez mais longínquas da memória, e novos circuitos vão se estabelecendo ao mesmo tempo em que constituem o desenho virtual da imagem percebida”. (p. 31).



“Quanto mais o *reconhecimento atento* é acionado sobre determinado objeto, maior a quantidade de circuitos percorridos pelas imagens para sublinhar seus traços. Ao reter esses novos circuitos, a memória expande-se e junto com ela se expande também a faculdade cognitiva”. (p. 31).



Na teoria bergsoniana sobre a *memória* alguns conceitos mostram-se particularmente relevantes para o entendimento de como as *imagens-lembrança* atuam, através de atualizações, e como, num sentido contrário, movimentos de virtualização remetem a uma zona de indiscernibilidade, onde as imagens se encontram adormecidas, aguardando o momento apropriado para eclodirem. O *atual*, o *virtual* e o *dever* são os termos que remetem a estes conceitos. (p. 32).



“(…)Tudo o que se *atualiza* já se põe em processo de transformação, ou seja, de abandonar a forma que assumira e evoluir para outras formas, sempre em função dos movimentos de divisão e de diferenciação inerentes ao modo de agir da *virtualidade*.

Nesse sentido, os movimentos de *virtualização* e *atualização* remetem ao processo de *desterritorialização* e *territorialização* descritos através dos movimentos contínuos entre *linhas de fuga* e as *linhas segmentares* do *rizoma*, as *linhas segmentares* dando conformidade, organizando e dando significado à forma, fazendo-a agir, ou, ainda, fazendo-a *atual*. Já as *linhas de fuga* empurram-na para uma outra de suas formas possíveis, remetem a um “fora” do objeto que não existe (pois mesmo o mais abrangente dos conjuntos é aberto e liga-se a um

conjunto que o circunscreve); ele existe no *passado* que está prestes a se fazer presente novamente em algum ponto do futuro; ele existe, portanto, na sua forma *virtual*. Aqui já é possível estabelecer uma conexão mais forte entre o conceito de *virtual* e a noção de uma *memória* pela perspectiva bergsoniana. A *memória* remete sempre ao *virtual*, àquilo que existe em estado latente, que poderá se fazer atual ou não; é o *passado* que pode ou não agir outra vez no presente”. (p. 33).



“O *devoir* bergsoniano é outro termo que se relaciona com as idéias de *virtual* e *atual*. O *devoir* pode ser entendido como a tendência *virtual* que atua no presente”. (p. 33).



“O conceito de *rizoma*, trabalhado por Deleuze e Guattari (1995), é inspirado na terminologia empregada pela botânica para designar a formação assumida por determinadas plantas, mas que também pode ser empregado para ilustrar o modo como se configuram as diversas câmaras interligadas de formigueiros, colméias e cupinzeiros, ou ainda, para descrever a dinâmica das matilhas, dos cardumes e outras conformações que assumem as sociedades do reino animal”. (p. 38).

Como a cartografia foi usada para o desenvolvimento da dimensão metodológica?

“A apresentação dos conceitos de *cartografia* e de *rizoma*, que formam a base da proposta metodológica desta pesquisa (...)” (p. 10).



“A *cartografia* é trabalhada fundamentalmente a partir das perspectivas desenvolvidas pelas autoras Suely Rolnik (1998) e Virginia Kastrup (2007). Já o *Rizoma* é estabelecido a partir do trabalho conjunto dos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995)”. (p. 10-11).



“A articulação desses conceitos com os objetivos propostos resulta nos processos metodológicos adotados nesta pesquisa. Nesse sentido, o objeto de estudo é pensado como *multiplicidade virtual*”. (p. 11).



“Essa perspectiva se relaciona ao conceito de *memória* desenvolvido por Bergson (1990), onde o objeto é formado por dimensões ou estratos que configuram os distintos níveis de diferenciação assumidos pela *multiplicidade virtual* ao se atualizar. A *memória-personagem* que se busca formar nesta pesquisa **é integrada, portanto, por esses estratos ou dimensões que, em cada nível, formam conjuntos de linhas de virtualização que se inter-conectam em diversos pontos e, portanto, também assumem a forma rizomática da multiplicidade virtual**. Nesta pesquisa, a *memória-personagem* no filme *Kilmayr* é formada a partir da articulação de três grandes conjuntos de imagens que recebem os seguintes nomes: *memória-documentário*, *memória-filme* e *memória-pesquisador*”. (p. 11).



“A *memória-documentário* é trabalhada através de dois grandes estratos. Num primeiro nível, busca-se encontrar as linhas de virtualização que orientam os modos de atualização da

figura do *personagem* no documentário. Nesse sentido, desenvolve-se no segundo capítulo desta pesquisa um movimento de *rastreio** através do passado do gênero, buscando encontrar nas diferentes etapas assumidas ao longo da história a presença do personagem”. (p. 11).

*O movimento de *rastreio* integra uma das etapas inerentes ao processo *cartográfico* (...).



“(…) *memória-documentário* relacionado aos movimentos de transformação operados na forma deste tipo de cinema ao longo da tradição brasileira de produção documental, visando promover uma aproximação sobre o contexto no qual o filme *Kilmayr* se encontra inserido. Esse capítulo apresenta-se em dois segmentos principais. A primeira parte aborda de maneira crítica alguns movimentos da tradição de documentário brasileiro em função das relações estabelecidas com outras correntes de produção associadas, principalmente, ao estilo cunhado pela escola inglesa de documentários. A partir dos textos de Jean-Claude Bernardet (2003) e Arthur Omar (1997), trabalhados nessa etapa do capítulo, **são traçadas as linhas de fuga* que conduzem às transformações operadas na forma do documentário brasileiro**. A segunda parte do capítulo avança sobre o domínio contemporâneo da produção, onde são abordados os aspectos estéticos e narrativos que se destacam em filmes mais recentes. (p. 11).

* Os movimentos de *linhas de fuga* integram o conceito de *rizoma* (...)



“(…) *memória-filme* do curta-metragem *Kilmayr*. Nessa etapa, **realizam-se leituras cartográficas sobre o objeto empírico de pesquisa, visando encontrar as linhas de virtualização que atualizam o personagem-Kilmayr**. (p. 12).



“(…) alcançar dois níveis da *memória-filme* em *Kilmayr*: um primeiro, **relacionado ao conjunto de linhas de virtualização dos encontros do personagem com a multiplicidade formadora do sujeito**; um segundo, **relacionado ao conjunto de linhas de virtualização do personagem que se inscrevem a partir dos procedimentos operados sobre a imagem fílmica, que correspondem às linhas de virtualização do personagem através**: a) da imagem mediada pelo aparato cinematográfico (imagem-câmera); b) da textura apresentada pela imagem videográfica processada digitalmente (imagem-textura); c) dos modos como as imagens se organizam e adquirem sentido através da montagem (imagem-montagem). (p. 12).



“(…) os conceitos de *Cartografia* e *Rizoma* como duas perspectivas metodológicas que oferecem, cada uma a seu modo, estratégias de aproximação entre pesquisador e objeto de estudo, através de caminhos que **incentivam a inscrição subjetiva nos processos investigativos e que visam instrumentalizar o olhar para desfiar a teia virtual que enreda a forma atual do objeto empírico**. (p. 24).



“Estes conceitos são entendidos, como complementares e, ainda que sejam apresentados separadamente, há **diversos pontos de conexão que os tornam indissociáveis em alguns momentos**. Por fim, dada a natureza dinâmica destes conceitos, sua empregabilidade como metodologia de pesquisa ou para outros fins não se reduz à proposta aqui apresentada”. (p. 28).

“O rastreio aconteceu nesta pesquisa ao longo de vários momentos. Primeiramente, o *rastreio* compareceu como modo de acercamento do conjunto de materiais que seriam selecionados para integrarem o referencial teórico e o *corpus* desta pesquisa, num sobrevôo panorâmico que ocorreu sobre diversas fontes teóricas do cinema de documentário e sobre processos metodológicos de pesquisa. Em um segundo momento, quando o *corpus* já havia sido delimitado, o *rastreio* constituiu um modo de aproximação ao objeto empírico da pesquisa – o filme *Kilmayr* – e também das entrevistas e demais materiais coletados em campo, como forma de iniciar o mapeamento dos pontos conectivos entre esses materiais e o acervo referencial teórico constituído anteriormente”. (p. 29).



“O toque, nesta pesquisa, aconteceu em todos os momentos em que o olhar panorâmico realizado sobre os diversos materiais se deteve em determinadas regiões, entendidas aqui como os locais onde desdobramentos analíticos existiam em potência e que aguardavam apenas a oportunidade de eclodirem e se atualizarem na pesquisa pela via do *reconhecimento atento*”. (p. 29).



“O pouso, portanto, definiu-se ao longo do trabalho através deste “fechamento do enquadre” sobre determinados aspectos que conduziram o olhar cartográfico através de distintas esferas de existência do objeto, seus estratos virtuais que o configuram como *multiplicidade virtual*”. (p. 30).



“Nesta pesquisa, o *reconhecimento atento* ocorreu em diversas etapas do processo: desde a elaboração do referencial teórico, onde o *reconhecimento atento* agiu sobre os estratos da *memória* constituída a partir da leitura de autores do campo do documentário, até a etapa final da pesquisa, de análise sobre o objeto empírico, onde o uso do *reconhecimento atento* se fez de forma mais intensa sobre determinados territórios do objeto, que foram gradativamente sendo delimitados através de movimentos de *rastreio*, *toque* e *pouso*, anteriormente referidos”. (p. 31).



Nesse sentido, o *reconhecimento atento* pode ser encontrado no modo como a análise se realizou: para cada elemento e para cada movimento apontado na materialidade fílmica – desde os elementos presentes no enquadramento, os movimentos de câmera, o tratamento gráfico dado à imagem e o modo como a montagem articulou os planos do filme – séries de imagens foram sendo evocadas, atualizando as tendências virtuais que agiam sobre cada um dos aspectos abordados pelo processo *cartográfico* realizado sobre o panorama fílmico”. (p. 31).



“Um outro aspecto sobre a cartografia, apontado por Rolnik (1998), **que serviu de inspiração para a seleção dos materiais que foram trabalhados nesta pesquisa, é aquele que aponta para o caráter “antropofágico” inerente ao ato cartográfico.** A atitude do cartógrafo, afirma Rolnik (1998), é a de “dar língua para afetos que pedem passagem; dele se espera basicamente que esteja mergulhado na intensidade de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição de cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago.” (1998, p. 30)”. (p. 34).



“Essa perspectiva apresentada pelo processo *cartográfico* incentivou decisivamente na escolha das fontes que foram utilizadas nesta pesquisa. Além do aparato conceitual e teórico-

metodológico que já foi em parte apresentado aqui, como também do objeto empírico de análise, a pesquisa contou ainda com materiais videográficos e sonoros, coletados a partir de conversas realizadas com o diretor do filme, com o montador e com o próprio Kilmayr”. (p. 34).



“O tensionamento gerado a partir da manipulação entre os diversos materiais audiovisuais gerou pistas para compreender como a articulação entre as ações individuais dos sujeitos envolvidos na produção do curta-metragem configurou-se como um tipo de *performance coletiva*, atuante nos modos de atualização do personagem *Kilmayr*. (p. 37).



“O encontro pessoal com os três membros da equipe de produção do filme segue o princípio fundamental da *cartografia*, **que é o de mergulhar na realidade e deixar-se impregnar por ela, fazer do corpo-pesquisador um instrumento musical que vibra em sintonia com as diferentes tensões da duração**. Como diz Rolnik (1998), aquele que deseja embarcar na constituição dos territórios existenciais “deixa seu corpo vibrar todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontram sons, canais de passagem, carona para a existencialização.” (1998, p. 31) Colocar-se em contato direto, experimentar, abandonar e voltar atrás são movimentos inseparáveis do ato de pesquisa. (p. 37).



“Em suma, o ato *cartográfico* realizado nesta pesquisa ocorreu como um processo de elaboração analítica no qual se buscaram registrar os *circuítos* pelos quais *imagens-lembrança* foram sendo evocadas à medida que *percepções* eram realizadas sobre o objeto. Esses *circuítos* foram organizados na forma de *estratos de memórias*. Estas memórias, descritas ainda neste capítulo, são apresentadas através de três conjuntos: *memória-documentário*; *memória-filme* e *memória-pesquisador*. Num nível interno do conjunto, cada uma dessas memórias é formada por estratos, que reúnem conjuntos de linhas de virtualização. Num nível externo, a interconexão entre esses conjuntos de *memórias* dão conformidade ao que se poderia entender como um quarto conjunto, a *memória-personagem* no filme *Kilmayr*. **A noção de rizoma, bem como de outros conceitos que integram o pensamento bergsoniano sobre a memória, complementam esta perspectiva iniciada pelos movimentos cartográficos**”. (p. 37).

Que potencialidades e/ou limitações o uso da cartografia ofereceu para a comunicação?

“O conceito de *rizoma* (Deleuze; Guattari, 1995) foi usado como um método de “abertura” do objeto. “Abrir o objeto” teve uma função nesta pesquisa, que foi buscar encontrar não a “verdade” do objeto, mas o local onde precisamente o objeto se perde em possibilidades, uma zona de indiscernibilidade que é da ordem do virtual e que só pode ser compreendida através da perspectiva das *multiplicidades*”. (p. 116).



“Dessa maneira, foi possível pensar o objeto de estudo sob o prisma da *memória bergsoniana*. À medida que *percepções atentas* decorrentes de **leituras cartográficas** eram realizadas sobre o objeto, conjuntos de imagens vinham “colar-se” a ele. Esses conjuntos de imagens deram origem nesta pesquisa aos diferentes estratos da *memória-personagem*: *memória-documentário*, *memória-filme* e *memória-pesquisador*”. (p. 116).

“O *personagem-rizoma* surge *entre* as passagens de um estado e outro assumidos pela forma-personagem ao longo do filme. É um personagem que tem como principal característica estar sempre se modificando, se re-inventando, agregando camadas sobre camadas, tornando-se mais denso, ou ainda, como afirma Deleuze (1990), tornando-se “mais real quanto melhor [se] inventa.” (1990, p.184) É um personagem capaz de expressar as linhas da mudança que conduzem à uma dada indiscernibilidade e que produzem um certo tipo de descentramento. Ao romper consigo mesmo, o *personagem-rizoma* instaura uma outro nível do documental que não é mais identitário. Estabelece, portanto, a **desconstrução desta centralidade em torno de uma identidade rígida**”. (p. 116).



“A *direção cartográfica* se apresenta, então, como um modo de realizar filmes que incentiva a liberação de *linhas de fuga* que caracterizam os movimentos do *personagem-rizoma*. Esse tipo de direção se **atualiza nos “documentários de busca” e no modo performático de documentalário. A direção cartográfica, antes de ser um método em si, configura-se como uma disposição de abertura para o devir**”. (p. 118).



“A *direção cartográfica* coloca-se como um modo de realização que estabelece uma abertura para os devires audiovisuais. Os filmes que resultam desse processo apresentam também características *rizomáticas*, ou seja, constituem obras abertas que incitam o espectador a participar ativamente, produzindo interpretações que não são oferecidas prontas, mas apenas sugeridas. Nesse sentido, as leituras suscitadas por esses filmes também se fazem através de processos *cartográficos*, em que o espectador é convidado a traçar seu próprio *mapa*, através da demarcação de territórios afetivos e buscando elaborar suas próprias navegações. O espectador que entra em contato com filmes *rizomáticos* é incentivado a interagir *atentamente* com as imagens que descrevem territórios não familiares, suscitando um olhar estrangeiro e uma abertura constante para a imprevisibilidade. (p. 118-119).



“As idéias de *direção-cartográfica* e *personagem-rizoma* apresentadas nesta etapa final constituem os primeiros avanços desta pesquisa rumo à elaboração de um conjunto de operadores conceituais fundamentados pela perspectiva das *audiovisualidades*. Espera-se que os movimentos aqui iniciados possam se estender ainda a outras pesquisas que tenham no horizonte de seus propósitos a elaboração de perspectivas voltadas à liberação dos fluxos que existem em potência nas novas formas imagéticas assumidas pelo documentalário contemporâneo”. (p. 119).

ANEXO A

Resumo dos trabalhos

Os trabalhos estão organizados em ordem alfabética pelo nome do autor.

Adeline Gabriela Silva Gil

As multiplicidades espaciais na comunicação midiática digital

1v. 105p. Mestrado. Universidade Est.Paulista Júlio De Mesquita Filho/Bauru – Comunicação

Orientador(es): Adenil Alfeu Domingos

Biblioteca Depositária: UNESP

Palavras - chave:

Interatividade, multiplicidade, interface, mídia digital,

Área(s) do conhecimento:

Comunicação

Banca examinadora:

Dorival Campos Rossi

Linha(s) de pesquisa:

Produção de sentido na comunicação midiática Investiga a construção do sentido nas produções da mídia, considerando as contribuições das ciências da comunicação e da linguagem para a análise do funcionamento de textos verbais e não-verbais, caracterizando-os em termos conteudísticos e formais.

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:

UNESP – PROPG

Idioma(s):

Português

Dependência administrativa

Estadual

Resumo tese/dissertação:

As multiplicidades espaciais na comunicação midiática digital. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática). 2008. 105 fls. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. UNESP/Campus de Bauru. O processo pesquisado é o de criação de espaços no encontro entre o usuário, ou coletivos interagentes, e a hipermídia, enquanto interface digital de comunicação, tanto em sua concepção quanto no momento da interação. Para essa investigação, foram selecionadas algumas produções experimentais, das quais destacamos: Reactable (<http://reactable.iaa.upf.edu/>), uma interface multi-toque que funciona como um meio pelo qual o usuário atualiza um virtual na forma de imagens e sons; Poétrica (<http://www.poetrica.net/>), que aborda processos de comunicação engendrados pela conexão do humano com dispositivos e redes de comunicação à distância e as smart mobs, um fenômeno emergente que aponta para a diversidade de tendências de uso da mídia interativa, compondo uma cartografia que indica relações que essas experimentações estabelecem com territórios e subjetividades; seus processos de virtualização e atualização, bem como sua capacidade de estimular novas relações espaço-temporais, as relações de poder envolvidas, entre outras. A cartografia (Deleuze e Guattari) traça um mapa, aberto por natureza, capaz de relacionar os signos de um território às forças que concorrem para configurá-lo. Uma tal cartografia contribui para o campo da comunicação à medida em que espaços, relações sociais e processos de individuação são cada vez mais condicionados (e não determinados) a novas práticas comunicacionais na contemporaneidade. A criação implica uma ética e uma estética, pois questões que envolvem dimensões sociais, tecnológicas, científicas, culturais, políticas, econômicas e mesmo epistemológicas, em diagramas sempre transformação.

Camila Thormann Farina

Graffitações televisivas: um estudo cartográfico sobre a atualização do graffiti na MTV

1v. 146p. Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Ciências da Comunicação

Orientador(es): Nísia Martins do Rosário

Biblioteca Depositária: Biblioteca da Unisinos

Palavras - chave:

Televisão - MTV; Graffiti; Cartografia.

Área(s) do conhecimento:

Comunicação visual

Relações públicas e propaganda

Teoria da comunicação

Banca examinadora:

Anny Liege Copetti Baggiotto

Linha(s) de pesquisa:

Pesquisa as mídias audiovisuais e a convergência tecnológica. Desenvolve investigações sobre a significação e a produção da produção, da circulação e do consumo de audiovisuais, focalizando suas estéticas linguagens e técnicas, os devires de cultura.

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:

CAPES - PROSUP

Idioma(s):

Português

Dependência administrativa

Particular

Resumo tese/dissertação:

A pesquisa que toma forma nas páginas desta dissertação de mestrado problematiza o graffiti na mídia TV, considerando sua atualização na Music Television (MTV) brasileira. A dissertação, inserida na linha de pesquisa de Audiovisualidades do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNISINOS, partiu da intuição de uma graffitação televisiva na emissora, em relação à qual o projeto colocou os seguintes problemas de pesquisa: Como se atualiza o graffiti na MTV? Que devires de TV podem ser encontrados nas atualizações do graffiti na MTV? Como se configuram os processos técnicos e estéticos nas atualizações do graffiti da MTV? As opções metodológicas estão relacionadas ao processo cartográfico, ao método intuitivo de Bergson, ao método do rizoma de Deleuze e Guattari e ao método desconstrutivo de Derrida. O corpus que possibilitou a cartografia é resultado de um recorte cartográfico de tempos de TV moldurados pela emissora: comerciais, marketing points (MP) e promo imagens (PI) que, apreendidos dos tempos fluídos da programação, constituíram uma síntese do que intuitivamente foi identificado como atualização do graffiti na MTV.

Fayga Naira Rocha Moreira

Mídias, Subjetividade e Terceiro Setor: a comunicação como problema social em favelas cariocas

2v. 119p. Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Comunicação

Orientador(es): Janice Caiafa Pereira e Silva

Biblioteca Depositária: UFRJ

Palavras - chave:

mídia, subjetividade, terceiro setor

Área(s) do conhecimento:

Teoria da Comunicação

Banca examinadora:

Andre Luis dos Santos Queiroz

Linha(s) de pesquisa:

Desenvolve metodologias e análises críticas dos fenômenos comunicativos nas produções da mídia nas instituições de mediação tradicional nas práticas socio-culturais e nos recursos da gestão da informação no âmbito dos dispositivos midiáticos.

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:

CAPES – DS

Idioma(s):

Português

Dependência administrativa

Federal

Resumo tese/dissertação:

O estudo reflete sobre a centralidade de projetos sociais voltados para a comunicação como estratégia de combate à exclusão e à estigmatização. A importância atribuída ao “dar voz” aos moradores de favelas ganha evidência, no âmbito do Terceiro Setor, afirmando-se como uma brecha privilegiada para a inclusão. Uma nova “questão social” (CASTEL, 2004) entra em jogo, guiada principalmente pelas ONGs – entidades que, por meio de técnicas próprias e de um campo teórico específico, re-significam a idéia de militância, orientando o potencial disruptivo de inúmeras “máquinas de guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 1997) que se levantam contra o Estado e demais autoridades. No caso das favelas cariocas, um estatuto identitário é retomado como estratégia supostamente eficaz de inclusão, domesticando os devires e a multiplicidade própria a esse espaço urbano. A partir de uma experiência institucional em uma Organização Não-Governamental, entremeada a ferramentas teóricas e a um trabalho de campo aportado, sobretudo, em alguns recursos da etnografia, buscou-se cartografar esse rico campo de estudos, privilegiando uma abordagem tanto macro quanto micropolítica, o que significa tentar captar os vetores heterogêneos e os arranjos processuais que compõem uma coletividade.

Flávia Garcia Guidotti**Dez Mandamentos de Jorge Furtado: cartografias em três platôs**

1v. 200p. Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Ciências da Comunicação

Orientador(es): Alexandre Rocha da Silva

Biblioteca Depositária: Biblioteca da Unisinos

Palavras - chave:

Jorge Furtado; Cartografia; Cinematografia; Brasil;

Área(s) do conhecimento:

Cinema

Comunicação

Filosofia

Banca examinadora:

Alexandre Rocha da Silva

Flavia Seligman

Miriam de Souza Rossini

Suzana Kilpp

Linha(s) de pesquisa:

A Linha volta-se para os dispositivos midiáticos como instâncias produtoras de sentido, mediante o funcionamento de suas estratégias e enunciações, e segundo os discursos em situação de produção e de recepção social.

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:

CAPES - DS

Idioma(s):

Português

Dependência administrativa

Particular

Resumo tese/dissertação:

Dez mandamentos de Jorge Furtado: cartografias em três platôs cartografa um conjunto de treze filmes, dez curtas e três longas-metragens, escritos e dirigidos por Jorge Furtado. Para tanto são utilizados conceitos provenientes da filosofia contemporânea, especialmente aqueles desenvolvidos por Gilles Deleuze. O trabalho se organiza atravessando três platôs. No primeiro estão narrativas que foram compostas a partir do meu encontro com os filmes, ou melhor, da experiência desta narradora-espectadora-pesquisadora com o seu objeto de estudo. No segundo platô estão as tramas conceituais com as quais o trabalho dissertativo se fez. Nesse, foram estudados conceitos da ordem da multiplicidade, da cartografia, e, por último, alguns termos relacionados à questão da autoria. Esses conceitos permitem pensar sobre os filmes e também delimitar um território do qual foi possível extrair o que aqui se denomina de "dez mandamentos de Jorge Furtado". Nesses dez mandamentos encontram-se considerações sobre: 1) a relação entre a realidade e a ficção suscitada pela obra cinematográfica de Jorge Furtado; 2) a transvalorização dos valores morais; 3) as mídias como sujeitos narrativos; 4) os agenciamentos intertextuais e a reciclagem de imagens, sons e palavras; 5) a metalinguagem; 6) a montagem dialética como forma de agenciamento; 7) a indicação de leitura em um cinema com notas de rodapés; 8) a autoria e o autoritarismo; 9) o trabalho de Jorge Furtado em televisão em paralelo à sua produção de cinema; 10) a redução do múltiplo ao uno.

Heloisa Maria Domingues Neves**Mapas do encontro: estudos da relação comunicativa corpo - cidade**

1v. 79p. Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Comunicação e Semiótica

Orientador(es): Christine Greiner

Biblioteca Depositária: PUC/SP

Palavras - chave:

corpo; cidade; comunicação; arquitetura.

Área(s) do conhecimento:

COMUNICAÇÃO

Banca examinadora:

Christine Greiner

Dorival Campos Rossi

Naira Neide Ciotti

Linha(s) de pesquisa:

Cultura e Ambientes Midiáticos Estudos das relações entre a produção midiática e o contexto histórico e cultural, implicando-se as mediações e impactos sociais, políticos, cognitivos e tecnológicos na organização da vida cotidiana.

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:

CAPES

Idioma(s):

Português

Dependência administrativa

Particular

Resumo tese/dissertação:

O objetivo desta dissertação de mestrado é estudar um tipo específico de mapa que nomeamos como 'mapa dos encontros'. Este objeto investiga como se dá e se representa a comunicação entre pessoas e cidades. O estudo parte da discussão das ações da 'representação' e 'percepção' conforme vêm sendo estudadas na contemporaneidade pela rede transdisciplinar que compõe a grade teórica desta pesquisa. O foco principal do debate foram as discussões acerca da emoção, do sentimento e das imagens do corpo realizadas por Antônio Damásio (1999, 2003); o conceito de enação proposto por Francisco Varela (1991); as diferenças entre mapa e decalque propostas por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1999); e o conceito de corpomídia,

especialmente no que diz respeito aos processos comunicativos envolvidos na relação do corpo com o ambiente proposta por Greiner e Katz (2005). Os resultados da pesquisa foram uma revisão bibliográfica acerca do que significa criar um mapa e algumas leituras realizadas a partir de mídias diversas (cinema, instalações e mídias impressas), assim como experimentos que constam de medições de sinais corporais no momento em que o corpo está exposto a imagens da própria cidade, ou seja, quando uma ação de encontro perceptivo ocorre. Estes sinais foram posteriormente decodificados em imagens e sons, o que nos levou efetivamente à criação de um mapa do encontro entre corpo e cidade. Parte da pesquisa foi desenvolvida em Lima (Peru) no Laboratório de Biotecnologia e no CIAC (Centro de Investigación de la Arquitectura y la Ciudad) da Pontificia Universidade Católica.

Lilian Monaro Engelmann Coelho

Escutas em musicoterapia: a escuta como espaço de relação

1v. 130p. Mestrado. Pontificia Universidade Católica de São Paulo - Comunicação e Semiótica

Orientador(es): Silvio Ferraz Mello Filho

Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Nadir Kfoury

Palavras - chave:

escuta musicoterápica, escuta musical, relação

Área(s) do conhecimento:

Comunicação

Banca examinadora:

Carlos Palombini

Silvio Ferraz Mello Filho

Suely Belinha Rolnik

Linha(s) de pesquisa:

Linguagens da arte e artemídia Esta linha investiga a arte enquanto fenômeno comunicativo nos aspectos de produção, recepção e consumo que se realizam dentro de uma linguagem (cinema, dança, artes plásticas, música, teatro etc.), bem como das incorporações dos fenômenos artísticos.

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:

FAPESP

Idioma(s):

Português

Dependência administrativa

Particular

Resumo tese/dissertação:

Esta dissertação põe em foco a escuta musicoterápica e seus espaços de relação. A escuta aqui, é pensada, não como uma relação que concebe um som significativo a um sentido significado, mas sim, como uma produção, uma escuta que inventa mundos. A pesquisa busca, nas produções e no pensamento da escuta musical do século XX, dispositivos para potencializar a escuta musicoterápica no seu espaço relacional. Os estudos são desenvolvidos a partir do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, no que tange ao desejo de produção que fabrica escutas e no movimento do ritornelo. Também se busca, através dos regimes de signos, cartografar a subjetividade da escuta musicoterápica em seus processos de invenção dialogando com o pensamento da escuta musical do século XX.

Ludmila de Lima Brandão

A casa subjetiva - matérias, afectos e espaço domésticos

1v. 238p. Doutorado. Pontificia Universidade Católica de São Paulo - Comunicação e Semiótica

Orientador(es): Jerusa de Carvalho Pires Ferreira

Biblioteca Depositária: PUC/SP

Palavras - chave:

espaços domésticos, casa, homem

Área(s) do conhecimento:

Comunicação

Banca examinadora:

Jerusa de Carvalho Pires Ferreira

Lucio José de Sá Leitão Agra

Miriam Chnaiderman

Nelson Brissac Peixoto

Peter Pál Pelbart

Linha(s) de pesquisa:

Semiótica da Cultura e da Arte II Estudo de teorias da literatura antropológicas e culturais da produção artística entendida enquanto fenômenos de comunicação.

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:

CAPES - DS

Idioma(s):

Português

Dependência administrativa

Particular

Resumo tese/dissertação:

Partindo da noção de casa no território humano, o trabalho visa explorar, cartografar, ora conceitualmente, ora focalizadamente a relação entre casas e homens. De um modo geral, a arquitetura, ou o espaço construído é sempre tomado como "produção" material e simbólica do homem. Pretende-se, nesta pesquisa, lançar luz sobre um contra-fluxo dessa relação, onde os espaços produzem homens, no sentido em que funcionam como focos ou agenciamentos de subjetividade. Segue, então, duas linhas paralelas e mutuamente referentes: uma que se utiliza de trilhas conceituais desenvolvidas na obra conjunta de G. Deleuze e F. Guattari para pensar casas em geral, onde conceitos como rizoma, território e nomadismo são especificamente convocados e outra que se propõe exploratória (e experimental) de casa singulares na qual recursos e lições da etnografia e da literatura são convocados para a montagem dos blocos de espaços-tempos domésticos expressivos. Duas casas são objetos dessa exploração: a primeira, uma casa-de-fazenda do século XIX e a Segunda, uma residência urbana da década de 60, ambas situadas na região da Baixada Cuiabana no Estado de Mato Grosso. O último bloco sonda o que parece se configurar como um "morar contemporâneo". Ao contrário de tomar a especificidade de uma casa, optou-se pela exploração de fragmentos que pareçam expressivos desse morar, extraídos de diversas casas "contemporâneas". A idéia dessa estreita e co-producente relação homem-espaço doméstico que percorre toda a tese carrega consigo uma preocupação específica com a produção contemporânea dos espaços. Nesse sentido, o esforço é introduzir dados novos ou, ao menos, produzir uma certa inflexão nos atuais rumos de um pensamento sobre a arquitetura.

Tiago Ricciardi Correa Lopes**Personagem - Rizoma: atualizações do personagem no curta – metragem Kilmayr**

1v. 155p. Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Ciências da Comunicação

Orientador(es): Flavia Seligman

Biblioteca Depositária: Biblioteca da Unisinos

Palavras - chave:

Cinema; Documentário; Filme; Personagem; Rizoma

Área(s) do conhecimento:

Artes do vídeo

Cinema

Banca examinadora:

Flavia Seligman

João Guilherme Barone Reis e Silva

Nísia Martins do Rosário

Linha(s) de pesquisa:

Pesquisa as mídias audiovisuais e a convergência tecnológica. Desenvolve investigações sobre a significação e a produção da produção, da circulação e do consumo de audiovisuais, focalizando suas estéticas linguagens e técnicas, os devires de cultura.

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:

Idioma(s):

Português

Dependência administrativa

Particular

Resumo tese/dissertação:

A pesquisa que toma forma nas páginas desta dissertação de mestrado problematiza o personagem nos filmes de documentário, tomando como objeto empírico o curta-metragem Kilmayr, de Marcio Schenatto. A dissertação, inserida na linha de pesquisa de Mídias e Processos Audiovisuais do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNISINOS e vinculada ao diretório de pesquisa CNPq Audiovisualidades, tem como objetivo geral verificar e compreender os modos de atualização do personagem no curta-metragem Kilmayr. Para tanto, os processos metodológicos adotados são relacionados às concepções de cartografia e rizoma, buscando sustentação em elaborações filosóficas contemporâneas, a fim de conceber o objeto de pesquisa a partir de conceitos da ordem das multiplicidades.

ANEXO B

CD dos trabalhos selecionados